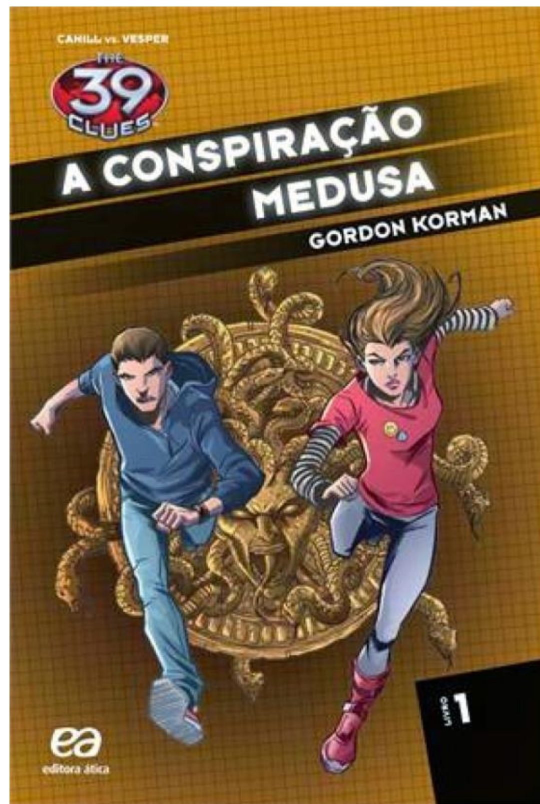
A Conspiração Medusa



Dois anos antes, Amy e Dan tiveram seu primeiro confronto com os Vesper, perigoso grupo que há quinhentos anos persegue os Cahill. Os irmãos conseguiram escapar, mas desde então se preparam para o contra-ataque.

A ofensiva inimiga não poderia ser pior. Sete membros da família são sequestrados e, para salvar os reféns, Amy e Dan deverão pagar um resgate de valor inestimável: a *Medusa*, do artista italiano Caravaggio, que fica exposta e muito bem guardada na Galeria Uffizi, em Florença.

Nesta emocionante aventura, os irmãos Cahill correm contra o tempo para cumprir as exigências (e tentar descobrir o que há por trás delas), ao mesmo tempo que, com familiares espalhados pelo mundo, tentam desvendar a identidade dos misteriosos Vesper.

Somos mais que meramente Lucian, Janus, Ekaterina, Tomas ou Madrigal.
Somos todos Cahill e estamos sendo atacados.

Prólogo

Vale do Napa, Califórnia, 5h42, horário do Pacífico (GMT-8).

Fiske Cahill adorava o início da manhã, o momento glorioso em que os raios de sol surgiam por entre os topos das montanhas. Ele se orgulhava de ser da costa leste, mas a Califórnia é incomparável.

E, entrando lentamente na banheira de água mineral, ele sentiu o toque revigorante do calor, que provinha do magma armazenado nas profundezas da Terra. As dores e a inflexibilidade do seu corpo de 69 anos pareciam se dissolver, enquanto a sensação de relaxamento o tomava por completo. Nada poderia estragar a perfeição daquele momento.

Fiske fechou os olhos. Foi seu primeiro erro.

A serpente mergulhou na água com um leve *splash.* Era uma cobra-mocassim aquática ainda filhote. O veneno é mais forte nas mais jovens.

Fiske não chegou a ver o réptil. Sentiu uma picada repentina, seguida de uma dor insuportável e, então, mergulhou na total escuridão.

Dois homens de macacão o tiraram da banheira e aplicaram uma pequena dose de soro antiofídico em seu abdômen. Depois o embrulharam numa capa de vinil para piscina e o carregaram até o furgão.

Um dos homens ainda se lembrou de tirar a cobra da água e atirá-la no meio do mato. Se ela sobrevivesse e por acaso picasse outro hóspede do resort, não era problema deles.

* * *

Ponce, Porto Rico, 9h42, horário do Atlântico (GMT-4).

Reagan Holt avançava pelo cintilante mar do Caribe com braçadas longas e poderosas. Aos 13 anos de idade, já tinha completado sete triatlos do Ironman, mas agora estava treinando para os campeonatos mundiais. A costa sul de Porto Rico, menos turística, era o local perfeito: tempo perfeito, estradas pouco movimentadas (boas para correr e andar de bicicleta) e água quentinha e cristalina (ótima para nadar). Havia até entretenimento à disposição nas exaustivas maratonas oceânicas. Através dos seus óculos de proteção, Reagan curtia o show do fundo do mar: centenas de espécies de peixes, corais coloridos e...

Um susto a fez perder o ritmo. Reagan teve dificuldade para se recompor. No primeiro momento, pensou que foi uma miragem submarina, mas não. A cerca de vinte metros de distância, um pouco abaixo da superfície, um mergulhador se refugiava em uma jaula antitubarões!

O que está acontecendo?

Foi quando ela viu o tubarão-martelo. Era grande, com pelo menos cinco metros de comprimento. Avançava com movimentos sinuosos. Seus olhos estranhos varriam todo o recife. Quando eles se fixaram em Reagan, ela congelou.

O corpo comprido do animal virou um míssil guiado se projetando na direção dela em alta velocidade. Seu pânico foi imediato e total. Nem mesmo o mais veloz dos humanos seria capaz de nadar como um tubarão.

A jaula. Era sua única opção. Reagan nadou para ela, imaginando que a qualquer momento sentiria a mordida devastadora dos dentes serrilhados. O mergulhador leu seus pensamentos e abriu a porta da jaula. Reagan se jogou para dentro, batendo a porta no exato momento em que a cabeça alongada do tubarão se chocava contra a grade de titânio. O próprio mar pareceu sacudir. Reagan foi jogada contra a estrutura, mas a jaula resistiu.

O mergulhador deu puxões rápidos em uma corda dando um sinal. Então, um guincho mecânico começou a içar a jaula para fora da água. Quando eles irromperam na superfície, Reagan viu o barco. Um sentimento de alívio a dominou. O treino não havia lhe custado a vida.

Tripulantes os puxaram sobre a amurada e colocaram no convés.

A garota mal conseguia ficar em pé quando saiu da jaula e deu alguns passos no convés de madeira.

— Obrigada pessoal! Foi por pouco que...

Então notou que um dos marinheiros apontava uma arma para ela.

* * *

Londres, Reino Unido, 13h42, hora de Greenwich (GMT+0).

Sempre que alguém sugeria a Natalie Kabra que “encontrasse um lugar onde se sentisse feliz”, ela pensava na Harrods.

Essa era a razão de ter tirado o dia para cuidar da sua saúde mental, longe do colégio interno. Quando as coisas não vão *bem*, pessoas de *bens* saem para fazer as compras. E que lugar seria melhor para isso do que a mais famosa loja de departamentos do mundo, no coração do bairro londrino de Kinghtsbridge?

Um olhar de relance para o outdoor em um ponto de ônibus deixou Natalie desanimada. Era um anúncio da AjudaOperaMilagres, uma organização sem fins lucrativos dedicada à assistência mundial em situações de calamidade. A fundadora da organização aparecia no anúncio com o olhar cheio de compaixão, irradiando caridade, benevolência e boa vontade.



Natalie não acreditava nem um pouco naquilo, e tinha razão para isso. A mulher do anúncio, Isabel Kabra, era sua mãe, uma fria e cruel conspiradora, incendiária, assassina e terrorista. A única razão pela qual Isabel criara uma organização que fazia o bem pelo mundo é que havia sido a chave para sair da prisão: prestando serviços comunitários, ela ganhara a liberdade condicional. Natalie tinha pena da infeliz comunidade escolhida para receber a assistência de Isabel.

A simples visão da mãe quase a fez retornar ao colégio. Havia sido Isabel que a tinha apresentado à Harrods. Mas não podia culpar a loja por isso, concluiu Natalie, passando pela porta de entrada.

A força do hábito levou diretamente a seção Teen, na parte de grife, é claro. Sem consultar uma única etiqueta de preço, Natalie encheu os braços de peças e se dirigiu ao provador. Ao fechar a porta, surpreendeu-se com o inesperado segundo clique. Tentou abri-la; estava trancada.

Então seu mundo pendeu, fazendo-a tombar contra o espelho. O cubículo inteiro foi erguido e de repente começou a se mover.

As demais clientes do setor não prestaram atenção na grande caixa que dois funcionários carregavam para fora da loja. Ninguém ouvia nada: os gritos de Natalie ficaram presos na cabine à prova de som.

* * *

Paris, França, 14h42, horário da Europa central (GMT+1).

Para Nellie Gomez, não havia em Paris melhor café com mesas na calçadas que o Les Fraises. E esse era um assunto que ela conhecia bem...

Nellie adorava Paris. Apesar da saudade que sentia da casa, o curso de um mês de culinária francesa era um sonho que se tornava realidade. Ela amava viver em um lugar onde piercings de nariz e visual punk eram vistos como algo totalmente normal. Ela amava as atrações da cidade, desde as antigas ruínas romanas até a ultramoderna pirâmide de vidro na entrada do Louvre.

Acima de tudo, porém, ela amava a comida. O seminário sobre molhos tinha durado até a hora do almoço, dando a ela a desculpa perfeita para ir ao Les Fraises em seu estado habitual: faminta.

O croissant de chocolate e morango que a garçonete colocou em sua mesa ao lado do café expresso parecia um pouco diferente do normal. Seria o açúcar do confeiteiro por cima? O chef estaria tentando melhorar o que já era perfeito? Nellie estava ansiosa para descobrir.

Levou o croissant até a boca.

Puff!

Uma nuvem explodiu do pão, envolvendo o rosto dela. O pó desapareceu em poucos segundos, mas então Nellie já estava afundada na cadeira, desmaiada.

Uma ambulância estacionou em frente ao café. Dois funcionários de uniformes brancos acomodaram Nellie na parte traseira do veículo, que então partiu.

* * *

Telavive, Israel, 15h42, horário-padrão de Israel (GMT+2).

— Por aqui, crianças.

Alistair Oh estendeu o braço e conduziu Ned e Ted Starling para dentro do elevador do edifício de consultórios médicos. Era triste que, aos 66 anos, Alistair estivesse amparando dois adolescentes no auge da força e juventude. Deveria ser ao contrário.

Lamentavelmente, era esse o legado das 39 pistas. Os garotos tinham sido vítimas de uma sabotagem covarde no Instituto Franklin, na Filadélfia. Agora Ned sofria de dores de cabeça tão intensas que não conseguia se concentrar por mais do que alguns minutos. E ele teve sorte. Seu irmão, Ted, estava cego.

Alistair deu um suspiro. Talvez doutor Shallit pudesse ajudar. Era este o motivo da viagem deles a Israel: consultar-se com o maior neurologista do mundo. O doutor Shallit tinha conseguido resultados milagrosos em pacientes com lesões semelhantes.

Alistair pressionou o botão e o elevador começou a subir. Ao chegar ao décimo oitavo andar, desacelerou e parou.

A porta não se abriu.

No instante seguinte, eles estavam em queda livre. O elevador descia pelo poço em velocidade crescente.

— *Crianças...*

A palavra morreu em seus lábios. Não havia nada tranquilizador a dizer para o fato de eles estarem despencando para uma morte violenta.

Alistair agarrou os braços dos meninos com mais força. Que lugar estranho para a vida dele terminar. Ainda assim, parecia apropriado membros do mesmo clã morressem juntos.

Alguns metros antes de alcançar o fundo do poço, o elevador foi de uma velocidade terminal para uma parada total. A desaceleração brusca jogou os três ao chão. Ned bateu a cabeça e gritou de dor e medo.

A porta se abriu. Três brutamontes bloqueavam a passagem para o estacionamento do subsolo; seus rostos estavam cobertos com lenços, do tipo que se usa no deserto. O líder se abaixou para agarrar Alistair, mas subestimou a determinação dele. A bengala com cabo de diamante golpeou e fraturou o pulso do homem.

O agressor soltou um palavrão e recuou de dor.

Alistair ajudou os garotos a ficar de pé.

— *Corram!* — ordenou.

Ned agarrou o braço do irmão e se abaixou para tentar escapar das mãos que tentava alcançá-los. Os dois dispararam por um longo dos carros. Um dos agressores correu atrás deles.

Estavam quase alcançado a saída quando Ted deu uma topada no meio-fio. Ele não chegou a cair, pois o homem que o perseguia o agarrou antes que ele atingisse o chão.

Uma súbita dor de cabeça, daquelas que fulminavam tudo em sua mente, fez Ned hesitar.

Não. Agora não...

Com um esforço sobre-humano, ele se voltou para o irmão. Ted tinha sido capturado e Alistair Oh estava dominado ao lado do elevador. Apenas ele estava livre.

A voz de Alistair Oh ecoou pelo galpão de concreto.

— Corra! E ligue para William McIntyre!

Com o coração na mão, Ned Starling fugiu.

* * *

Tóquio, Japão, 22h42, horário padrão do Japão (GMT+9).

Phoenix Wizard estava em busca da vibe do hip hop.

Era isso que seu primo Jonah tinha perdido que ele procurasse. Deveria ser fácil de encontrar no meio de uma multidão de fãs delirantes que pulavam, batiam os pés e gritavam ao som da música de Jonah Wizard, o cantor número 1 do planeta.

O rapper adolescente era sensacional. Das fileiras mais distantes ao palco daquele enorme estúdio, ele deveria parecer do tamanho de um inseto. Mesmo assim, cada movimento seu, cada batida, cada "Aê, o que tá pegando?" arrepiavam a plateia. Jonah era um hipnotizador do hip-hop, e todas as 65 mil pessoas no show obedeciam as ordens: ficar doidonas, gritar alto e curtir a emoção.

Todos exceto uma.

Phoenix reverenciava o primo famoso. Que garoto de 12 anos não idolatraria uma celebridade? E Jonah era famoso somente no mundo da música. Já tinha sido protagonista de vários filmes, inclusive seu primeiro blockbuster, *As crônicas de gangsta*, e tinha seu próprio reality show na TV. Seu rosto estava imortalizado em caixinhas de balas e em porta-pirulitos motorizados. Paparazzi o seguiam por toda a parte.

Mas a música... Essa era a parte não emocionava Phoenix nem um pouco. Ele preferia que arrancasse sua língua a confessar, mas achava a música horrível. Na verdade era apenas falação. Uma letra toda pretensiosa acompanhada de uma batida repetida simples.

Por que eu não consigo enxergar o que toda essa gente vê?

Jonah começou a instigar a multidão a ficar ainda mais animada.

— Adoro Tóquio. E a única cidade que chama "toca-aê, ô"! *Fiquem de pé mostrem que sabem dançar!*

A resposta foi sísmica. Os fãs que ainda não estavam em pé se levantaram, formando uma onda de dezenas de milhares de corpos. Phoenix se pôs em pé com eles, torcendo para aquele entusiasmo o contagiasse.

Mas ele não sentiu nada. O que poderia ser mais patético do que um Wizard sem ritmo? Em todo lugar a sua volta, fãs se balançavam como se suas vidas dependessem disso. Estarrecido, Phoenix viu as pessoas sendo erguidas e passadas de mão em mão sobre as cabeças de quem estava na plateia.

Uma adolescente flutuou acima dele; sua expressão era de puro deleite. Ela, sim, tinha encontrado a *vibe* do hip-hop.

Determinado a compartilhar essa experiência, Phoenix subiu no braço de sua cadeira, ficando sobre aquela multidão. Vibrou de emoção quando sentiu moverem seu corpo, flutuando acima das pessoas, e por alguma razão não teve medo. Os milhões de mãos criavam uma superfície inteiriça. Era quase como nadar, navegar pelas coerentes marítimas que percorriam o estádio. Incrível! Ele não via a hora de contar para Jonah.

E o passeio só ficava cada vez melhor! Parecia que ele se deslocava cada vez mais rápido. Mas por que estava se afastando do palco, em direção a um dos túneis de saída? O show era do outro lado!

Quando foi posto no chão, estava longe de todos, na escuridão da passagem de concreto, ladeado por dois homens com óculos escuros espelhados.

— O quê...?

Um pano úmido e fedido cobriu seu rosto. Phoenix tentou resistir, mas o clorofórmio o fez desmaiar.

* * *

Embora tenha ocorrido em diferentes fusos horários espalhados pelo mundo, os sequestros foram executados exatamente no mesmo instante. As vítimas tinham apenas uma coisa em comum: as sete eram da família Cahill, a mais poderosa da história da humanidade.

Capítulo 1

Um galho que tinha entrado na manga da camiseta de Dan fazia-lhe cócegas, mas valia a pena. Empoleirado na árvore, ele via a varanda da mansão, onde perto das portas de entrada ficava um balanço de madeira de dois lugares. Sua irmã, Amy, estava sentada ao lado do namorado, Evan Tolliver. Seria interessante. Fazia poucos meses que eles namoravam, mas Amy tinha passado os dois últimos anos obcecada pelo cara. Era uma união perfeita: a estudiosa e o expert em tecnologia. Dan acionou o gravador do celular. A posterioridade precisava ouvir as doces palavras do romantismo que estavam prestes a ser trocadas ente aquela Julieta e seu amado Romeu.

Vamos lá, pessoal, não tenho o dia todo! O ônibus da escola vai chegar em dez minutos!

Determinado a não perder uma única palavra, se é que haveria alguma, Dan avançou cuidadosamente no galho e ficou equilibrado de forma precária lá no alto, acima do casal. O primeiro som que ouviu estava longe de ser uma expressão de amor.

— *Mrrrp*.

Dan arriscou um olhar rápido para trás. Sentado ali, no mesmo galho, estava Saladin, o gato muito mimado que Amy e Dan tinham herdado da avó, Grace Cahill. O olhar insondável do Mau Egípcio o analisava como raio laser. Na boca, Saladin trazia uma lata vazia de caviar russo, atualmente seu lanche favorito.

— Agora não, Saladin! — Dan sussurrou. — Não está vendo que estou ocupado?

O gato o olhou solenemente e começou a avançar pelo galho.

— Saia daqui! — cochichou Dan. — Você vai matar nós dois!

Por causa da sua preferência por quitutes caros como caviar, salmão fresco, bolinhos de camarão e sushi, Saladin não era exatamente peso-pena. O galho começou a tremer.

Dan tentou restaurar o equilíbrio se ajeitando no lugar. O galho não suportou e, com um estrondo, se partiu. Saladin pulou para o tronco da árvore e se agarrou nele com as unhas, enquanto Dan e o galho caíram juntos e estatelados aos pés do casal.

Amy e Evan pularam do banco e olharam espantados para Dan no meio dos destroços.

— Você estava espionando a gente? — ela indagou.

Dan se levantou, esfregando um corte no braço.

— Eu queria atrair Saladin para fora da árvore com um pouco daquele caviar que ele gosta — explicou, com uma expressão de perfeita inocência no rosto.

Saladin interveio com um *“Mrrp!”* indignado, e a lata caiu no chão.

— E pode ficar aí em cima até aprender a lição! — Dan repreendeu o gato.

Com um suspiro exasperado, Amy escalou o tronco, envolveu Saladin pela barriga com a mão livre e desceu novamente, colocando o gato no gramado. Dan observou com certa surpresa a facilidade com que a irmã subiu na árvore. Ela tinha virado uma atleta. Isso era novidade. Amy treinava constantemente: corria, enfrentava muros de escalada, malhava como louca na academia montada no porão da mansão. Parecia a mesma Amy de sempre, mas não era. Dois anos antes, ela era tímida, gentil e inapta. Até que o destino inesperadamente exigiu coisas extraordinárias dos dois órfãos de Boston. Por isso agora vinha se preparando.

Dan também tinha consciência do perigo, mas sua irmã dedicava toda a vida nela nisso.

— Só porque você promoveu a idiotice à condição de categoria artística, isso não lhe dá o direito de nos espionar. Você não tem nada melhor para fazer?

Dan devolveu um olhar furioso, magoado. Ele jamais poderia dizer a verdade a Amy: que ele não tinha *mesmo* nada melhor para fazer.

Amy não fora a única a atravessar o planeta dois anos antes numa caça ao tesouro de alto risco. Dan tinha estado ao lado dela a cada passo da jornada. Eles sobreviveram graças à inteligência ágil de ambos, sempre escapando de desastres por pouco, e com nada menos do que o futuro do mundo em jogo.

As 39 pistas. Há dois anos, ele nunca tinha ouvido falar disso. Mas, quando o funeral da avó deles terminou, Dan já tinha escutado mais do teria gostado de saber. Ele e Amy faziam parte da família mais influente da História, cujo poder tinha origem nas pistas.

A caça às pistas havia levado os dois até o limite da resistência humana. Tinha exaurido suas almas. Quase resultara na morte deles.

Então por que Dan tinha a sensação de que essa era a única coisa relevante que tinha feito na vida?

Quando você vivencia algo como a caça às pistas, o oitavo ano escolar simplesmente não importa. Como poderia?

Arrastar-se para fora da cama. Subir no ônibus escolar. Fazer a lição de casa. Repetir tudo isso cinquenta mil vezes.

Não que Dan quisesse voltar a ser perseguido, explodido, socado, envenenado, estrangulado, usado como isca de crocodilo ou virado alvo de atiradores. Tinha sido horrível. Voltar a isso? Jamais!

No entanto, ele nunca tinha se sentindo tão vivo, tão desperto como durante aquelas semanas insanas e perigosas. Ultimamente Dan andava fascinado com histórias de soldados que voltavam para casa depois de sofrer os horrores da guerra. Eles ficavam felicíssimos por deixar a guerra para trás, mas sentiam dificuldades de se reintegrar em suas famílias, em suas rotinas.

Na prática, Dan tinha tudo o que sempre desejou. Eles ficaram ricos. Viviam em uma mansão enorme com todos os videogames e aparelhos eletrônicos de entretenimento possíveis. Dan desfrutava de um grau de independência e liberdade com que a maioria dos garotos de 13 anos só podia sonhar.

Então qual era o problema? Por que ele sentia como se o mundo ao seu redor tivesse saído de uma televisão de 1967, como uma tela minúscula e imagem em preto e branco?

Talvez eu esteja entediado, só isso...

De um jeito ou de outro, faltava alguma coisa.

Uma série de sinais de luz vindos do outro lado da propriedade chamou sua atenção. Com os olhos semicerrados, Dan viu Sinead Starling na janela do chalé de hóspedes, virando um espelhinho de mão em direção ao sol.

— Ei, aquilo é código Morse? — perguntou Evan.

— Deve ser o código soviético da Guerra Fria que ela acabou de decifrar — falou Amy. — É o novo favorito dela.

— Por que ela *precisa* de um código? — Dan resmungou. — Ela mora na nossa casa de hóspedes. Pode falar com a gente quando quiser.

Ele já sabia a resposta. Alta, linda e inteligentíssima, Sinead nunca fazia nada do jeito mais fácil. Ela tinha recusado a bolsa de estudos para gênios da Fundação MacArthur para reformar a casa de hóspedes e participar do treinamento de Amy. As duas haviam sido rivais implacáveis durante a caça às pistas, mas em pouquíssimo tempo ficaram tão amigas que pareciam irmãs.

Dan era obrigado a admitir que Sinead até que era bacana para alguém que tinha um código favorito.

Os sinais de luz cessaram e Sinead emergiu da casa. Entrou num quadriciclo motorizado e atravessou o terreno acidentado em direção a Amy, Dan e Evan. Em sua cabeça, óculos de proteção para solda seguravam sua juba de cabelos ruivos escuros.

— O ônibus da escola está adiantado — informou. — Eu estava no telhado quando o vi descendo a rodovia.

— Por que você estava em cima do telhado? — quis saber Evan.

— Estou reformando o *boiler* para acabar com a emissão de carbono. Precisei fazer algumas modificações na chaminé. Vocês deviam me deixar mexer naquele monstro que têm na casa da Grace. A eficiência energética de vocês é patética.

Todo mundo ainda chamava a residência principal de “casa da Grace” por causa da avó de Amy e Dan, embora a própria Grace jamais tivesse morado lá. A mansão original tinha sido destruída em um incêndio logo após o funeral dela. Amy e Dan a haviam reconstruído com base em fotos e em suas saudosas recordações. Vista de fora, era o mais parecida possível com a versão original: um refúgio seguro para dois órfãos; um lugar onde eles

podiam ser felizes. Já o interior da casa era outra história: câmeras infravermelhas, contadores de Geiger, vidros à prova de balas – para falar apenas dos itens de segurança.

Eles ouviram o som de um motor, seguido pelo guincho de um câmbio envelhecido. O ônibus reduziu a marcha ao se aproximar do portão. Evan deu a mão à Amy e a acompanhou até a rua.

Será que esses dois conseguem fazer alguma coisa sem se tocar?, refletiu Dan, seguindo-os. O hábito de Amy e Evan ficarem de mãos dadas o tempo todo o irritava. O mesmo valia para os braços sobre os ombros, como um ficava pendurado no outro, e a proximidade geral. Aquilo era como um holofote chamando a atenção para a solidão dele.

— A gente se vê mais tarde — Amy disse para Sinead.

Sinead não ia ao colégio. O sistema de ensino tinha mais a aprender com ela do que o contrário.

Sua cabeça ainda estava nas modificações no *boiler*.

— Eu poderia reduzir em dois terços a conta de aquecimento de vocês.

— Estamos cheios da grana, lembra? — retrucou Dan.

— O aquecimento global não está nem aí para o que vocês têm no banco — Sinead falou para os dois. — Pensem nisso.

O ônibus parou e a porta se abriu. Amy, Evan e Dan se apressaram a correr pela longa entrada da propriedade e subiram no veículo.

Dan encontrou assento vazio e se jogou nele. Dos dois lados do corredor, duplas de amigos e amigas conversavam animadamente sobre esportes, TV, livros e sobre o dia que teriam pela frente.

Mas ele não. Para Dan, esse era o momento mais sem sentido daquela rotina já nem um pouco emocionante. Por que os dois adolescentes com dinheiro suficiente para comprar trinta carros Maserati precisavam ir para a escola de ônibus?

Ele nunca ia entender isso. Se algum dia o Museu Smithsonian montasse uma exposição sobre transporte escolar, o ônibus para o Colégio Attleboro ganharia destaque. Era velho, abafado, superlotado e cheirava mal. Amortecedores? Que amortecedores? Cada lombada e cada buraco faziam a espinha de Dan vibrar.

Amy dizia que era necessário. Que eles precisavam viver como as outras pessoas. Como se fosse possível! Durante a caça às pistas, ele e Amy tinham visto e feito coisas horríveis, que deveriam ser desconhecidas por adolescentes. Tinha lembranças que nunca iriam sumir. Isso se aplicava acima de tudo a Dan.

Ele olhou para o celular: 8h40. A aula nem tinha começado e ele já estava contando os minutos para voltar para casa. Se a vida real lhe parecia sem graça depois de tudo o que tinha passado, isso valia em dobro para o Colégio Attleboro.

Dan olhou para a irmã, sentada algumas fileiras à frente. Sim, ela e Evan estavam encostados um no outro. Aquilo fazia Dan pensar num castelo de cartas. Se alguém puxasse um dos dois, o outro provavelmente cairia no chão. Dan não sabia ao certo por que eles o incomodavam tanto. O certo seria ele ficar feliz por Amy. A paixão dela vinha do primeiro ano do ensino médio. Amy era tão tímida que tinha sido um milagre ter reunido coragem para falar com Evan. Mas agora que os dois finalmente estavam namorando viviam em um mundinho fechado. Talvez nem notassem a barulhenta troca de marchas, as molas quebradas e o estrondo ensurdecedor do motor enquanto o ônibus se esforçava para se manter à frente do caminhão betoneira que vinha logo atrás.

Dan franziu o cenho. O caminhão estava muito perto mesmo, a poucos metros do para-choque traseiro do ônibus.

Qual é o problema desse motorista? Será que ele não sabe que é perigoso grudar assim em outro veículo?

Dan mal havia formulado esse pensamento quando o caminhão acelerou e bateu na traseira do ônibus.

Eram 8h42 pelo horário do leste dos Estados Unidos (GMT-5), exatamente o mesmo instante em que outros Cahill estavam sendo sequestrados em várias partes do mundo.

* * *

O choque derrubou Evan do banco e fez Amy cair sobre ele. Gritos vindos de todos os lados indicavam que outros alunos também tinham sofrido o impacto.

Meio segundo depois, com uma freada de guinchar pneus, o caminhão-tanque à frente do ônibus escolar virou de lado, bloqueando a estrada. O motorista do ônibus pisou fundo no freio. Fumaça da borracha queimada escureceu o para-brisa.

Amy fechou os olhos, antecipando uma colisão e uma explosão devastadoras. Mas o ônibus parou a centímetros da lataria prateada do caminhão-tanque.

— Desçam todos! — ordenou o motorista.

Não foi preciso falar duas vezes. Os passageiros saíram correndo.

Evan pegou a namorada pela mão.

— Vamos sair daqui!

Amy olhou para trás e confirmou que Dan não tinha se machucado e que estava na fileira atrás deles. Então seguiu Evan, descendo os degraus da parte da frente do ônibus.

Imediatamente ela percebeu duas coisas: 1) o motorista do caminhão betoneira usava uma máscara de esqui que deixava apenas seus olhos à mostra, e 2) aqueles olhos fixaram em Amy assim que ela surgiu.

É agora!

Amy sempre soubera que isso iria acontecer. E, mesmo que a situação estivesse diante dela, ainda assim era difícil de acreditar.

O homem tirou algo do bolso de seu casaco de esqui. A onda de adrenalina que a invadiu era algo que Amy não sentia há bons anos. Quando a mão saiu do bolso segurando um revólver, o pé de Amy já estava erguido. Ela chutou a arma para longe da mão do motorista e sentiu pelo menos dois dedos dele se quebrarem. A arma caiu no chão e deslizou para baixo do caminhão-tanque, para fora do alcance deles.

Os estudantes se dispersaram, apavorados. O agressor esticou a mão boa para agarrar Amy. Evan tentou se colocar à frente da namorada e foi empurrado sem cerimônia.

Mas Amy estava pronta. Vinha se preparando para esse momento desde o fim da caça às pistas. Por isso tinha entrado em forma e treinado artes marciais.

Ela acertou dois socos rápidos que abalaram seu agressor, mas não o nocautearam. Ele voltou a investir contra Amy, e dessa vez contava com ajuda. O motorista e o passageiro do caminhão-tanque, também com máscaras de esqui, entraram na briga.

Amy os manteve a distância, socando e chutando com rapidez e energia. Mas sabia que era uma batalha perdida. Estava se cansando e os adversários eram muito mais fortes.

O que eles vão fazer comigo?, Amy pensou, aterrorizada. *E com Dan?*

No mundo dos Cahill, as consequências do fracasso geralmente eram muito graves.

— Para trás, Amy! — disse uma voz atrás dela.

Dan. Amy obedeceu sem hesitar, um instinto adquirido durante a caça às pistas, nas dezenas de vezes em que Dan tinha salvo sua vida, e ela, a dele.

Dan deu um passo à frente, brandindo a mangueira do caminhão-tanque. Apertou o gatilho e encharcou com combustível os três mascarados dos pés à cabeça. Em seguida olhou à sua volta para os estudantes calados, em choque.

— Alguém tem fogo?

O motorista do ônibus tirou do bolso um isqueiro descartável e o jogou para Dan.

Foi o que bastou para os três homens de máscaras de esqui darem meia-volta e saírem correndo, desaparecendo dentro da mata à beira da estrada.

O silêncio foi ensurdecedor. Ninguém mexia um músculo sequer. Quando os estudantes conseguiram recobrar a fala, perguntas assustadas se sucederam:

— Quem eram aqueles homens?

— Vocês acham que eles vão voltar?

— Amy, onde você aprendeu a lutar desse jeito?

— Eu, eu... — Amy tentou responder, mas sua gagueira a atrapalhou, como sempre acontecia em momentos de tensão. As questões dos Cahill já os tinham pego de surpresa outras vezes, mas nunca na presença de vizinhos e colegas da escola.

Nem na de Evan!

Por falar em Evan...

— Dan — disse o namorado de Amy baixinho — você ia mesmo fazer aquilo?

Dan pareceu desabar em câmera lenta, e se sentou de pernas cruzadas no meio da estrada, ainda agarrando o isqueiro. Embora estivesse abalado, a expressão de seu rosto era fria e determinada.

Amy o conhecia melhor do que ninguém, mas nem mesmo ela podia ler os pensamentos do irmão. Às vezes ele era o mesmo Dan de antes, que procurava colecionar tudo, de tampinhas de garrafa a múmias egípcias. Porém, desde que a caça às pistas terminara, havia momentos em que ele se retraía e ficava fora do alcance.

Os dois Cahill trocaram olhares angustiados. Eles não entediam a razão do ataque contra seu velho ônibus escolar. Mas uma coisa era certa: aqueles homens estavam atrás dela e de Dan. Talvez fosse a história dos Cahill que voltava a persegui-los.

Isso tinha começado outra vez.

As sirenes da polícia fizeram todos abandonar suas especulações e voltar à realidade. O fato de os dois estarem mortos de medo não era desculpa para revelar os segredos dos Cahill. Sem trocar uma palavra, os irmãos concordaram que havia apenas uma coisa que não poderiam contar: a verdade. Obviamente, havia um ônibus cheio de testemunhas, um caminhão betoneira e um caminhão-tanque que eles não podiam ignorar. Mas a pergunta seguinte – *por que* – não estava aberta a discussões.

Os negócios dos Cahill eram assunto exclusivo dos Cahill.

Não somente eram a família mais poderosa de todos os tempos como também uma das mais trágicas. A origem de seu sucesso inacreditável e de seu infortúnio terrível era a mesma coisa: as 39 pistas.

As pistas, descobriu-se então, eram os 39 ingredientes de um soro excepcional que intensificava a inteligência, a astúcia, a criatividade, a inventividade e a força física de qualquer pessoas que ousasse tomá-lo. À primeira vista, o soro oferecia a promessa de uma raça humana melhor. A realidade, contudo, era muito mais sinistra.

A fórmula milagrosa desencadeou uma busca sangrenta por seu controle, nada menos que uma guerra entre cinco clãs da família Cahill: Lucian, Janus, Ekaterina, Tomas e Madrigal. Ninguém sabia quantas vidas a caça às pistas tinha ceifado ao longo dos séculos, desde a do próprio Gideon Cahill, em 1507, até a dos pais de Amy e Dan, nove anos atrás, em um terrível incêndio criminoso. Deviam ser milhares.

A caça às pistas havia acabado. Dois anos antes, Amy e Dan se uniram aos membros mais novos de todos os clãs da família Cahill para destruir o soro por completo. Ninguém deveria desfrutar um poder tão grande. O simples conhecimento da existência da fórmula tinha transformado os Cahill em assassinos implacáveis. Eles precisavam pôr fim a cinco séculos de insensatez.

Mas Amy continuava aguardando o desenrolar da história. Paz e harmonia não combinavam com os Cahill. Ela teve a sensação de que o ataque de hoje tinha sido o primeiro disparo da próxima guerra. E esta faria a caça às pistas parecer um passeio no parque.

Capítulo 2

Enquanto muitos policiais vasculhavam a mata à procura dos três fugitivos dos caminhões, um grupo de investigadores ouvia os depoimentos das dezenas de jovens testemunhas.

Após mais ou menos uma hora, os pais foram chamados para levar seus filhos para casa.

— Ames — Evan se aproximou da namorada chamando-a pelo apelido. — Me conte o que está acontecendo.

Amy estava apreensiva. Ela não sabia se teria conseguido levar uma vida normal outra vez se não fosse por Evan. A transição da caça às pistas para a rotina de estudante do ensino médio não tinha sido fácil. A única parte disso que lhe pareceu completamente natural foi seu sentimento por Evan.

Amy o tinha notado pela primeira vez no laboratório de computação, o território dele. Evan era o Bill Gates do Colégio Attleboro, mas Amy secretamente o apelidou de Anerdorável. Evan era contradição pura, com olhos azuis profundos escondidos atrás de óculos de fundo de garrafa; ombros largos, mas uma postura que, de alguma maneira, sempre a fazia pensar na Pantera Cor-de-Rosa.

Na época, Evan mal tinha consciência da existência de Amy, mas ela o conquistou aos poucos. De acordo com Dan, foi a coisa mais corajosa e determinada que ela fez na vida além da caça às pistas. Provavelmente ele estava certo. Dan era um bobão, mas possuía o dom de ir ao xis da questão.

Pouca coisa que se referia aos Cahill era normal, e isso se aplicava especialmente a ela e a Dan. Eram órfãos criados por babás e atiradas às cegas na guerra de clãs pelas 39 pistas. A situação atual dos dois era mais confortável, mas ainda assim incomum. Como herdeiros de Grace Cahill, eram ricos. No papel, tinham como tutores legais Tio Fiske, irmão de Grace, e Nellie Gomez, a antiga *au pair* deles. Na prática, porém, Amy e Dan estavam se criando sozinhos.

Evan não fazia ideia da origem Cahill de Amy. Nunca tinha ouvido a expressão *caça às pistas*. Ele sabia que Amy era rica – afinal a casa magnífica e toda a propriedade deixavam isso muito claro. Mas, para ele, Cahill era apenas o sobrenome da sua namorada, nada mais.

Até hoje de manhã, quando dei uma de ninja no ônibus escolar.

— Você viu o que eu vi — Amy respondeu, cautelosa. — Pode ser que a gente nunca descubra o que aqueles caras queriam de fato.

Ela torceu para que o namorado não percebesse que não estava olhando para os olhos dele.

Evan insistiu.

— Quem ensinou você a lutar daquele jeito?

— Você sabe que a Sinead e eu treinamos kung fu — Amy deu um sorriso pálido. — Não se preocupe, não vou usar os golpes de kung fu em você. Os de jiu-jitsu, quem sabe.

A resposta não provocou a gargalhada que ela esperava.

— Sem essa. Você tirou a arma da mão do sujeito com um chute! E não quero nem pensar no que o Dan quase fez!

— Eles nos atacaram — falou Amy, firme. — Nós reagimos. Qualquer pessoa teria feito a mesma coisa.

— Mas “qualquer pessoa” não teria feito tão bem assim!

Dan interrompeu a discussão.

— Vamos, Amy. A polícia vai nos dar uma carona pra casa.

— Eu vou com vocês — Evan se ofereceu. — Não quero que fiquem sozinhos. Sei que Nellie ainda está na França e que seu tio Fiske está de férias.

Amy apertou a mão dele.

— Você é uma graça. Nós vamos ficar bem. Eu te ligo.

No carro, o detetive Corelli deu alguns conselhos aos dois.

— Eu sei quem era a avó de vocês e que sua família têm dinheiro. Ouçam meu conselho: contratem uns bons seguranças. Minha impressão é de que alguém quer sequestrar vocês dois para pedir resgate. Vamos colocar viaturas extras para patrulhar as proximidades da sua casa, mas nosso efetivo é limitado. Vocês precisam de proteção em tempo integral.

Ele interpretou o silêncio dos passageiros como sinal de que Amy e Dan estavam apavorados e acrescentou com voz gentil:

— Eu sei que coisas deste tipo não acontecem com jovens como vocês.

Amy e Dan se entreolharam. Durante a caça às pistas “coisas deste tipo” tinham acontecido com eles o tempo todo.

A viatura virou na grade entrada da casa de Grace.

No banco de trás Dan cutucou Amy.

— Olhe ali — cochichou. — O carro de McIntyre.

De fato, na entrada circular, atrás da caminhonete de luxo customizada deles, estava o elegante sedã preto de McIntyre, o advogado e assessor da avó deles, que agora trabalhava para Amy e Dan.

Amy franziu o cenho.

— Como McIntyre soube que aconteceu alguma coisa? A escola não pode ter telefonado para ele. Fiske e Nellie é que constam como nossos tutores.

Corelli parou o carro diante da imponente entrada principal.

— Chegamos. Lar, doce lar. Quando prendermos aqueles elementos, avisamos vocês. Enquanto isso, não saiam de casa. Qualquer dúvida — ele estendeu um cartão — me telefonem.

Os Cahill agradeceram e entraram na mansão. Mal tinham dado um passo no vestíbulo, William McIntyre surgiu diante deles, seu rosto enrugado demostrando alívio.

— Graças a Deus vocês estão bem!

Dan estava surpreso.

— Como você ficou sabendo o que aconteceu?

— Não fiquei sabendo de nada, apenas deduzi. Baseado nos fatos ocorridos no mundo todo, achei que poderia ter havido uma tentativa de sequestro contra um de vocês ou contra vocês dois.

Amy ficou imediatamente alerta.

— No mundo todo?

O advogado os levou para a antiquada sala vitoriana, onde Saladin reinava do alto de uma pilha de almofadas muito parecida com um trono. Ele emitiu um *"Mrrp"* majestoso como saudação.

— Hoje cedo — disse McIntyre com voz grave — Fiske Cahill desapareceu do spa El Rancho Jojoba, na Califórnia.

— Bem — Dan começou — você conhece Fiske...

— Ele foi visto pela ultima vez de maiô, chegando às banheiras de água quente. Todos os seus pertences, inclusive o celular, estão no quarto dele — A expressão do advogado era séria — E há mais, sinto muito dizer. Muito mais. Aproximadamente na mesma hora em que Fiske foi visto pela última vez, Reagan Holt saiu para seu treino de natação no Caribe e não voltou. O colégio interno de Natalie Kabra a deu como desaparecida. Ela foi rastreada até a loja Harrods, mas não temos mais vestígios seus. E, em Tóquio o jovem Phoenix Wizard simplesmente evaporou num dos shows mais... *animados*, digamos assim, de seu primo, bem debaixo do nariz do grupo de seguranças do Jonah... Como é mesmo o termo que ele usa para isso?

— Bando — respondeu Dan, perturbado.

Amy ficou profundamente chocada.

— Uma hora atrás, um pouco mais, nosso ônibus foi atacado por três homens com máscaras de esqui. Eles me conheciam, com certeza, e provavelmente também conheciam Dan. Lutamos, e eles fugiram, mas as coisas poderiam ter terminado de outra maneira.

— Por exemplo, se eles estivessem com um caminhão de biscoitos em vez de um caminhão de combustível — acrescentou Dan. — Não dá pra ameaçar ninguém com biscoitos.

— Os policiais acham que eles iriam pedir resgate — Amy prosseguiu. — Eu estava torcendo para que estivessem certos, mas agora sabemos que não.

— É, mas é *só* isso que nós sabemos! — exclamou Dan nervoso. — Todo mundo que é importante para nós está desaparecendo!

Ouviram-se batidas nervosas na porta e Sinead entrou como um furacão. Sua expressão normal, calma e controlada, tinha sumido. Seu rosto

vermelho e seus olhos arregalados davam a impressão de que ela tinha atravessado um arbusto.

— Ned acaba de ligar de Telavive! Ted e Alistair foram sequestrados!

Sequestrados! A palavra ecoou na enorme sala. Tantos desaparecimentos em tantos lugares não podiam ser coincidência. Alguém estava sequestrando os Cahill.

Sinead ficou ainda mais aflita quando todos se limitaram a olhar para ela.

— Vocês não vão falar nada? Vocês nem se importam?

— Sinead, temos notícias que você precisa ouvir — Amy contou à amiga os incidentes em vários lugares do mundo e sobre a tentativa de sequestro que ela e Dan tinham sofrido. — Ned é a nossa primeira testemunha — ela concluiu. — Agora sabemos com certeza que estamos lidando com sequestros.

— Aleluia — comentou Dan, sarcástico. — Com isso e mais um dólar você já pode comprar um bilhete de loteria. Agora me diga uma coisa de útil, tipo quem são esses sequestradores e o que eles querem! Ou por que nós! Ou quem vai ser o próximo...

De repente, como se transmitido por um radar, um pensamento passou do irmão à irmã.

— *Nellie!* — exclamaram num uníssono perfeito.

Com um movimento treinado de um pistoleiro do Velho Oeste, Dan sacou o telefone do bolso e ligou para o celular de Paris da ex *au pair*, cujo número estava na discagem rápida.

As rugas de preocupação na testa de Dan se intensificaram quando ele ouviu o telefone chamar repetidas vezes.

— Ela não está atendendo.

Amy detectou o discreto som de pânico na voz dele e percebeu que Dan estava assustado, embora preferisse morrer a admitir isso.

— Só porque ela não está atendendo não significa que tenha sido sequestrada — raciocinou Sinead.

— Ela sempre atende as *minhas* ligações — explicou Dan, tenso. — Tenho meu próprio ringtone no aparelho dela. É um cover de “Monster Mash” feito pelos Misfits.

McIntyre pegou o próprio telefone.

— Vou descobrir o que está acontecendo — jurou. — Nós, os Cahill, temos contatos em todos os lugares até mesmo na Académie Gastronomique.

O advogado foi para a cozinha. Um silêncio tenso caiu sobre a sala. Sinead ainda se esforçava para tranquilizar Dan e Amy.

— Talvez ela esteja na aula e tenha deixado o telefone no modo silencioso.

Fazia sentido. Mas nem toda a lógica do mundo podia diminuir a consternação crescente entre eles.

Alguns minutos depois, McIntyre estava de volta.

— A senhorita Gomez desmaiou num café em Paris, ela estava em uma das mesas na calçada. Foi levada por uma ambulância, que não chegou a nenhum hospital da região.

— *Não!* — exclamou Dan, angustiado.

Amy cobriu a boca com as mãos para sufocar um lamento de horror.

Nellie fora sequestrada. Estava correndo perigo.

Amy tinha apenas 7 anos e Dan mal havia completado 4 quando seus pais morreram. Desde o incêndio que lhes tirou Arthur Trent e Hope Cahill, Nellie era para eles o que mais se aproximava de uma mãe.

McIntyre observou a expressão desamparada dos irmãos.

— Compartilho a preocupação de vocês, mas devo lembrá-los de que entrar em pânico não ajudará nossos entes queridos, especialmente quando ainda não entendemos o que está acontecendo, nem quem está por trás disso.

Os quatro silenciaram ao ouvir as hélices que assinalavam a aproximação de um helicóptero. O som foi ficando mais alto até que o lustre de cristal começou a tremer e a zunir.

— Para o porão — ordenou McIntyre. — Rápido!

Enquanto corriam até a entrada do porão, os quatro avistaram um pequeno paraquedas descendo lentamente diante das janelas com esquadrias de chumbo. Quando o paraquedas deixou sua carga numa cerca viva de cedros muito verdes, o som do helicóptero foi enfraquecendo até finalmente sumir.

— Pode ser uma bomba — comentou Sinead, nervosa.

— Se quisessem nos matar, poderiam ter jogado a bomba em cima da casa — observou Amy.

— Eu vou lá buscar — disse Dan.

Ele correu para fora e os outros o seguiram de perto.

O pacote tinha o tamanho de metade de uma caixa de sapatos. Era um saco de lona embrulhado num pacote à prova d'água. McIntyre o separou do paraquedas, cortando as cordas com um canivete. Então tirou o plástico e abriu o saco. Um embrulho envolto em plástico bolha rolou para fora. Amy o pegou no ar antes que caísse no chão e começou a arrancar a fita adesiva e a desenrolar o plástico que o envolvia.

— Um telefone? — Dan perguntou. — Pelo menos é isso o que eu acho que é. Uma coisa é certa, não se parece com nenhum telefone que já vi.

Amy virou o aparelho nas mãos.

— Não há marca, nem número de modelo.

— Não pode ser rastreado — observou McIntyre.

Sinead tirou um canivete suíço do bolso.

— Vou abrir e examinar lá dentro. Talvez a gente possa descobrir alguma coisa pela fiação interna. E o chip pode ter um identificador gravado...

— Não se atreva — Dan a interrompeu. — Se alguém se dá o trabalho de jogar um celular de paraquedas no nosso jardim, é porque vai telefonar para nós.

Ele apertou o botão de ligar e o aparelho se acendeu. Ouviu-se um som e uma mensagem de texto apareceu na telinha.

Saudações, Amy e Dan Cahill

Eu esperava encontrá-los pessoalmente, mas talvez seja melhor assim.

Parabéns por terem escapado da minha escapado da minha equipe. Interessante que Dan optou por não usar o isqueiro. É uma diferença fundamental entre mim e ele. Apesar disso, vocês provaram ser dignos da tarefa que agora eu lhes apresento.

Quando tiverem completado a tarefa, eu libertarei Reagan Holt, Phoenix Wizard, Natalie Kabra, Ted Starling, Alistair Oh, Nellie Gomez e o seu querido tio Fiske. Até lá, eles ficarão comigo como garantia da cooperação de vocês.

Se não chegarem a Florença, na Itália, até amanhã de manhã, um Cahill morrerá. Se a polícia for avisada, um Cahill morrerá. Se minhas instruções não forem seguidas à risca, um Cahill morrerá. Temos apenas sete em nosso poder. Faça as contas.

Vocês terão notícias minhas quando chegarem a Florença. Façam uma boa viagem.

Vesper Um.

Vesper. Amy e Dan se entreolharam. Esse era o nome não pronunciado que estava por trás de todo o treinamento e preparação que Amy vinha fazendo. Um adversário de séculos atrás, envolto em mistério. Ela sabia que os Vesper atacariam um dia.

Amy digitou no minúsculo teclado do telefone. *Me ofereço em troca dos reféns.*

Pressionou *ENVIAR* e o telefone respondeu: *Destinatário desconhecido*.

Amy tentou outra vez: *Proponho encontro para discutir as condições*.

Destinatário desconhecido.

— Ótimo truque — comentou Dan. — O tal do Vesper pode falar com a gente, mas nós não podemos falar com ele.

Sinead não estava entendendo.

— O que é um Vesper?

Amy respirou fundo.

— A gente os enfrentou há dois anos. Eu tinha esperança que fosse algo que aconteceria somente uma vez.

— É, e eu acredito em fadas — comentou Dan.

Amy tocou seu relógio, feito sob medida a partir da relíquia da família, um anel de ouro. Ela não conseguia pensar nos Vesper sem tocar o relógio. Tinha virado uma reação instintiva.

William McIntyre estava pálido.

— Voltemos para dentro. Vou lhes contar o que eu sei. Infelizmente não é muito. Não quando há vidas em jogo.

Quando eles se acomodaram no sofá de veludo, o advogado começou a falar:

— Os Cahill são a família mais poderosa da História, mas isso não significa que não tenhamos rivais. Há quinhentos anos, na época de Gideon Cahill, existiu um homem chamado Damien Vesper. Era formidável, amigo do nosso antepassado ilustre, mas era um homem com um lado sombrio.

— Como se Gideon não tivesse um lado sombrio — zombou Dan. — Foi ele que criou o soro que quase matou todos nós.

— Pode ser — concordou McIntyre. — Porém, Gideon estava procurando a cura da peste quando produziu sua infeliz criação. Damien Vesper não estava tão interessado no bem da humanidade. Ele também era um alquimista, mas natureza de seus experimentos era mais destrutiva.

— Tipo o quê? — perguntou Dan, deixando Saladin subir em seu colo.

O advogado deu os ombros.

— Essa informação se perdeu, infelizmente. É possível que nunca a tivemos de fato.

Amy fez uma expressão carrancuda.

— Mas os Vesper não são descendentes dele, certo? Eles estão mais para uma organização secreta, não é?

— Uma organização secreta de gente da pior espécie — acrescentou Dan.

— É verdade — confirmou o advogado. — Os Vesper não são uma família, mas um grupo de pessoas implacáveis. Mesmo assim, alguns de nós acreditam que ainda possa haver descendentes diretos de Damien. Os Vesper são comandados pelo conselho dos seis, que se dedica a realizar o sonho de Damien, seja lá que sonho seja esse.

— Isso ainda não explica o mais importante — observou Dan. — Por que nós? O que os Vesper ganham se agente for para a Itália? Eu não sei o que esse tal de Damien estava trabalhando. Vocês sabem?

— Você não percebe? — McIntyre respondeu. — A caça às pistas terminou. Vesper Um deve pensar que vocês dois estão com o soro.

— Então por que eles simplesmente não nós pede? — retrucou Amy.

— Isso eu não sei responder — admitiu o advogado. — Sabemos apenas o básico sobre nossa situação: nossos inimigos mortais sequestraram pessoas que amamos para nos obrigar a fazer o que eles querem.

— Eu não amo Natalie Kabra tanto assim — resmungou Dan. — E só estive com o pequeno Wizard uma ou duas vezes...

— Dan! — explodiu Amy. — É logico que vamos para a Florença!

— Eu sei. Só estou tirando uma com a sua cara.

— Eu vou com vocês — Sinead se ofereceu.

Amy se animou.

— Seria ótimo! Obrigado Sinead!

Dan ficou em dúvida.

— Se vão mandar a gente percorrer a Itália, alguém não deveria ficar aqui guardando o forte?

— Muito sensato — concordou McIntyre. — Outra questão: a notícia dos sequestros vai se espalhar rapidamente na família. Vocês precisam fazer um comunicado ao maior número de pessoas o possível para evitar caos e pânico.

Amy tinha expressão preocupada.

— O senhor não poderia fazer isso?

McIntyre sacudiu a cabeça.

— Não tenho autoridade para tanto.

— E nós temos? — Amy perguntou espantada.

— Ninguém manda nos Cahill — admitiu o advogado. — Nem o próprio Gideon conseguia controlar os filhos. Essa é a razão, assim como o soro, pela qual os clãs da nossa família vem brigando a quinhentos anos. Apenas uma coisa todos nós respeitamos: as 39 pistas.

Dan fez uma careta.

— Você quer dizer que, porque nós vencemos a caça às pistas, somos nós que temos que fazer isso.

— Que sorte a nossa — suspirou Amy.

Capítulo 3

Outro ambiente da casa original de Grace tinha sido completamente transformado: o sótão era agora um centro de comunicação e comando. Amy havia projetado, insistindo que poderia funcionar como uma espécie de quartel-general do Cahill em uma emergência.

Na época, Dan votou por transformar o espaço num campo fechado de paintball. Agora, ele refletiu amargamente, achava bom que Amy tivesse vencido a discussão. Era obrigado a admitir que nenhum campo de paintball, nenhuma arena de laser tag, nem mesmo o fliperama mais incrível do planeta chegaria perto das engenhocas high-tech que havia no centro. A cúpula, por exemplo, era um observatório astronômico que rastreava o satélite-espião *Gideon*, dos Cahill. O *Gideon* garantia recepção quase perfeita nos cerca de quarenta monitores de alta definição. A única interferência vinha das manchas solares, mas Sinead já estava trabalhando para consertar isso.

A balbúrdia de vozes deixou Dan com dor de cabeça. Trinta e seis telas, 36 Cahill agitados e 36 opiniões diferentes sobre o que precisava ser feito imediatamente. Lágrimas de Leila Wizard, a mãe de Phoenix. Raiva cega dos Holt, a família de Reagan. Aflição genuína de Ian, irmão de Natalie Kabra, mas também frieza de raciocínio.

No monitor 27 (Ásia/ Oceania), o rosto normalmente confiante de Jonah Wizard apresentava uma expressão de profunda preocupação, enquanto suplicava para sua tia no monitor 11 (sudoeste dos Estados Unidos).

— Você não pode chamar a polícia, Leila! Vesper Um disse “Nada de polícia”, e o cara não está brincando!

— Meu filhinho foi raptado e você quer que eu não faça nada? — retrucou a mãe de Phoenix.

Amy tentou intervir.

— A ideia é que você deixe isso por nossa conta. Afinal os Vesper fizeram contato conosco.

Ela não previu a dura reação de Leila.

— E quem é você exatamente? Uma criança de 16 anos.

— Ela é uma Madrigal, isso é o que ela é! — A voz de Eisehower Holt saía em apenas um volume: muito alto. — Nunca confiei neles, e não é agora que vou confiar! Como podemos saber se não são eles que estão por trás desses sequestros? Nunca ouvi falar de nenhum Vesper!

Ned Starling se manifestou no monitor 22 (Ásia ocidental/ Oriente Médio).

— Os sequestros estão acontecendo com todos os clãs, não apenas com os Tomas — ele ponderou. Ned estava na clínica do doutor Shallit em Telavive, onde tinha sido internado. — Vocês deveriam ter visto os sujeitos que agarraram Alistair e Ted! A coisa foi séria.

Ned tinha mais a dizer, mas uma onda de dor contorceu seu rosto e obscureceu seu raciocínio.

Amy lutou corajosamente para controlar a conversa e sua gagueira, que estava piorando.

— Será melhor para R-Rea... Será melhor para Reagan se m-mantivermos a calma...

Ela está se descontrolando, pensou Dan, encostado na parede, um pouco distante dos acontecimentos. Não que ele pudesse fazer melhor. Ninguém poderia. Conciliar vários Cahill discordantes era como tentar criar uma imagem com peças de cem quebra-cabeças diferentes.

McIntyre devia estar maluco quando pôs ele e Amy no comando daquela “reunião”. Reunião?! Uma brincadeira high-tech, isso sim, transmitida via satélite privado para aquele domo de cromo e silício, para que todos gritassem com Amy e Dan ao mesmo tempo, de todos os continentes.

É verdade que no fim da caça às pistas tinha havido alguma cooperação entre os Cahill. Mas ela viera da geração mais jovem: de Sinead e de alguns outros. Por exemplo, Hamilton Holt estava tentando impedir se pai enfurecido de perder o controle. Ned – um Ekat, como sua irmã – estava passando informações úteis. E, sem os esforços de Jonah, eles não teriam como impedir Leila Wizard de chamar as autoridades.

E havia Ian. Impossível deixar de lado o fato terrível de que a mãe dele, Isabel Kabra, tinha provocado o incêndio que matou os pais de Amy e Dan. Ian e Natalie haviam sido praticamente os arqui-inimigos dos irmãos Cahill durante a caça às pistas. Na verdade, podia-se esperar que Ian fosse um completo idiota mais ou menos 99% do tempo. Agora, porém, parecia ser um daqueles momentos raros em que se podia confiar nele, vê-lo como um aliado, e não como um adversário. Sua irmã estava correndo perigo, e ele faria qualquer coisa para ajudar a resgatá-la.

Mas, se a geração mais jovem estava disposta a cooperar, os Cahill mais velhos eram teimosos como mulas.

— Por que dar a esse sequestrador o que ele quer? — Eisenhower indagou. — Não podemos deixar que ele agarre o nosso pessoal sem fazer nada! Isso apenas o incentivaria a nos atacar de novo!

— Pai, ele está com a Reagan — argumentou o filho dele.

— Hamilton tem razão — interveio Amy rapidamente. — Estamos na mão de Vesper Um, pelo menos até conseguirmos orquestrar uma tentativa de resgate. Precisamos descobrir onde é o c-cativeiro dos r-reféns...

Ela está gaguejando demais! Dan olhou para McIntyre, que observava, sem se alterar, enquanto Amy perdia a calma diante da família inteira.

As veias de Eisenhower incharam e ele rejeitou qualquer esforço de Hamilton para tranquiliza-lo.

— Não vou confiar a vida da minha filha a uma adolescente desmiolada! Você nem sabe qual é o seu plano! Decida-se! Você vai se dobrar diante desse Vesper ou vai procurar os reféns?

Essa pergunta, uma pergunta específica sobre estratégia, arrancou Amy do estado de torpor. Talvez lhe faltasse coragem para pôr um basta na discussão ruidosa entre seus parentes, mas, em relação ao que precisava acontecer *agora*, ela sabia exatamente como agir.

— Vamos fazer as *duas coisas*!

Amy endireitou as costas e olhou diretamente para a câmera que transmitia suas palavras para vários lugares do mundo.

— Proponho uma reação em duas frentes — a gagueira tinha sumido. — Dan e eu vamos viajar à Itália para atender às exigências de Vesper Um. Não temos escolha. A segurança dos nossos reféns depende disso. Enquanto isso, Sinead vai comandar uma equipe aqui mesmo na casa de Grace. Ian, você pode ajudá-la?

— Vou no próximo voo — Ian prometeu.

— O centro de comando terá duas missões. Primeira: descobrir onde é o cativeiro dos reféns, para que possamos resgatá-los. Em segundo lugar, precisamos encontrar a resposta para a maior dúvida de todas: quem são os Vesper e o que querem. Eles vêm perseguindo nossa família há séculos, mas não sabemos nada sobre esse grupo. Por mais terríveis que sejam os sequestros, eles podem ser apenas o começo. Se estamos em guerra, é bom descobrirmos alguma coisa sobre nossos inimigos. Especialmente porque eles parecem saber muito a nosso respeito.

Estarrecido, Dan observou sua irmã arrancar promessas de cooperação dos Cahill em todos os cantos do planeta.

Antigamente ela odiava falar em público, ele pensou, surpreso. *Ela ainda odeia falar em publico.*

No entanto, lá estava Amy, persuadindo pessoas nada persuadíveis. Ela parecia quase assustadora e, de alguma maneira, estranhamente familiar.

A imagem lhe veio à cabeça num instante. Amy lembrava Grace, a enigmática avó deles. Aviadora, exploradora, aventureira e a grande caçadora das pistas. A Cahill mais influente desde o próprio Gideon. A semelhança não era tanto na aparência de Amy, mas em sua postura: empertigada, ligeiramente inclinada para frente, como se já buscasse o próximo desafio. E não havia como não identificar a objetividade singular, igual à da avó deles. Era um choque ver isso emanando da sua irmã.

— Então está decidido — Amy concluiu, com sua voz e imagens transmitidas para dezenas de computadores, monitores e smartphones mundo afora. — Dan e eu estaremos em campo na Itália, mantendo Vesper Um tranquilo. Enquanto isso, daqui da nossa central, Sinead e Ian vão manter todos vocês informados. Nos desejem sorte.

Ian falou no monitor 4.

— Isso aí é o gato? — Saladin caminhava pelos teclados, a cauda ereta no ar. — Ele me odeia.

— Por que ele deveria ser diferente de todo mundo, Lucian? — grunhiu Eisenhower.

McIntyre surgiu ao lado de Amy.

— É exatamente esse tipo de briguinha que pode levar nossos entes queridos à morte — alertou ele. — Somos mais que meramente Lucian, Janus, Ekaterina, Tomas ou Madrigal. Somos todos Cahill e estamos sendo atacados.

Amy cortou a conexão.

Ela soltou um suspiro trêmulo.

— Fiz o melhor que pude. Não sei se algum deles acreditou em mim.

McIntyre pôs suavemente a mão no delicado ombro dela.

— Você se saiu maravilhosamente bem, minha querida. Não se pode querer apagar quinhentos anos de desconfiança e hostilidade com uma conversa de dez minutos. Acho que ninguém faria melhor que você, nem mesmo sua avó.

Quando um ringtone soou, quatro pares de olhos se voltaram rapidamente para o estranho telefone Vesper na mão de Dan. Mas o aparelho estava apagado e silencioso.

— É o meu — Amy olhou para o próprio celular, mas não fez menção de atender. — É Evan.

— Você não vai falar com ele? — perguntou Sinead depois do terceiro toque.

Amy sacudiu a cabeça em negativa.

— Ele não sabe nada sobre a questão Cahill da minha vida e pretendo manter as coisas assim. Não quero mentir para ele...

Ela silenciou. Parecia dividida.

— Você não acha que o cara vai notar quando você sumir da face da Terra? — lembrou Dan. — Vocês se veem todos os dias e o resto do tempo falam por telefone. Quando você não aparecer na escola, ele vai chamar a polícia.

Amy corou.

— Quer saber? Já é bem difícil manter um relacionamento sem que a família inteira dê palpites!

— Coitadinha... — Dan ironizou. — Aposto que os reféns estão sem dormir por causa da sua vida amorosa.

Amy cedeu.

— Vou mandar uma mensagem de texto para ele — prometeu. — Depois que a gente fizer as malas.

Capítulo 4

O táxi estava parado no trânsito da rodovia M4 de Londres, a caminho do aeroporto de Heathrow.

No banco de trás, Ian Kabra se contorcia de impaciência, e não apenas porque sua irmã tinha sido sequestrada e ele corria o risco de perder o voo. Ah, como ele sentia saudade da frota de carros de luxo com motorista que sua família ainda possuía. Esse tipo de ostentação não estava mais ao alcance dele e de Natalie. Os dois agora eram pobres. Seria melhor se acostumarem. A mãe os tinha deserdado, e na conta deles restavam apenas 4 milhões de dólares americanos, o que equivalia a menos de 3 milhões de libras esterlinas. Uma mixaria.

Se Ian não se adaptava bem à pobreza, Natalie gostava menos ainda dela. Sua vida era feita de compras, requinte e conforto. Provavelmente Natalie se incomodava mais com a situação modesta à qual tinham sido reduzidos do que com o fato de ter sido sequestrada.

Ian sentiu uma pontada de remorso. Natalie era sua irmãzinha e estava correndo perigo. Onde quer que estivesse agora, o certo é que não estava no banco de trás de um carrão conduzido por um motorista.

Uma vez, na base secreta dos Lucian em Paris, o pai de Ian tinha lhe mostrado um Tomas detido para interrogatório. O homem parecia um urso, enorme, alguém que não devia temer nada nem ninguém. No entanto, quando Ian olhara através do espelho, tinha visto pavor verdadeiro naqueles olhos grandes e injetados.

Agora isso fazia todo o sentido. Que mais se pode sentir quando se está nas mãos inimigas, dependendo da boa vontade deles para conservar a própria vida?

Se aquele Tomas havia cedido sobre pressão, que chances a coitada da Natalie teria de resistir? Ela devia estar muito assustada, sentindo-se muito sozinha.

O próprio Ian se sentia bastante sozinho, prestes a atravessar o oceano para se juntar a antigos adversários, ou seja, a pessoas que não eram exatamente seus amigos.

E ainda havia o gato deles.

Tudo isso por Natalie. Engraçado. Ele nem sequer gostava da irmã. Não *realmente*. Mas, agora que a mãe tinha deserdado os dois e o pai estava fora da jogada, sua família se reduzira a Natalie.

Ian observou o celular que tinha nas mãos. Não precisava ser assim; não *deveria* ser assim. Deveria haver pessoas que se preocupam quando alguma coisa de ruim acontece com você.

O dedo indicador dele tremeu enquanto apertava os números que não digitava havia mais de dois anos.

— Olhe só quem finalmente lembrou que tem mãe! — disse a voz do outro lado.

— Tudo bem, mamãe?

— Você não quer saber se está tudo bem comigo. Qual é a razão deste telefonema?

Ian engoliu em seco.

— São más notícias, mamãe. Natalie foi sequestrada.

Fez-se uma pausa. De choque? Susto? Preocupação? Então a voz fria de Isabel Kabra falou novamente:

— E eu deveria me importar com isso porque...

— Porque ela é sua filha! — Ian explodiu.

— Filha? Eu *tinha* um filho e uma filha, mas os dois me traíram. Confesso que no começo foi difícil. Mas a recompensa é que agora não preciso me preocupar com nenhum deles.

— Você é uma mulher poderosa! Poderia ajudá-la!

— A AjudaOperaMilagres é a minha vida agora. Se eu me envolver em qualquer outra coisa, será uma violação da minha liberdade condicional. Não vou voltar para a cadeia por causa de uma filha que não tenho mais.

— Está certo, você nos odeia agora — disse Ian. — Mas houve uma época em que você nos amava. Éramos uma família de verdade...

— Querido, você deve estar passando embaixo de uma ponte. A conexão está péssima.

Clique.

Para completar a humilhação de Ian, ele se viu banhado em lágrimas.

O motorista lhe estendeu um lenço de papel.

— Que mãe a sua, hein, meu chapa?

— Ela anda muito estressada — explicou Ian, perguntando-se por que se dava ao trabalho de defender uma mulher tão horrível.

* * *

Amy e Dan puseram suas pequenas malas e mochilas no sedã de McIntyre para o percurso até o aeroporto de Logan.

Amy abraçou Sinead, e Dan coçou Saladin sob a coleira.

— Até mais, Saladin. Pegue leve com o Kabra. Ou, pensando bem, não pegue leve com ele, não.

— Vocês dois precisam prometer que vão tomar cuidado! — pediu Sinead, entregando a Amy uma pequena bolsa plástica. — Fiz um presente de despedida para vocês. É uma minibomba de fumaça bem poderosa. Pode ser útil contra os Vesper. Funciona com um gás incapacitante, então incluí no pacote duas máscaras de respiração.

— É um presente Cahill perfeito — observou Dan. — Uma bomba de fumaça. Se você se importa de verdade com a pessoa, dê-lhe o melhor dos presentes: um explosivo.

— Não sou do tipo de garota que manda flores nem bombons — Sinead explicou.

Amy sorriu com afeto.

— É muito bacana da sua parte... Só tem um problema: como vamos passar com isso pela segurança do aeroporto?

— No raio X vai aparecer como um pirulito — disse Sinead. — Só não quebre o palito dele. É um detonador.

McIntyre deu partida no carro e abaixou o vidro.

— Vocês tem um avião para pegar.

Amy sentou no banco da frente, Dan se acomodou no de trás, e eles partiram. Embora Amy tivesse passado a maior parte do tempo dos últimos dois anos se preparando para aquele momento, era difícil encarar a realidade: estava tudo começando outra vez. Ela viu o irmão de relance pelo espelho lateral. O rosto de Dan estava inexpressivo e seus olhos, distantes. Ele tinha ido embora outra vez, visitando a si mesmo dentro da própria cabeça. Fora assim desde o fim da caça às pistas. Dan tinha se isolado. Ele não tinha amigos. Com exceção de um garoto estranho chamado Atticus Rosenbloom, que conheceu na Internet. Atticus era dois anos mais novo que Dan, tinha apenas 11 anos. Dan disse a Amy que seu novo amigo era, na realidade, um gênio, com QI superior a duzentos, seja lá o que isso significasse. A expressão "na realidade" surgia com frequência quando o assunto era Atticus. Ele era, na realidade, maduro para a sua idade. Além disso, tinha (na realidade), perdido a mãe, o que era um ponto em comum muito importante entre ele e Dan. Atticus vivia com o pai e o meio-irmão mais velho em Boston, a 65 quilômetros de distância. Eles só tinham se encontrado pessoalmente duas vezes.

Nos últimos tempos, Amy andava preocupada com Dan. Que irmã não se preocuparia vendo o irmão mergulhar na escuridão e no isolamento? Como hoje, ameaçando atear fogo em três homens encharcados de gasolina. É verdade que essa iniciativa provavelmente tinha evitado que Amy e Dan entrassem para o grupo dos sequestrados, mas...

Mas que garoto de 13 anos pensaria numa coisa dessas?

E se os agressores na tivessem fugido? Dan teria mesmo ateado fogo?

O celular de Amy interrompeu suas preocupações. Imediatamente ela se deu conta de quem deveria ser.

— Você *ainda* não ligou para ele? — questionou Dan do banco de trás. — Se você fosse minha namorada...

— Mas não sou! — Amy interrompeu, nervosa, tirando o aparelho do bolso.

O portão na entrada da propriedade se abriu automaticamente e o grande sedã saiu para a estrada.

— Evan, me desculpe...

O grito veio tanto pelo telefone como de fora do carro. McIntyre pisou fundo nos freios. O sedã parou, guinchando, a meio metro de uma figura apavorada e paralisada como um animal selvagem diante dos faróis.

Amy saltou do carro.

— Evan! Você está bem?

Evan apalpou depressa o próprio corpo, como se para confirmar que tudo ainda estava no devido lugar. Foi um gesto tão típico de desenho animado que Amy sorriu sem querer. O garoto era uma graça, mesmo quando agia como um nerd. Essa conclusão apenas aumentou o remorso dela por ter que mentir para o namorado.

— Por que você estava escondido na entrada da minha casa?

Evan ficou indignado.

— Estou preocupado com você! Você não atende as minhas ligações!

— Eu estava ligando para você neste exato momento.

— É... — ele disse. — Depois de oito horas. De manhã você luta contra terroristas como se fosse o Jackie Chan, depois some! O que está acontecendo?

— Estamos indo para o aeroporto — Amy admitiu. — É tipo uma emergência familiar.

Evan não entendeu.

— Você não *tem* família!

— É a parte mais distante da minha família — ela explicou. — Olha só, preciso ir.

— Quando você volta?

— Não sei. — Amy percebeu que não era uma resposta satisfatória, mas realmente não havia mais nada a dizer.

— Ames — os lábios de Evan estremeceram por um instante — se você está querendo terminar comigo, por que não diz logo?

— Não estou! — exclamou Amy, horrorizada.

Podia ver Dan no banco de trás, sorrindo com expressão divertida por causa do desconforto dela. Quando não estava perdido no espaço, ele podia ser tão irritante como sempre foi.

McIntyre buzinou.

Amy olhou para Evan com ar suplicante.

— Um dia espero poder explicar... — Era tudo o que ela podia dizer sem mentir.

— Sim, mas quando?

Não é justo, pensou Amy. Esse era o cara que ela tinha lutado muito para conquistar desde o primeiro ano do colegial. E agora, finalmente, tudo estava perfeito. Mas havia um avião à espera dela e vidas que estavam em jogo. E Evan,

o maravilhoso e incrível Evan, tinha que ficar em último lugar na sua lista de prioridades.

— Eu te ligo. Desta vez ligo mesmo — Amy disse.

Ela voltou para o carro, sentou no banco do passageiro e eles saíram com os pneus guinchando, deixando Evan para trás no meio de uma nuvem de fumaça do escapamento.

— Não pense nisso como se estivesse perdendo um namorado — Dan brincou. — Pense que está ganhando um sujeito que vai perseguir você.

Amy afundou no banco.

— Ainda por cima, vou levar um pé na bunda.

O carro seguiu em frente. Próxima parada: aeroporto de Logan, a caminho de Florença, Itália.

E depois?

Capítulo 5

Nellie Gomez acordou com uma dor de cabeça lancinante. Pior: ela ainda estava com fome.

— Cadê meu croissant? — perguntou para a pessoa que se debruçava sobre ela.

— Querida — disse uma voz estranhamente familiar.

— Pode parar com essa história de "querida"! — Nellie se irritou. A roqueira punk de 22 anos passou suas unhas com esmalte preto por seus cabelos tingidos de preto e laranja, gesto que não ajudou a apaziguar as pontadas de dor que sentia atrás dos olhos maquiados com sombra preta. — Me dê meu croissant ou eu...

Foi então que ela se deu conta de que estava ameaçando o venerável Alistair Oh.

— Alistair? O que você está fazendo aqui?

— O mesmo que todos nós, sinto dizer. Fomos sequestrados.

A dor de cabeça desapareceu na hora. Nellie se sentou endireitada e olhou em volta. Fiske Cahill, Reagan Holt e Natalie Kabra estavam ao lado de Alistatir. Ted Starling estava sentado numa cadeira de madeira de espaldar reto, encarando o nada com os olhos que nada viam. Os cinco vestiam macacões folgados.

— Onde estamos? — Nellie perguntou. — Que lugar é este?

Ela examinou o espaço em volta. Paredes brancas e estéreis; aberturas para ventilação no alto, bem fora do alcance deles; câmeras por toda parte.

— Estávamos torcendo para que você soubesse — Fiske suspirou. — Em um subsolo, talvez, ou em algum tipo de bunker. Ainda não vimos nossos carcereiros. A comida chega por aquele pequeno elevador ali no canto.

— Alguém viu Amy e Dan? — perguntou Nellie.

Oh, Deus, por favor, permita que eles não estejam aqui...

Fiske leu os pensamentos dela.

— Por sorte, parece que eles não tiveram o mesmo destino que nós.

— Por enquanto — Nellie disse em tom sombrio.

Ela se levantou e começou a andar pela sala. Em torno da área principal, havia pequenos cômodos com beliches. Não era um luxo, mas tampouco uma masmorra.

Nellie foi até o elevador de comida e bateu nele.

— *Ei! Quero falar com o responsável!*

— Já tentei isso — informou Reagan. — Não acontece nada. Você só acaba tendo dor de garganta.

Ela estava irrequieta como um gato selvagem. A falta de atividade física deixava todos os Holt desse jeito.

— Creio que estamos em algum lugar dos Estados Unidos — comentou Fiske. — Ou possivelmente no México.

— Como chegou a essa conclusão? — indagou Nellie.

— Eu estava na Califórnia — disse Fiske. — Como fui o primeiro a chegar aqui, isso pode significar que a minha viagem durou menos tempo.

— Eu fui a segunda — Reagan interveio. — Estava em Porto Rico.

— Harrods — Natalie acrescentou com voz desanimada. — As novas coleções tinham acabado de chegar.

— Os garotos e eu estávamos em Telavive — acrescentou Alistair. — Ned conseguiu fugir, espero.

— Ou então o mataram — disse Ted em voz baixa.

— E eu estava em Paris — Nellie concluiu. — Acho que estou perdendo a prova do suflê na Académie.

Ela foi olhar o relógio de pulso, mas descobriu que ele tinha desaparecido.

— Nada de relógios nem celulares — esclareceu Fiske. — Nossos captores não querem que saibamos que horas são nem que dia é.

— E o senso estético deles é horroroso — criticou Natalie, apontando para um cabideiro com macacões de diversos tamanhos. — Tomara que alguém pague logo o resgate.

— Se é que eles querem um resgate — emendou Ted.

— O que mais poderia ser? — indagou Natalie. Sua voz estava ficando estridente.

Nellie achou que talvez soubesse. Sequestros sincronizados em diferentes pontos do mundo. Uma operação organizada, coordenada, e todas as vítimas eram membros da família Cahill. Seu olhar encontrou o de Fiske.

Uma campainha soou. Era tão alta que os seis prisioneiros cobriram os ouvidos com as mãos e se contraíram de dor. A porta principal se abriu rapidamente e uma pessoa foi posta ao chão.

Reagan se atirou em direção à abertura, mas chegou meio segundo atrasada: o painel deslizou, se fechou e ela se chocou violentamente contra uma parede inteiriça. Ela gritou de dor, segurando o ombro.

A campainha parou de tocar e fez-se um silêncio abençoado.

Nellie correu para o recém-chegado e se ajoelhou ao lado dele.

— É uma criança!

Natalie franziu o cenho.

— Quem é? Pensei que só estivessem sequestrando Cahill.

— Terá sido um erro de identidade? — sugeriu Alistair.

— Acho que não — Reagan apontou para o cabide de roupas. Em uma ponta estava pendurado um macacão infantil. — Estavam prevendo a chegada dele.

Com um gemido de dor, o garoto rolou para o lado e se sentou, mostrando o rosto por inteiro.

— É um Cahill, s*im* — disse Fiske, reconhecendo-o. — Este é Phoenix Wizard, um primo de Jonah.

O garoto começou a piscar e Nellie o abraçou. Phoenix a fazia se lembrar de Dan muito tempo atrás, quando ela fora contratada como babá dos irmãos Cahill.

— Phoenix, está tudo bem com você, garoto?

— Eu... eu não sei. — Os olhos dele percorreram o ambiente. — Onde estou?

— Você está com gente da família — respondeu Nellie.

Foi a coisa mais reconfortante que ela conseguiu dizer em uma situação que estava longe de ser reconfortante.

* * *

Amy e Dan voaram para Florença na primeira classe: poltronas-leito, comida ótima, atendimento cordial.

Mesmo assim foi um tédio.

Tudo voltou à cabeça de Dan. Durante a caça às pistas, eles tinham atravessado o planeta em todo tipo de veículo, desde helicópteros experimentais até carroças puxadas por iaques. Era a mesma história de sempre: viagens longas, sem nada para fazer exceto brincar com os dedos enquanto o traseiro adormecia. Nesse exato instante, o traseiro de Dan estava tão profundamente adormecido que parecia em coma.

— Odeio isto! — ele resmungou em voz alta, torcendo para Amy acordar. Ele queria brigar um pouco com ela para matar o tempo.

Dan, porém, não teve essa sorte. Amy estava quase desmaiada. Ela tinha ficado craque nisso. Geralmente era uma pilha de nervos, mas havia desenvolvido a capacidade de tirar cochilos profundos e relaxantes, para que quando fosse hora de entrar em ação estivesse descansada e pronta. Fazia parte da nova Amy, juntamente com as artes marciais, a escalada, a ginástica aeróbica com Sinead e o centro de comando no sótão. *Sempre alerta*. Esse não era o lema dos escoteiros? Bem, de qualquer forma, Amy tinha estado assim.

Nem mesmo toda aquela preparação do mundo poderia ter impedido aqueles sete sequestros.

Dan não podia deixar de pensar que eles talvez não estivessem enxergando alguma solução mais simples.

A caça às pistas já era histórica; o soro tinha sido destruído, bem como a lista de ingredientes. Mas havia uma cópia da fórmula que nunca poderia ser eliminada. Dan possuía uma memória 100% confiável. Jamais poderia se esquecer da fórmula mesmo que tentasse. Ela estava presa aos neurônios dele.

Já que a fórmula do soro maluco de Gideon ficou gravada na minha cabeça, eu deveria pelo menos tirar algum proveito dela!

Por que não preparar uma dose do soro, tomá-la com um refrigerante e fazer hambúrguer de Vesper? Problema resolvido.

Amy jamais o deixaria fazer isso. Ela estava convencida de que o soro era uma péssima ideia. A descoberta de Gideon havia desencadeado cinco séculos de traições, sabotagens e assassinatos. Ela tinha argumentado muitas vezes que *tomar* a fórmula seria perigoso e imprevisível demais.

Mas, se as coisas ficassem realmente graves, será que eles não deveriam pelo menos pensar nessa possibilidade? Quem poderia prever o que os Vesper estavam planejando? Algumas coisas, Dan pensou, sombrio, eram piores que quinhentos anos de traições e vinganças.

Dan deveria ter adormecido ou quem sabe tirado pequenos cochilos. A verdade é que ele ainda não tinha descansado de fato quando o capitão reascendeu as luzes da cabine e anunciou que estavam prestes a aterrissar em Zurique, na Suíça. De lá, fariam uma ponte aérea e num pulo estariam no aeroporto de Peretola, próximo a Florença.

Eles estavam no saguão do aeroporto quando um som eletrônico fez Amy mexer apressada na mochila, à procura de telefone especial dos Vesper. Ela olhou fixamente para o aparelho por um instante e em seguida entregou-o a Dan.

A tela mostrava a foto de um espaço todo branco, sem nada que o identificasse. Ali estavam os sete reféns Cahill, trajando macacões parecidos com uniforme de prisioneiros. A foto trazia uma breve legenda:



— Encaminhe para o centro de comando — disse Amy com voz trêmula. — Sinead poderá ampliar e analisar a imagem.

— É só isso que esta foto representa para você? — Dan explodiu. — Uma coisa a ser analisada? É a Nellie quem está ali! E o Fiske! Até o Alistair, aquele velho maluco.

— Não vamos conseguir ajudá-los perdendo a cabeça — raciocinou Amy. — Vamos ajudá-los descobrindo onde eles estão. Talvez alguma coisa na foto nos revele isso.

Dan enviou a foto para seu laptop e depois criou um link para que pudessem baixá-la no centro de comando na casa de Grace. Quando desviou os olhos da tela, viu a irmã segurando um saquinho plástico, com fecho hermético, contendo um pequeno caderno espiral.

— O que é isso?

— McIntyre me deu enquanto você fazia a mala — Amy contou. — Foi uma das poucas coisas que sobraram do incêndio que destruiu a mansão original da Grace.

Ela tirou o caderno do saco plástico e o entregou a Dan. Estava chamuscado e enegrecido, mas restavam alguns traços da letra da avó deles.

Dan sentiu uma pontada de emoção. Fazia mais de dois anos que Grace havia morrido. Ver um objeto tão pessoal da avó reacendeu o sentimento de perda. Viu a irmã piscar rápido e soube que ela estava sentindo a mesma coisa.

— Não consigo entender uma palavra — prosseguiu Amy, com uma irritação carinhosa. — É típica da Grace esta escrita miúda e estranha, quase um código. McIntyre diz que a maior parte do que está aí é sobre a caça às pistas. Mas há vários itens assinalados com as letras VSP que talvez tenham a ver com os Vesper.

Dan olhou para ela, animado.

— Você acha que Grace sabia coisas sobre eles que ela não contou aos outros Cahill? Nem mesmo aos outros Madrigal?

Amy deu de ombros.

— Não seria a primeira vez.

Dan folheou o caderno e encontrou uma página menos chamuscada.

VSP 79 – PUNIO DESCREVEU PRIMEIRO TESTE

Ele franziu o cenho.

— “Punio”?

— Eu também vi isso — Amy confirmou. — McIntyre não faz ideia do que significa.

— Se existe um Vesper Um, talvez exista um Vesper 79 — sugeriu Dan. — E talvez seja um sujeito bem do mal, que adora punir, e por isso chama Punio.

— Os Vesper são comandados pelo Conselho de Seis — lembrou a irmã. — Vesper Um talvez seja o primeiro do conselho, seguido por Vesper Dois e assim por diante, até Vesper Seis. Eles devem ter centenas de agentes, talvez milhares. Mas duvido que todos os Vesper tenham um número, a não ser esses que fazem parte do conselho.

— É, imaginei que não poderia ser tão simples assim — resmungou Dan.

O computador emitiu um bip assim que o arquivo terminou de ser carregado. Um instante depois, Ian Kabra apareceu na tela.

Dan ficou surpreso.

— Ei, Ian, não são tipo duas da manhã aí?

— É o *jet lag* — explicou Ian. — Ainda estou funcionando no horário de Londres. Aposto que vocês, selvagens, não têm chá neste mausoléu.

— Tem umas latas de chá pronto na geladeira.

Ian se arrepiou.

— Como eu suspeitava — ele tirou a foto da impressora e sorriu com amargura. — Coitada da Natalie. Ela não deve estar gostando nada desse macacão.

Amy olhou por cima do ombro de Dan.

— Obrigada por chegar aí em tão pouco tempo. Ei, o que aconteceu com seu rosto?

Dan reconheceu de imediato o arranhão feio que atravessava o rosto moreno de Ian desde o canto do olho até o queixo.

— Você andou mexendo com o Saladin? — Dan perguntou.

— Não, Saladin é que andou mexendo comigo — rebateu Ian.

— Ele não curte os Lucian — explicou Dan. — Os animais são ótimos avaliadores de caráter.

— Me poupe — Ian olhou feio para Dan. — Já sabem qual vai ser a “tarefa” de vocês?

Dan negou com a cabeça, impaciente.

— Odeio essa espera. Por que Vesper Um não fala logo com a gente?

— Ele está fazendo isso para deixar vocês perdidos — observou Ian. — É uma boa estratégia. Tudo o que ele fez até agora demonstra um bom domínio das artes táticas.

Dan olhou para seu primo no laptop. Os Lucian eram mestres em astúcia e tramoias. Tinham sido absolutamente implacáveis durante a caça às pistas.

Tudo isso era passado, claro.

Então por que Ian estava dizendo coisas bacanas sobre Vesper Um?

Capítulo 6

Florença. O berço do renascimento.

— Uma plástica de rejuvenescimento cairia bem neste lugar — comentou Dan enquanto o táxi deles passava por igrejas, palácios, mosteiros, galerias de arte e jardins públicos.

— Você só pode estar brincando... — Amy se encontrava literalmente soterrada debaixo de relatórios. Pastas contendo absolutamente tudo o que os Cahill sabiam sobre a Itália se empilhavam em seu colo ou no assento ao seu lado. Desajeitada, ela abriu um enorme mapa de ruas. — Florença é a única cidade renascentista verdadeiramente preservada do mundo. É Patrimônio Mundial da Unesco.

— Tá bom, mas por que tudo precisa ser *tão velho?* — reclamou Dan.

Ela olhou feio para o irmão, com uma impaciência nascida da exaustão.

— Não temos tempo para isso.

— Temos, sim. Até recebemos a próxima mensagem de Vesper Um, não temos nada para fazer, nada mesmo — a barriga de Dan roncou alto. — Estou morrendo de fome. Depois de fazermos o *check-in* no hotel, vamos perguntar ao recepcionista onde podemos encontrar uma dessas pizzas enormes.

— Do que você está falando?

— Seu guia de turismo diz que Florença é uma cidade que tem pizzas enormes. Dá uma olhada lá.

— Não são pizzas enormes, são *piazzas!* Quer dizer praças públicas.

— Ah. — Dan ficou desanimado.

Amy soltou um suspiro.

— Sinceramente, pensei que a caça às pistas tivesse matado o tonto que existia dentro de você. Até parece!

A mensagem de texto de Vesper Um chegou quando eles estavam arrumando as coisas na suíte do Hotel Ilario.

Bem-vindos a Florença.
Vocês já sabem que nossos hóspedes estão sendo bem tratados. Até agora.
A tarefa de vocês: na Galeria Uffizi existe um quando de Caravaggio chamado Medusa. *Vocês devem roubá-lo e aguardar instruções.*
As consequências de um fracasso já foram anunciadas: um Cahill morrerá. Vocês viram a foto. Uni-duni-tê.
Vesper Um

— Um *quadro*? — Dan estava confuso. — É *isso* que ele quer? Pensei que fosse exigir seu relógio, Amy. Os Vesper não estavam atrás dele na última vez?

Amy estava branca como papel.

— Não é um quadro qualquer — disse, ofegante. — É um Caravaggio, um tesouro nacional. Não só isso... é uma obra-prima que pertence a *todo mundo*.

— Ah, tá bom — retrucou Dan — se esse quadro fosse mesmo *nosso*, bastava a gente ir pra tal da galeria e dizer “Vocês podem emprestar o nosso Cara-Ágil só um pouquinho?”

— Caravaggio — Amy o corrigiu. Ela estava tão consternada com a tarefa que nem sequer se irritou com o fato de Dan ter massacrado o nome do artista. — A obra dele inspirou Rubens, Bernini, Rembrandt e dezenas de outros! Vamos cometer um crime contra todos os países e contra todas as pessoas!

— Será que isso vai mesmo chegar a acontecer? — raciocinou Dan. — Você já esteve em uma porção de museus e sabe muito bem que eles têm segurança pra todo lado! Não dá pra simplesmente tirar um quadro da parede e enfiar no bolso de trás da calça.

— Não interessa — disse Amy. — O Vesper está com o nosso pessoal. Está com Nellie. Temos que encontrar um jeito de dar a ele o que ele quer.

— Como?

— Comecemos pelo começo — concluiu Amy. — Vamos dar uma olhada em algumas obras de arte.

* * *

A Galeria Uffizi, às margens do rio Arno, ocupava um prédio cuja construção teve início no século XVI. Sua longa estrutura em U foi originalmente um enorme complexo de escritórios; a palavra *uffizi* significava "escritórios" em italiano. Ficar em pé em seu estreito pátio central, olhando para cima na direção das duas alas gigantescas, era ser instantaneamente transportado de vota aos tempos dos Médici. Naquela época, artistas de expressão como Da Vinci e Michelangelo usavam a Uffizi para trabalho de lazer. Em meados dos séculos XVIII, o lugar se tornou um museu de arte, aberto para o público. Hoje ele abriga o maior acervo de arte medieval e renascentista existente no mundo.

Galerias de arte não impressionavam Dan, e a Uffizi não foi exceção.

— Bebezões pelados. Grande coisa.

Amy soltou um suspiro irritado.

— São anjos e querubins.

Ela sempre tinha sonhado em visitar aquele lugar tão famoso por sua beleza, mas não conseguiu apreciá-lo. As únicas coisas que atraíram sua atenção formam os seguranças, as trancas, a fiação, câmeras, fechaduras de pressão, alarmes. E esses eram apenas os elementos visíveis. A dura experiência lhe havia ensinado que o maior perigo muitas vezes estava nos fatores para os quais não era possível se preparar.

Outra preocupação era o público. O museu era uma das maiores atrações turísticas da Itália. Parecia haver visitantes em toda parte. Mesmo que dois candidatos a ladrões de arte conseguissem enganar a pomposa segurança da Uffizi, jamais conseguiriam ficar sozinhos com seu alvo. Na melhor das hipóteses, teriam que cometer o crime diante de umas cinquentas testemunhas.

— Ok, onde está a *Medusa*? — quis saber Dan.

Uma planta da galeria os direcionou para o terceiro andar, a sala Caravaggio.

Amy e Dan viram a pintura imediatamente. Impossível não notá-la, e não apenas por ser uma das poucas obras não religiosas mas também por seu tamanho, um pouco menor que o da maioria das peças expostas na sala: uma tela redonda

montada sobre um escudo de madeira com cerca de sessenta centímetros de diâmetro.

— Uau — Dan murmurou.

Amy completou com um “Eca!”

A imagem no escudo era da cabeça decapitada de Medusa, seus cabelos de serpente selvagens e desarrumados, o sangue ainda escorrendo pelo pescoço. Os olhos muito abertos fixavam em algo, e o rosto era uma máscara perfeita de horror, ódio e feiura. Parecia tão real e tinha tanta profundidade que era como uma cabeça sem corpo se aproximando com intenções malignas.



Eles permaneceram em silêncio por um momento, fascinados demais para desviar os olhos.

Dan foi o primeiro a recuperar a voz.

— Se esse é o quadro preferido de Vesper Um, então isso revela muito sobre o sujeito.

— Não precisamos gostar do quadro — cochichou Amy. — Só precisamos roubá-lo.

Eles abriram caminho entre a multidão para olhar mais de perto. Em vez de pendurado na parede como qualquer outra tela, o escudo estava fixado a ela. Tinha uma moldura de metal estreita. Não parecia muito pesado, mas claro que eles só saberiam isso quando o tivessem nas mãos.

Se chegassem a tê-lo.

Havia dois guardas uniformizados na sala de Caravaggio, além de duas câmeras de segurança. Amy passou os olhos pelo ambiente, à procura de pontos cegos. Entre os guardas e a vigilância por vídeo, não havia nenhum. A única maneira de se esconder seria no meio da multidão.

Mas multidões são feitas de pessoas, e pessoas são imprevisíveis.

Uma turma de estudantes de arte chegou: um professor de dez alunos carregando pastas grandes. Eles se acomodaram em diversos bancos e começaram a desenhar.

Dan se aproximou de um dos guardas.

— Está cheião aqui hoje, hein?

— Sempre está assim... cheião, como você diz — respondeu o guarda com orgulho. — A Uffizi atrai quase dois milhões de visitantes por ano.

— Bacana — comentou Dan. — Você já estava trabalhando aqui quando houve aquele grande roubo de obras de arte alguns anos atrás?

O homem reagiu indignado.

— Nunca houve um roubo na Galeria Uffizi nos tempos modernos.

Dan fez cara de surpreso.

— Tem certeza? Ouvi dizer que um sujeito pegou um desses quadros de bebês pelados, enfiou debaixo do casaco e saiu andando.

O guarda riu.

— Isso seria impossível. Na Uffizi? Jamais. Cada obra de are tem seu próprio sensor de peso. Se uma peça é tirada do lugar, um alarme começa a tocar e todas as saídas se fecham automaticamente. O ladrão nunca conseguiria fugir.

Dan engoliu a saliva que se juntava em sua garganta.

— Vai ver então que foi em algum outro museu. Acho que aqui foi onde houve um assalto à noite. Arrombaram o telhado da galeria e...

O guarda realmente achou graça.

— Que imaginação vocês, americanos, têm! À noite, a Uffizi é uma fortaleza. Onde não há guarda, há sensores de movimento. Nem uma mariposa conseguiria entrar.

— Ah, legal — disse Dan sem entusiasmo.

Os irmãos permaneceram por mais um tempo na sala Caravaggio e depois exploraram possíveis saídas de museu, pelo elevador ou pelas escadas. Parecia não haver nenhuma maneira rápida de sair antes que um alarme ativesse o bloqueio de tudo.

Quando examinaram a porta de acesso ao jardim de esculturas na cobertura do prédio, Amy viu pequenos fios elétricos. Portanto, fugir para cima ao invés de para baixo tampouco seria solução. Essa porta sem dúvida também estava ligada ao sistema de segurança.

Uma vez do lado de fora, eles percorreram com calma o longo pátio central, passando pelo arco no estilo dórico para contemplar o rio Arno.

— Sabe — disse Dan, irritado — se eu fosse dono de uma obra de "arte" horrorosa como *Medusa*, não transformaria meu museu num forte protegido por todos os dispositivos high-tech que o dinheiro pode comprar. Eu rezaria para algum ladrão invadir o museu e me livrar dessa coisa.

Amy respirou fundo.

— Não vai ser fácil.

A tarefa que eles tinham pela frente era tão avassaladora que ela não conseguiria ligar todos os pontos.

Nem tente, aconselhou a si mesma. *Decomponha toda a operação em problemas individuais. Solucione um de cada vez.*

— Mas então você acha que existe um jeito de entrar lá e sair com a Miss Simpatia debaixo do braço? — perguntou Dan.

— Sempre existe um jeito — ponderou sua irmã. — Mas vamos precisar de ajuda.

— Que ajuda?

Amy deu um sorriso malicioso.

— Fazer parte da família mais poderosa da história da humanidade pode às vezes ser uma coisa boa.

Capítulo 7

O trem de pouso tocou o asfalto e o jatinho deslizou pela pista do pequeno aeroporto de Peretola, em Florença. Atrás de uma fileira de policiais da tropa de choque, centenas de garotas toscanas gritavam, aplaudiam e atiravam flores.

A porta do jatinho se abriu e o astro apareceu, elevando o nível de emoção no ar.

— Aê, o que tá pegando? — saudou Jonah Wizard.

A multidão enlouqueceu por nada menos que dez minutos, enquanto Jonah fazia de conta que estava surpreso e maravilhado com a recepção, como se a mesma coisa não acontecesse em todos os lugares para onde ele ia.

Os flashes das câmeras explodiram e uma balbúrdia de perguntas se elevou dos repórteres e paparazzi ali reunidos.

— Jonah,é verdade que *As crônicas do gangsta* vai ser relançada em 3D?

— E o boato de que você está fazendo um treinamento de astronauta para embarcar numa missão espacial russa?

— Por que você perdeu o contato com a sua mãe, a escultora Cora Wizard?

— Janah, qual é o motivo de sua viagem a Florença?

— E desde quando é preciso haver um motivo? — respondeu Jonah em tom despreocupado. — Florença é tudo de bom! Estou aqui pra dar um tempo com alguns amigos e respirar um pouco de cultura.

Amy e Dan, mais atrás da multidão, não prestavam atenção no primo famoso e no discurso descolado de sempre. Seus olhos estavam voltados para os acompanhantes de Jonah, que descarregavam a bagagem do astro do compartimento de cargas do jatinho. Mais especificamente, observavam um jovem musculoso segurando um volumoso pacote, embalado com todo o cuidado.

Enquanto a multidão delirante se moveu para acompanhar o avanço de Jonah até o terminal, Amy e Dan interceptaram o rapaz fortão da equipe de Jonah.

— Está com você? — sussurrou Dan em tom de urgência.

O rapaz de virou e levantou a aba do boné com a inscrição *Wiz Tour 2010*, revelando as feições sorridentes de Hamilton Holt.

— Ei, pessoal. Como vocês estão?

— Como você acha que a gente *deveria* estar? — retrucou Amy, cansada.

Hamilton ficou sério.

— Alguma notícia de Reagan?

— Vimos uma foto deles — Amy informou. — Todos pareciam bem, mas dá para imaginar que devem estar bastante abalados.

— Vamos dar uma olhada na mercadoria — sugeriu Dan.

— Aqui não — avisou Hamilton. — Há uma suíte VIP no terminal. Jonah vai nos encontrar lá.

* * *

— Dá uma olhada.

Jonah retirou o plástico bolha e segurou o quadro no alto para seus três primos olharem.

Dan deu um passo para trás. O choque foi quase tão grande como o que teve no dia anterior na galeria.

— Está perfeito! Tão asqueroso quanto o quadro verdadeiro!

Amy concordou com a cabeça.

— E tão rápido! A gente telefonou para você ontem...

Jonah deu de ombros.

— Até os Janus usam alguns truques de vez em quando. Hoje em dia dá para fazer muita coisa com a digitalização. Você decompõe a imagem em quadrados e os reproduz um de cada vez. Os outros dois estão tão bacanas quanto este aqui.

— Você quer dizer tão medonhos quanto — Hamilton o corrigiu.

— As serpentes não ajudam — interveio Dan com tom crítico. — São espaguetes gordinhos que se mexem. Olha só, essa cobra está mordendo o corpo da outra. Moça, se você estava pensando em seguir carreira de modelo, esqueça!

O rapper os repreendeu amigavelmente.

— Ah, caras, vocês não sabem curtir o poder da imagem. O Wiz era assim até rolar *As crônicas do gansta*. Quando você trabalha com a indústria cinematográfica, passa a entender essa história de que uma imagem vale por mil palavras.

Hamilton revirou os olhos.

— Lá vamos nós de novo!

Jonah pegou uma das cópias de *Medusa*.

— Olhe só esta feiura. É como se todos os filmes de terror já feitos estivessem embalados em um único momento capaz de revirar o estômago. Por isso os Janus sempre respeitam Caravaggio. Na época dele, tentamos casá-lo com alguém da família, acho que com a tia de Rembrandt, mas ele não topou.

— Se foi ela que posou para este quadro, até entendo por quê — disse Dan.

— Não foi nada disso — rebateu Jonah. — Os registros dos Janus dizem que Caravaggio fazia parte de algo maior que os Cahill. Lembrem-se de que

a família ainda era nova naquela época; só tinha havido algumas poucas gerações desde Gideon. Mas acho que o verdadeiro motivo dos artistas adorarem a *Medusa* é a conexão toda com o Da Vinci.

— *Leonardo* da Vinci? — indagou Amy, assombrada.

— Diz a história que alguém deu um escudo a Da Vinci para que ele o decorasse, e o cara pintou nele o rosto de Medusa. Sabe, por causa daquela história de transformar os inimigos em pedra. — O sorriso mundialmente famoso apareceu por um instante. — Ninguém nunca viu o escudo de Da Vinci, mas, diz a lenda, Caravaggio o teria usado como inspiração para sua própria *Medusa*.

Hamilton franziu as sobrancelhas.

— Quantas *Medusas* existem?

— Apenas uma que interessa — respondeu Amy, determinada. — A que precisamos roubar da Uffizi.

Dan tirou do bolso uma folha de papel, abriu e a segurou diante de Jonah e Hamilton.

— Vamos precisar destas coisas também.

1 macarrão
1 escada extensível (10 metros)
1 cortador de vidro
1 pasta portfólio (grande)
1 pistola de água
1 vidro de tinta nanquim
1 cama elástica portátil (dobrável)
1 bicicleta com cesta
4 caixas para pizza

Jonah deu um assobio.

— Espero que vocês tenham alguma estratégia diabólica e genial em mente, porque, pra ser sincero, não estou entendendo.

Amy sorriu de leve.

— Você vai ver.

Capítulo 8

A manhã seguinte estava fria e clara. As ruas do centro de Florença estavam agitadas com pessoas a caminho do trabalho. Os turistas se movimentavam mais devagar, começando cedo o dia de visitas as atrações.

A Galeria Uffizi só abria as 8h15, portanto, o famoso prédio estava vazio, a não ser por um trabalhador solitário de macacão, que, em cima de uma escada, limpava a janela no alto do edifício. Um aviso na base da escada recomendava CUIDADO em várias línguas. Um observador mais atento nunca perceberia que o limpador de janelas se dedicava a só uma delas; a da sala 43 do terceiro andar, a sala de Caravaggio.

Hamilton Holt olhou para a galeria através do vidro. Não foi difícil identificar a *Medusa* na parede oposta. Deus do céu: o quadro original era ainda mais horrível que as cópias trazidas por Jonah! Hamilton não entendia por que alguém iria querer uma porcaria daquela. Mas os membros da família Holt nunca tinham sido grandes fãs de artes. MMA e corrida de tratores tinham mais a ver com eles.

Hamilton tomou nota das câmeras de segurança presas nas paredes. Por sorte estavam voltadas para os quadros, não para as janelas. Do bolso do macacão, tirou o cortador de vidro e pressionou contra a parte inferior da janela, sentindo a lamina afundar na vidraça espessa.

Nesse instante, um homem uniformizado entrou na sala Caravaggio. Um guarda! Apavorado, Hamilton escondeu o cortador atrás do pano de limpeza e voltou a lustrar a janela. Os olhos do segurança percorreram as várias obras de artes expostas e então se detiveram em Hamilton, do lado de fora.

Um lampejo de medo. A equipe Cahill não tinha nenhuma informação sobre os procedimentos empregados na Uffizi para a lavagem das janelas. Talvez a empresa que normalmente prestava o serviço utilizava um guindaste ou um andaime. Talvez o uniforme dos limpadores fosse de outra cor. Talvez os seguranças da Uffizi conhecessem os funcionários habituais.

O perigo passou. O guarda completou o exame da sala e seguiu adiante.

Tremendo de alívio, Hamilton guardou o pano no bolso e voltou a usar o cortador de vidro.

Sessenta e nove centímetros de largura por dez de altura, disse a si mesmo.

Essas tinham sido as instruções de Amy. Uma abertura suficiente para dar conta do recado, mas, eles esperavam, não grande o suficiente para ser notada até a hora do roubo, marcada para as onze da manhã.

Hamilton cortou o vidro com a lâmina, calculando o comprimento da incisão. Em seguida, removeu a comprida placa de vidro regular, para se assegurar que o corte também tivesse alcançado o outro lado. Delicadamente, colocou o vidro no lugar, tomando o cuidado de não empurrar com muita força. Cacos de vidro no chão da Uffizi seriam um indício mortal.

Mortal...

A palavra ecoou na cabeça de Hamilton como um martelo batendo forte contra um prego. Se o roubo não desse certo, Reagan e os outros reféns poderiam acabar mortos. Esse pensamento foi como um soco em seu estômago, e Hamilton cambaleou enquanto descia até a rua e dobrava a escada.

Ele tinha achado o plano maluco, mas não se convocava um Tomas para pensar. Apesar de Hamilton ter tirado nota máxima nos exames de admissão para as universidades e de ter recebido cartas de aceitação de faculdades de todo país, ele entendia que seu principal papel na operação seria garantir a força bruta. Sabia que era inteligente, mas a vida de sua irmã era muita coisa para se apostar contra quinhentos anos de história Tomas.

Portanto, ali estava ele para fazer o trabalho pesado e deixar a estratégia por conta dos outros. Amy, Dan e Jonah tinham repassado o plano umas cem vezes, e conclusão era sempre a mesma: se não podiam tirar o quadro pela porta ou tirá-lo pelo telhado, só restava uma saída possível.

Pela janela.

* * *

A hora H tinha sido marcada para onze da manhã, para que houvesse tempo para a galeria ficar lotada.

Agora.

Amy puxou a pistola de água de dentro da pasta e disparou um jato de tinta contra a câmera mais próxima, cobrindo sua lente. Sem hesitar, voltou-se para a outra e fez o mesmo, juntamente quando o relógio batia 11 horas.

Hamilton deu um salto a frente e arrancou à *Medusa* da parede. Um alarme tocou tão alto que parecia querer estourar os tímpanos dos presentes. Em toda galeria Uffizi, portas se bateram e trancaram automaticamente. Uma placa pesada de aço caiu diante da entrada principal, bloqueando qualquer possibilidade de fuga. Funcionários de segurança vasculhavam as fileiras de monitores de vídeo, procurando a origem do alarme. Um exército de guardas se espalhou pelo edifício.

Na sala Caravaggio, as pessoas gritavam apavoradas, trombando uma nas outras e contra as paredes. Amy puxou depressa as três *Medusas* falsas de sua pasta e as atirou no meio da multidão frenética. Assim que a última cópia saiu das mãos de Amy, Hamilton lançou a *Medusa* verdadeira por cima de um mar de cabeças agitadas, como se fosse um frisbee. Ela a agarrou e girou o corpo para introduzir na fenda na janela previamente aberta.

O vidro saiu facilmente do lugar, mas a abertura não tinha altura suficiente e a forma convexa do escudo.

Só um Holt para fazer um buraco pequeno demais!

Recorrendo ao seu treinamento de artes marciais, Amy deu um poderoso chute na janela. O vidro se espatifou e a *Medusa* caiu, deixando para trás três versões falsificadas num cenário de absoluto caos.

* * *

O estranho alarme foi o chamado de Dan à ação.

Em questão de segundos, ele já tinha desdobrado a cama elástica. Olhou para o alto e viu o quadro vindo em ao chão, muito mais perto da fachada do que tinha previsto. Oops! Dan se esforçou para empurrar a cama elástica contra a parede do edifício, mas uma perna dela ficou presa nos paralelepípedos. Desesperado, ele ergueu a cama elástica e se jogou para frente, com a cabeça tumultuada de visões da obra-prima de quatrocentos anos se despedaçando na rua, bem diante dos seus olhos. Quando o escudo bateu na cama elástica, a lona se esticou com a força do impacto, a obra de arte foi lançada para cima e para o lado. Dan agarrou a *Medusa* como um jogador de futebol americano fazendo uma jogada estelar.

Ele caiu com força nos paralelepípedos, mas sua carga preciosa estava ilesa.

Touchdown, Cahill!

Dan já ouvia o som das sirenes da polícia sobrepondo ao do alarme da galeria Uffizi. Um dos objetos mais cobiçados do mundo estava em suas mãos. Ele precisava fazê-lo desaparecer, e já!

Dan colocou o quadro dentro de uma caixa de pizza. Coube ali tão perfeitamente que ele não pode deixar de pensar se o próprio Caravaggio não o teria projetado assim: uma *Medusa* no tamanho de uma pizza.

Dan tampou a caixa e colocou na pilha com outras três caixas de pizza que ele transportava na cesta de uma bicicleta enferrujada. Duas caixas ficaram em cima da *Medusa* e uma ficou embaixo. Então subiu na bicicleta grande demais para ele e, tremendo um pouco, começou a se afastar da galeria.

A polícia chegava de todas as direções, cercando a galeria Uffizi. Dan pedalou mais rápido, determinado a se distanciar da cena do crime. Sacudindo-se todo por causa dos paralelepípedos desiguais, virou em direção ao rio. Podia ver a água à sua frente, mas também policiais, muitos deles formando uma barreira improvisada na rua.

Não precisa se apavorar, disse a si mesmo. *Você não passa de um entregador de pizza como outro qualquer, que está fazendo o seu trabalho.*

Os policiais estavam por toda a parte, parando carros e pedestres e tagarelando nervosamente em italiano. Qualquer recipiente maior que uma carteira era revistado. Dan fixou os olhos no rio Arno; não ousou nem olhar para e nem para direita enquanto passava pelo cerco de investigação.

O rio estava tão próximo que ele conseguia ler os nomes dos barcos que passavam sob a célebre ponte Vecchio.

Só mais alguns metros! Ele ia conseguir...

— Fermati! — ordenou uma voz áspera.

Uma mão enorme o agarrou pelo ombro, obrigando Dan e a bicicleta a pararem imediatamente. Um policial de pescoço largo olhou Dan no rosto e depois as caixas dentro da cesta. Abriu a tampa da primeira, descobrindo uma marguerita de aroma irresistível. Abriu a segunda caixa. Pizza de queijo parmesão e manjericão fresco.

Com um grunhindo, o policial fechou as duas caixas e fez sinal para Dan seguir em frente. Sorrindo para esconder seu alívio, Dan pedalou, espantado por não ter desmaiado na sarjeta. Se o policial tivesse olhado dentro da terceira caixa de pizza, teria encontrado algo não tão apetitoso: o rosto da *Medusa*.

De pernas bambas, Dan prosseguiu até a margem do rio, escapando da linha de visão da barreira policial pela qual acabara de passar. Exatamente na hora marcada, uma lancha poderosa subiu sob a ponte. Jonah Wizard estava em pé na embarcação, segurando uma rede de pesca com um cabo comprido. A lancha desacelerou ao chegar perto da margem. Dan tirou a terceira caixa de pizza e a jogou na rede. Em segundos, a *Medusa* foi puxada para bordo lancha, que voltou a acelerar e desapareceu.

O alarme da galeria Uffizi ainda tocava ao fundo quando Dan se sentou no gramado e se serviu de uma fatia de pizza, dividindo-a generosamente com os patinhos do rio Arno.

Roubar obras de arte dava uma fome...

Capítulo 9

A polícia florentina manteve a galeria Uffizi interditada até que as fitas de vigilância pudessem ser vasculhadas e cada visitante fosse interrogado e revistado. Era quase meia-noite quando Amy e Hamilton foram liberados.

Assim que se viram livres e no taxi a caminho do hotel, Amy telefonou a Dan, escolhendo as palavras com cuidado.

— Desculpe ter demorado tanto. Ficamos presos no museu. Aconteceu uma coisa horrível: roubaram um quadro de valor inestimável. E o seu dia, como foi?

— Foi bom — respondeu Dan cauteloso. — Jonah e eu dividimos uma pizza no almoço.

— Entendi — disse Amy, fazendo sinal positivo para Hamilton. — Daqui a pouco estaremos aí.

Hamilton tinha uma queixa a fazer.

— Por que você falou para a polícia que sou seu namorado? Que nojo, Amy. Somos parentes!

Amy se ofendeu.

— Tivemos um ancestral em comum, isso a uns quinhentos anos. Além disso, se a polícia pensasse que estávamos juntos, teríamos apenas uma história, e você não precisaria falar com eles também.

— Eu fui aceito na Universidade de Notre Dame na primeira chamada, sabia? — disse Hamilton na defensiva. — Sei muito bem falar.

— É claro que sim — declarou Amy com uma voz tranquilizadora. — O que você dissesse é que poderia nos causar problemas.

De volta ao hotel, ao entrarem na suíte deram de cara com uma visão aterradora. Ali na sala, lançando para eles um olhar horrendo, estava a *Medusa*.

— Vocês estão malucos? — exclamou Amy, furiosa. — E se o pessoal do serviço de quarto ver isso?

Dan deu os ombros.

— Não precisamos de serviço de quarto. Sobrou pizza. Quer uma fatia?

Jonah lançou um olhar crítico para a obra-prima renascentista.

— Cara, as cópias não fazem justiça ao quadro. Esse é o verdadeiro!

— Esses Janus... — resmungou Hamilton.

— Ninguém viu você pegar? — perguntou Dan.

Amy encolheu os ombros.

— As câmeras estavam cegas e os guardas corriam atrás das três cópias que circulavam na multidão. Quando deram pela falta de algo, já tínhamos aproveitado a confusão para chegar à sala ao lado.

Jonah a olhou com respeito.

— Nós, os Janus, deveríamos contratar você para recuperar algumas de nossas obras de arte que caíram em mãos erradas ao longo dos anos.

O som alto de um ringtone encheu a sala. Amy olhou instintivamente para o telefone Vesper, mas o som vinha do seu próprio celular, cuja a função "vibrar" o fazia pela superfície da mesinha de café.

— Alô? — ela atendeu a ligação.

Vivas foram ouvidas do aparelho.

— Eu sabia que iam conseguir! — exclamou Sinead.

— Esplêndido! — acrescentou Ian.

— Ótimo trabalho — aprovou William McIntyre.

Amy sorriu, mesmo sem querer. Na situação tensa dos sete reféns correndo perigo e os Vesper conspirado sabia-se lá qual objetivo maligno, era fácil esquecer de valorizar a conquista do dia. O roubo da *Medusa* tinha sido um ato horrível, sem falar que era um crime, mas também era um feito e tanto.

— Como vocês ficaram sabendo? — ela quis saber.

— Vocês viraram notícia na imprensa internacional — contou Sinead. — Estão chamado de. "O Crime do Século".

— Não somos criminosos — disse Amy na defensiva.

— Vocês fizeram o que precisava ser feito — tranquilizou-a McIntyre. — E fizeram de maneira admirável. Agora só precisa aguardar as instruções do Vesper Um.

— Quanto tempo será que ele vai levar? — perguntou Amy.

— Não muito tempo — previu Ian. — Se o assunto virou notícia aqui, com certeza virou também no lugar onde ele está.

A conversa foi interrompida por um pequeno tumulto do outro lado da linha.

— O que está acontecendo? — quis saber Amy.

Ela podia ouvir cochichos urgentes entre eles. Finalmente Sinead sussurrou:

— E a polícia! Prenderam um invasor do lado de fora do portão principal.

Amy sentiu uma pontada de medo.

— Um Vesper?

— Talvez a gente consiga vê-lo por uma das câmeras de segurança da frente — sugeriu McIntyre.

— Enquanto você está indo, eu já estou voltando — disse Sinead — Espera aí... Estou vendo o sujeito... Oh-oh...

— O que foi? — perguntou Amy.

— É o Evan — suspirou Sinead. — Ele é tão fofo!

Amy sentiu um misto de alívio e desespero. Evan, tão cabeça dura e tão leal. As qualidades que mais admirava nele se voltavam contra ela.

— Quem é Evan? — perguntou Ian.

— O namorado de Amy!

— Desde de quando você tem namorado, Amy? — Ian estava curioso.

— Desde que *isso não é da sua conta!* — Amy explodiu. — O que Evan estava fazendo na frente do nosso portão? Ele sabe que estou fora da cidade.

— Obviamente, ele está tentando descobrir se você já voltou — explicou McIntyre com paciência. — O rapaz da foto lhe quer bem. Como você se recusa atender as ligações dele e suas explicações foram insuficientes...

— O que você quer que eu diga a Evan? A verdade?

— Não — respondeu o advogado — mas pelo menos você poderia contar a ele mentiras mais convincentes. Há um período complicado no início de qualquer romance de um Cahill e alguém que não é Cahill. Quando seu pai e sua mãe começaram a se interessar um pelo outro, me recordo claramente que ouvi Hope explicar a Arthur...

Sinead o interrompeu.

— A polícia precisa saber o que fazer com Evan, Amy. O que eu digo aos policiais?

— Atirar para matar? — sugeriu Ian.

— Isso não teve graça nenhuma — Amy suspirou, cansada. — Convença-os a soltar Evan. Eu vou telefonar para ele e resolver tudo.

— Você já disse isso antes — lembrou Sinead.

— Desta vez estou falando sério.

* * *

— Eu já falei, Evan. É uma emergência familiar. Não posso dar detalhes por que não diz respeito só a mim.

Pelo celular a voz de Evan ia ficando mais alta conforme a sua consternação aumentava.

— Isso é uma maluquice, Ames! Acabei de ser preso porque simplesmente olhei para sua casa! Você por acaso pediu um mandado judicial para me obrigar a manter distância ou algo assim?

— É claro que não.

De repente, o telefone na mão de Amy pareceu pesar umas sessenta toneladas. Já era bem difícil lidar com as loucuras dos Cahill quando fazia parte delas; mas, quando a repercussão afetava pessoas de fora, era quase impossível de suportar.

— A polícia está vigiando a casa por causa do que aconteceu no ônibus. Eles acham que podem ter tentado sequestrar a mim e ao Dan por causa da herança que recebemos da Grace.

Como Amy ansiava pelo luxo de se sincera com ele. Seria mais fácil para Evan e pouparia ela de toda essa angústia.

— Quem é esse cara com sotaque metido a besta que saiu para falar com a polícia? — insistiu Evan. — Ele parece um modelo ou coisa assim.

— É meu primo Ian, só isso — ela replicou.

— Não se parece com a família — observou Evan de má vontade.

— Ele é tipo meu primo de vigésimo quinto grau.

Evan não se deu por satisfeito.

— Você não quer me dizer onde está. Não quer me dizer quando vai voltar. Mal atende minhas ligações. Você deve imaginar como estou preocupado. Se fosse ao contrário, o que você faria?

— Eu... eu...

Não vou gaguejar. Não com Evan, a única pessoa da minha vida que eu posso ser apenas eu mesma e para quem minha ascendência Cahill não tem importância.

— Fico triste que você está se sentindo tão abandonado — ela concluiu com esforço. — Prometo que isso vai mudar de agora em diante... — O telefone Vesper tocou, atraindo todos os olhares na suíte do hotel. — Preciso ir — disse Amy apressada, desligando na cara do namorado.

Todos correram em direção ao smartphone especial. Hamilton foi o primeiro a chegar e segurou o aparelho no alto para que os outros vissem a mensagem.

Muito impressionante. Me lembrem de um dia desses ir furtar algumas lojas com vocês, para me distrair.

Vamos ao que interessa: levem a mercadoria para a cripta dos Médice na Basílica de São Lourenço. Amanhã ao meio-dia.

Espero que sejam tão pontuais em entregar a peça quanto foram hábeis em obtê-la. Atrasos não serão tolerados.

Vesper Um

— E os nossos reféns? — Hamilton gritou para o telefone. — E Reagan?

— Não temos como responder à mensagem — explicou Dan com severidade. — A localização dele está bloqueada.

— Esse cara está pedindo demais — disse Jonah. — Como ele espera que a gente entregue a mercadoria antes de liberar nosso pessoal?

— Ele tem reféns — lembrou Hamilton. — Nós não temos nada.

Pensar em Phoenix fez a expressão de desafio sumir do rosto famoso de Jonah.

— Se machucarem aquele sujeitinho...

Amy gostaria de dizer algo animador, mas e que na verdade eles dependiam da boa vontade de Vesper Um.

E ela tinha medo que Vesper Um não tivesse boa vontade alguma.

Capítulo 10

A Basílica de São Lourenço ficava no bairro do mercado municipal de Florença. No meio do dia, as ruas estreitas estavam apinhadas de gente e o trânsito era lento, principalmente para a comprida limusine fornecida pela gravadora italiana de Jonah. Com o carro parado no trânsito e a cúpula majestosa da igreja já visível, os quatro Cahill abandonaram o automóvel e se aventuraram a pé.

A *Medusa* estava embrulhada em uma sacola volumosa que Amy segurava nos braços, mas mesmo assim Dan estava nervoso. A Itália inteira estava à procura daquilo. O mundo inteiro, na realidade. Seria apenas sua imaginação ou de fato muitos olhares se voltavam para eles? Talvez por causa de Jonah. Mesmo de óculos escuros e com a aba do boné puxada para baixo, o rosto famoso ainda chamava a atenção.

Um rugir de motores poderosos invadiu os ouvidos de Dan. Duas motos Harley-Davidson imensas desciam a rua; de jaquetas pretas, seus condutores costuravam entre os veículos que avançavam lentamente.

Que gangue de motoqueiros atravessa assim um engarrafamento?

Mal esse pensamento passou pela cabeça de Dan, eles se viram cercados pelas motos. Diante dos olhos aterrorizados dele, o líder dos motoqueiros estendeu um braço e empurrou Amy para a rua. Ela caiu e um segundo motoqueiro se aproximou pelo lado oposto, arrancando a sacola de seus braços.

— Ei! — gritou Dan.

Ele se jogou contra o agressor de Amy, mas naquele instante uma terceira Harley se interpôs em seu caminho. Um braço rígido envolto num casaco de couro o empurrou para trás e ele tombou sobre o capô de um táxi que avançava devagar.

Duas outras motos saltaram o meio-fio e subiram na calçada. Uma bota se esticou num chute, derrubando Jonah para trás. Hamilton tentou reagir, mas o soco que desferiu atingiu apenas um capacete duro. Ele gritou de dor, segurando a mão, cujos nós dos dedos já começavam a inchar.

Em pé novamente, Amy corria como louca. A sacola já estava fora do alcance deles, traçando uma fuga tortuosa em meio ao engarrafamento. Alguns segundos depois, a gangue virou uma esquina e desapareceu. Desviando-se de pedestres e carrinhos de comida, os quatro Cahill perseguiram o som dos motores, que foi enfraquecendo rapidamente.

Amy virou a esquina correndo e parou de repente.

— Para onde eles foram?

Dan, que a seguia de perto e colidiu com ela, se afastou ofegante.

— Continue correndo!

— Não adianta, primo — disse Jonah arfando. Tinha perdido os óculos escuros. A ausência deles revelava seus olhos enfurecidos. — Eles sumiram.

— Não é justo! — exclamou Hamilton, furioso. — Esses caras levaram aquilo que roubamos por uma boa causa! — Ele pensou como isso poderia impactar a situação de Reagan e sua raiva virou desespero.

— Vamos voltar para a limusine! — propôs Dan, ainda ofegante. — Vamos revistar a cidade inteira!

Amy sacudiu a cabeça, resignada.

— Não.

— Eles pegaram o quadro! — Dan estava irado. — É a única coisa que podemos trocar pelo nosso pessoal! Pela *Nellie!*

— Nós nunca vamos encontrá-los — disse Amy, desanimada. — A esta altura eles já devem estar em algum porão por aí, descobrindo que estão com uma coisa que toda polícia italiana está procurando.

Um silêncio terrível se fez enquanto todos se davam conta da gravidade da situação. Eles tinham falhado com Vesper Um. O que aconteceria agora? O inimigo havia mais uma vez prometido eliminar um dos reféns.

Quem seria? Alistair... Natalie... Ted... Phoenix...

Jonah estremeceu, como se estivesse sentindo uma dor física.

Reagan...

Uma lágrima se formou no canto do olho de Hamilton.

Fiske... Nellie...

O radar dos irmãos Cahill os tinha salvado tantas vezes antes! Mas naquele momento todos viviam apenas o sentimento de impotência absoluta e o mais tenebroso desespero.

Quando o telefone dos Vesper tocou, todos pularam de susto. Amy tremia ao tirar o aparelho do bolso.

Duas palavras apareceram na telinha:

Pacote recebido.

— Impossível! — exclamou Hamilton. — Como ele pode ter recebido se não chegamos a entregá-lo?

De repente, Dan entendeu.

— Aquela era a entrega! Os Vesper não queriam revelar onde estariam, então armaram aquela emboscada e nos cercaram!

— Espertos — foi o comentário de Jonah.

— Muito espertos — Amy concordou, esfregando o lábio machucado. — Quem *são* esses Vesper afinal?

* * *

O posto de combustível abandonado estava fechado havia muitos anos, mas a porta da área de troca de óleo funcionava perfeitamente e se abriu para

admitir o motociclista solitário. Ele desceu da moto e fechou a porta atrás de si. Tirou o capacete e seus cabelos cacheados caíram soltos.

Casper Wyoming tinha recebido seu nome em homenagem ao estado americano, onde seus pais realizaram o mais bem-sucedido assalto a banco da história. Ele nascera no meio do crime e fez disso sua paixão. Sentia satisfação muito maior em roubar 1 dólar do que em ganhar 50 de forma honesta. Casper tinha subido rapidamente nos escalões dos Vesper. Um dia pretendia se tornar Vesper Um.

Contudo, esse dia ainda não chegara, e o Vesper Um aguardava seu relatório.

Casper enfiou a mão no saco verde de lixo e tirou a pintura sobre um escudo que aqueles Cahill tinham roubado. A imagem o deixou sem fôlego. Que feiura mais perfeita! Caravaggio teria dado um ótimo Vesper. Poucos eram capazes de se equiparar à habilidade desse artista para criar o horror puro.

Casper Wyoming tinha dedicado a vida a isso.

Que pena que aquela magnífica obra de arte era famosa demais para ser vendida! Mas claro que o valor dela para os Vesper ultrapassava em muito o do mero dinheiro.

Casper ergueu o escudo à sua frente e afastou o rosto para examinar a parte de trás do quadro. Seu corpo endureceu e ele inspirou forte. Não era a *Medusa*! Era uma falsificação!

Ele se distraiu com o barulho da porta, que foi aberta para dar passagem a outro motociclista, de capacete sob o braço. Uma loira jovem de feições suaves e rosto quase angelical.

Casper segurou a *Medusa* no alto e revelou-lhe a parte de trás da obra de arte.

O sorriso doce da recém-chegada se transformou pouco a pouco numa careta diabólica. A traição teria consequências. Esse era o jeito Vesper de agir. Alguém iria pagar.

* * *

O estado de espírito do cativeiro tinha passado do choque para o medo e a frustração, generalizando-se por fim numa espécie de tédio resignado. A determinação para descobrir por quem estavam detidos e para fugir dali permanecia tão forte quanto antes. Mas eles não tinham feito qualquer progresso.

Eles não sabiam a identidade de seus captores. Eles não sabiam em que lugar estavam presos. Ted insistia que às vezes ouvia vozes do outro lado das paredes. Os outros acreditavam nele, porque sua audição parecia mais aguçada pela falta de visão. Mas até agora Ted não tinha conseguido identificar uma única palavra, nem sequer um sotaque.

O plano inicial tinha sido correr para a porta no instante em que o próximo refém fosse trazido. Mas Phoenix fora o último. Desde que ele tinha sido largado no chão, as paredes da cela vinham constituindo todo o universo deles. Com exceção do elevador de comida, que trazia refeições e roupa lavada, eles não tinham nenhum contato com o mundo.

No dia anterior, Reagan tinha entrado no elevador de comida, na esperança de ser retirada com a louça suja. Ficara ali por uma hora antes de desistir. A refeição seguinte tinha sido uma jarra de água e um pão velho.

— Não me entendam mal, eu odeio esses caras — disse Nellie — mas eles sabem administrar uma prisão como ninguém.

Fiske concordou, pesaroso.

— Uma coisa é certa, eles tiveram muito trabalho para nos isolar assim, completamente. Estamos aqui há vários dias e ainda não descobrimos nada.

— Vários dias? — Natalie repetiu. — Acho que perdi meu horário no cabeleireiro.

— Estamos com problemas mais sérios do que a falta de uma escova — comentou Nellie, irritada.

Reagan bateu com o punho na palma da mão.

— Eu não aguento ficar aqui parada como idiota, sem poder fazer nada!

— É frustrante demais — concordou Alistair. Seu braço direito se contraía num tique nervoso. Sem sua bengala, sentia-se incompleto. — Mas não há nada a fazer a não ser esperar que alguma coisa aconteça. Não temos como agir; podemos apenas reagir. Nossos captores farão o próximo movimento.

Naquele instante, o painel deslizou para o lado. Reagan não hesitou e correu até a abertura. A primeira coisa que viu do lado de lá das paredes da prisão foi uma grande besta, uma arma de disparo de flechas do tipo que poderia derrubar um cervo a trezentos metros. A besta estava apontada para um ponto entre os olhos de Reagan. Distância: 45 centímetros. A menina recuou, afastando-se da arma e do carcereiro mascarado que a segurava.

Outro captor, também mascarado, apareceu atrás do primeiro. Em vez de uma besta, empunhava um pequeno revólver. Apontando-o para os reféns, ele se aproximou.

Fiske deu um passo à frente.

— Guarde isso. Podemos conversar como pessoas civilizadas.

Ele foi empurrado de lado e caiu sobre o cabideiro.

O carcereiro apontou a arma para a refém mais próxima: Natalie. A garota estava tão aterrorizada que mal conseguiu recuar.

— *Não*.

A palavra ressoou pelo ambiente como se a própria cela fosse um alto-falante. Os reféns olharam em volta, confusos e chocados. A voz estava distorcida eletronicamente, soando quase robotizada, mas a autoridade que

continha era indiscutível. O carcereiro com o revólver parou de imediato, aguardando instruções.

— *Ela não* — disse a voz bem alto.

— Então quem? — perguntou o carcereiro às quatro paredes.

— *Quem você quiser*.

Aconteceu tão rápido que ninguém teve tempo de esboçar um gesto de defesa. Com a velocidade de um relâmpago, o carcereiro apontou a arma para Nellie e puxou o gatilho. Um estrondo de romper os tímpanos ressoou no pequeno espaço fechado.

Nellie pôs a mão no ombro, o rosto retorcido de dor. Sangue escorreu entre seus dedos. Diante do olhar aterrorizados dos outros reféns, ela desabou no chão. Alistair correu para ajudá-la.

Enlouquecida, Reagan se jogou sobre o agressor. Sua ação lhe custou caro: o carcereiro com a besta golpeou sua cabeça com o cabo da arma. Atordoada, Reagan caiu.

Os dois carcereiros deixaram a sala ainda encarando os reféns, dando passos curtos para trás. A parede deslizante se fechou assim que saíram.

Phoenix e Natalie se abraçaram, chorando.

Ted se pôs em pé, confuso e impotente.

— O que aconteceu?

Fiske, que estava mais perto de Reagan, apressou-se a ajudá-la a se levantar.

Alistair se ajoelhou ao lado de Nellie e tocou em seu pescoço, procurando sentir seus batimentos cardíacos.

Capítulo 11

Os quatro primos ainda não tinham pedido um prato sequer do cardápio do La Rotunda, mas a mesa deles já estava coberta por todas as especialidades da casa.

— Obrigado, cara. Agradeço muito tudo isso — disse o famoso Jonah Wizard, todo educado, quando o chef veio pessoalmente lhes trazer uma travessa fumegante de nhoque.

— *Signor* Wizard! — exclamou o chef, efusivo. — É uma honra receber um artista tão renomado da música e da televisão!

— E do cinema também — Jonah acrescentou, prestativo. — O senhor já viu *As crônicas do gangsta?* Não espere até sair em DVD.

— Com certeza! — disse o chef. — Vamos lembrar para sempre deste dia glorioso!

— Eu também vou me lembrar. Ótimo rango.

A celebridade visitante sabia que essa frase iria aparecer no próximo guia de restaurantes, ao lado de uma nova especialidade da casa, provavelmente batizada como Nhoque Gangsta.

Eles estavam acomodados numa mesa num canto do salão para proporcionar a Jonah alguma privacidade, coisa que, mesmo assim, ele não conseguiu ter. Os frequentadores do restaurante olhavam constantemente para eles e tiravam fotos, enquanto paparazzi os espreitavam pela grande janela frontal do estabelecimento. Um circo ao qual o astro já estava acostumado.

— Comida de graça! — murmurou Hamilton de boca cheia. — Não é a toa que você é rico. Nunca precisa pagar nada!

— E desde quando isto é de graça? — retrucou Jonah. — Se eu não deixar uma bela gorjeta, vai circular por toda a Europa a notícia de que o Wiz é um pão-duro. Na entrega do Oscar, vão me pôr para sentar atrás do técnico de som do filme dos pinguins!

— Chega — disse Amy, impaciente. — Vamos pensar um pouco sobre o que estamos fazendo aqui.

Com o roubo realizado e a entrega feita, só lhes restava aguardar a notícia da libertação dos reféns. Ninguém sabia de que forma isso aconteceria. Receberiam uma mensagem de texto de Vesper Um, instruindo-os sobre algum ponto de encontro? Ou a ligação viria de algum dos reféns, informando que estavam livres? Eles ainda estariam juntos ou já teriam se espalhado pelo planeta?

Todos os celulares estavam com a bateria completa e em cima da mesa, em meio às travessas de antepasto e *ossobuco*. Do outro lado do mundo, no centro de comando de Massachusetts, Sinead, Ian e McIntyre aguardavam noticias. *Gideon*, o satélite dos Cahill, estava em órbita, preparado para transmitir qualquer informação.

— Por que está demorando tanto? — Dan perguntou impaciente. — A gente deu a pintura feiosa para eles. Tudo o que precisam fazer é abrir a porta e deixar todo mundo sair.

— Provavelmente vão transferi-los para outro lugar — raciocinou Amy. — Sabe, desorientá-los, para que não possam identificar onde estavam presos nem quem são os sequestradores. Isso deve levar algum tempo.

— Comam alguma coisa — sugeriu Hamilton, devorando a massa. — O bife está demais!

— É vitela — Amy informou.

Quando o toque soou, a pressa de pegar os celulares fez parecer que eles disputavam a comida na mesa.

Amy agarrou o telefone dos Vesper.

— O que diz a mensagem? — perguntou Dan. — Eles já foram soltos?

Os quatro de espremeram diante da telinha.

Consequência. subs. fem .: a desforra punitiva por um ato de traição ou transgressão.

A pintura é falsificada. Estas são as consequências:

Então, um vídeo começou a passar na tela. Era a cena do cativeiro em que Nellie levou um tiro.

— Não — sussurrou Dan.

— Nossa... — Jonah gemeu. Pela primeira vez na vida, não conseguiu pensar em nada descolado para dizer. — Sinto muito, caras. Mesmo. Sei o quanto ela era importante para vocês.

Hamilton balançou a cabeça, concordando silenciosamente, e afastou os olhos da tela quando viu sua irmã sendo agredida com a besta.

Mantenha a concentração, Amy ordenou a si mesma. *Não entre em desespero*. Mas ela podia sentir as lágrimas se formando. E mais: não conseguia pensar em nenhuma razão para tentar contê-las. Ela chorou baixinho. Foi preciso muita força de vontade para não gritar sua dor e revolta.

Não chore, garota.

Era a voz de Nellie, tentando tranquilizá-la. A sensação foi tão real que Amy olhou para cima, certa de que a amiga estaria ali, no restaurante, pronta para assumir o comando da situação. Quantas vezes, ao longo daqueles anos, a *au pair* não tinha abrandado os golpes que ela e Dan sofreram?

Desta vez Nellie é quem havia precisado deles, eles falharam.

A voz ainda estava ali: *Você se preocupa demais, querida. Está tudo bem.*

Mas não estava tudo bem. Nada algum dia ficaria bem de novo. Como eles iriam viver sem a Nellie?

Amy olhou para Dan e quase pode vê-lo recuando para aquele lugar escuro que ele visitava cada vez mais nos últimos tempos.

— Por que será que, mais cedo ou mais tarde, todo mundo que a gente ama acaba morrendo? — ele perguntou baixinho.

Amy não respondeu. Sabia que, se abrisse a boca, o grito sairia de lá.

Na última vez que viram Nellie, ela estava animada com a perspectiva do curso de culinária em Paris: *Até mais, vocês dois. Espero que se mantenham longe de problemas por algumas semanas. Posso confiar em vocês?*

Os irmãos Cahill até se sentiram um pouco insultados.

Agora Amy lamentou: *Nunca deixe de se despedir de verdade. Você nunca sabe quando será sua última chance.*

O berro de Hamilton a arrancou de seu devaneio.

— Espera!

Amy voltou à realidade e focou o olhar na tela do smartphone. Nervosos, os outros reféns estavam reunidos em volta de Nellie.

Dan chegou um pouco mais perto.

— As pálpebras dela *estão se mexendo?*

Jonah já estava em pé, liderando a torcida.

— Levanta, babá! Em pé, em pé!

— Vamos lá! — Hamilton incentivou.

Amy cruzou os dedos dos pés e das mãos e rezou.

Os quatro viram Reagan e Alistair erguerem Nellie devagar e colocá-la sentada. Seu rosto estava mais pálido que de costume e suas feições, contraídas de dor. Mas ela estava nitidamente viva.

— Aê! — gritou Jonah, rodando com o grandalhão Hamilton pelo restaurante, numa dança da vitória.

Os outros clientes olhavam estarrecidos. Esse comportamento louco não condizia com a imagem pública de Jonah Wizard, sempre calmo e descolado.

— Que foi? — Hamilton os encarou. — Vocês nunca viram um rapper feliz?

— Astro de cinema — Jonah o corrigiu quando os dois primos se sentaram novamente.

No telefone dos Vesper, o vídeo chegou ao fim, seguido das palavras:

Ainda na terra dos vivos... por enquanto...

Dan ficou eriçado.

— E isso quer dizer o quê?

— Quer dizer que o tiro no ombro foi uma mensagem para nós — refletiu Amy, falando baixinho, com voz chocada. — A próxima bala pode ser no coração dela.

— Bem, então mensagem recebida. — Dan estremeceu. — Sinceramente, cheguei a pensar... — Sua voz ficou presa na garganta.

Amy se esticou para tocar as mãos fechadas de Dan.

— Eu também.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Hamilton, desanimado. — Como aquele quadro podia ser uma falsificação?

— Deve ter sido insano na galeria — comentou Jonah. — Alguma chance de que o quadro real tenha sido trocado por uma das cópias?

— Impossível — respondeu Amy com firmeza. — Hamilton o jogou diretamente para mim e eu o atirei pela janela. A *Medusa* que demos a eles foi a que estava na parede.

— Você acha que Vesper Um pode ter mentido só para ter uma desculpa para atirar num refém? — sugeriu Hamilton.

— Ele não precisava de desculpa — observou Dan. — Se ele quisesse apenas sangue, podia ter assassinado todo mundo logo no primeiro dia.

— Então só existe uma explicação — concluiu Amy. — Se nós entregamos um quadro falsificado a eles, é porque a Galeria Uffizi tinha um quadro falsificado na parede!

— Pô, cara, isso não é justo — reclamou Jonah. — Eles falaram pra gente roubar aquilo, nós fomos lá e roubamos! Se era a coisa errada, problema deles!

Amy suspirou.

— Mesmo que pudéssemos fazer Vesper Um raciocinar dessa maneira, não teríamos como entrar em contato com ele.

— Isso é problema *dele!* — Hamilton retrucou. — Não temos culpa que esse telefone só recebe ligações!

— Não existe problema *dele*. O problema é *nosso* — explicou Amy, cansada. — Ele está com o nosso pessoal e acaba de mostrar que não se incomoda nem um pouco em machucar os reféns. Se a *Medusa* que roubamos é uma falsificação, então precisamos encontrar a *Medusa* verdadeira.

— Você está falando sério, Amy? — explodiu Dan. — Essa pintura tem centenas de anos! Ela pode estar em qualquer lugar! Pode até ter sido queimada num incêndio ou jogada no fundo do mar.

Amy travou o maxilar.

— Durante a caça às pistas nós encontramos coisas no alto de montanhas e em cidades submarinas. Por que você duvida que possamos encontrar esse quadro?

Hamilton tinha os olhos arregalados.

— Sim, mas por onde vocês começariam a procurar?

— A *Medusa* é um tesouro cultural famoso — disse Amy. — Assim que a tinta de Caravaggio secou, as pessoas já começaram a falar sobre o quadro, a escrever sobre ele, a catalogá-lo. — Ela se pôs em pé. — Então vamos começar a procurar na biblioteca.

Capítulo 12

Nellie estava deitada em seu beliche no cativeiro, apoiada em travesseiros doados pelos outros seis reféns.

O pequeno Phoenix não tinha saído do lado dela desde a agressão. Estava pálido.

— Como é levar um tiro?

— Eu não recomendo — respondeu Nellie com voz controlada. — Chocolate é bem melhor, sem dúvida alguma. — Ela ainda conseguiu dar uma piscadela.

— Suíço, então... — acrescentou Natalie, com água na boca.

Seus passeios na Horrods sempre terminavam no departamento de Doces Importados.

— Você sentiu a bala entrando? — perguntou Ted, sentado numa cadeira a um canto.

— Foi mais como se um ônibus tivesse me atropelado — respondeu Neliie. — A sensação foi em todo o corpo. A ferida mesmo só começou a doer depois.

— Bom, mas eles vão mandar um médico para extrair a bala, certo? — indagou Reagan, impaciente.

— Imagino que sim — respondeu Alistair com expressão preocupada. — Se a intenção de nossos captores fosse nos matar, já estaríamos todos mortos.

Nellie se mexeu no colchão, contraindo-se de dor.

— Espero que façam isso logo — queixou-se. — Se eu quisesse ser torturada, iria ver uma ópera.

Fiske falou rispidamente na direção das paredes.

— Precisamos de atendimento médico imediato. Há uma pessoa aqui ferida à bala que precisa ser tratada.

— Não é falando como um professor que você vai chamar a atenção deles — zombou Reagan. — *Ei!* — gritou a plenos pulmões. — *Tragam um médico pra cá! Ela está com dor, e por causa de vocês! O que vão fazer?*

Houve um instante de silêncio, enquanto o grito de Reagan reverberava pela cela. Então eles ouviram o chacoalhar e o zunido do elevador de comida.

Todos menos Nellie e Ted correram para o ambiente principal. Reagan abriu a portinhola e eles olharam lá dentro.

Viram um copo d'água e dois comprimidos de um remédio contra febre e dor. Alistair estremeceu, sem conseguir acreditar.

— Eles só podem estar brincando!

— Infelizmente, estão mesmo — disse Fiske em voz baixa. — Brincando de fazer a jovem Nellie sofrer.

* * *

— *Ai!!!*

— Fique quito — ordenou Sinead. — E não banque a criancinha. — Ela limpou o corte atrás da orelha de Ian. — Arranhões de gato infeccionam, sabe.

— E a culpa é *minha?* — reagiu Ian, furioso. — Por que vocês não trancam esse bicho no porão? Ou melhor ainda: mandem ele para uma fábrica de cordas de violino! *Ai!* Que negócio é esse? Ácido?

— Uma mistura que eu mesma criei — respondeu Sinead alegremente. — Amy e eu a usamos nas bolhas que aparecem nos nossos pés quando treinamos para maratonas. Tem um efeito calmante, não tem?

— Na base secreta dos Lucian eles usam esse tipo de calmante nos *interrogatórios!*

O telefone tocou no centro de comando. Ian consultou o monitor.

— É Dan. — Ele pressionou um botão. — Kabra falando.

A voz de Dan chegou ao sótão entre estalidos.

— Não fale desse jeito — reclamou. — Seu nome ainda me dá dor de estômago. Recebi sua mensagem. Qual é a grande notícia?

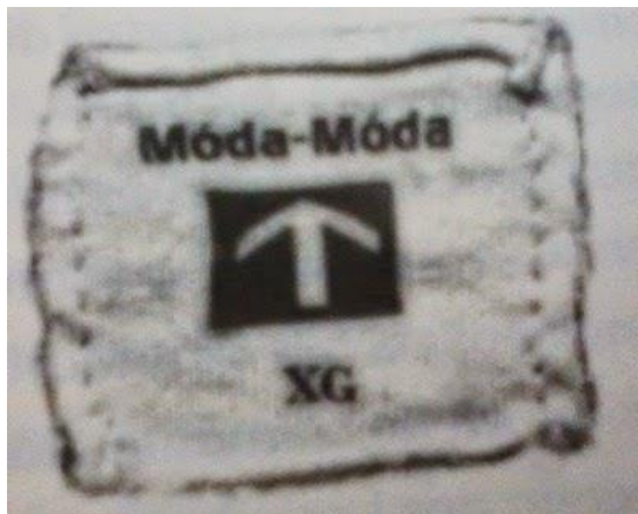
— Dan, sou eu — Sinead interveio. — Ian e eu analisamos as imagens da agressão a Nellie. Parece que encontramos alguma coisa.

— Você pode mandar essa coisa para o meu telefone? — pediu Dan.

— Já mandei. Olha lá. — Ela começou a exibir o vídeo. — Não dá para ver o rosto dos guardas atrás das máscaras, mas, quando eu congelo aqui... — Com um zoom, a imagem focalizou o homem com a besta e depois sua nuca. Sinead ajustou a imagem, e Dan, a 6.500 quilômetros dali, viu a ampliação com nitidez: uma etiqueta na parte interna da gola do casco do carcereiro.

— Uma marca de roupas?

— Se for um fabricante local de casacos, talvez possamos definir mais ou menos a localização do cativeiro.



— É alguma coisa para começar — disse Dan, sem parecer muito convencido.

— Onde está Amy? — quis saber Ian. — Vocês podem pedir que ela telefone para o tal de Evan? Ele liga para cá umas vinte vezes por dia. Ou ele é a pessoa mais cabeça-dura do mundo, ou realmente gosta da sua irmã. Amy precisa ter compaixão dele... de todos nós!

— Amy está muito ocupada — explicou Dan. — Está na biblioteca, tentando entender quando a *Medusa* de verdade pode ter sido roubada da Galeria Uffizi e substituída por aquela cópia.

— Se alguém é capaz de fazer isso, é a Amy — Sinead opinou. — Ela é ótima em pesquisas.

Dan não tinha tanta certeza.

— Um dos guardas me disse que não se tem notícia de um dia ter havido um roubo na Uffizi... Antes de nós, é claro. Se alguém levou um quadro de lá, isso com certeza não vai estar registrado em nenhum livro de biblioteca.

— O que vocês três estão fazendo? — perguntou Sinead.

— Jonah está com o prefeito de Florença, recebendo a chave da cidade. Hamilton está ajudando Amy. Eu... — Dan abaixou a voz — estou juntando algumas coisas de que vamos precisar.

Dan encerrou a ligação e guardou o celular. *Juntando algumas coisas*, ele dissera a Sinead e Ian. *Tipo 39 coisas.*

Amy ficaria fora de si se descobrisse. Mas bastou assistir ao vídeo do tiro em Nellie para Dan ter certeza de que o que estava fazendo era absolutamente necessário. Sim, Nellie estava viva. Sim, Vesper Um tinha apenas mandado um recado. Desta vez. Cedo ou tarde, o sujeito sentiria a necessidade de enviar um recado mais convincente. E pessoas acabariam mortas.

Amy estava enganada quanto a uma coisa: Vesper Um não estava com *todas* as cartas naquele jogo mortal. Ele tinha reféns, é claro. Mas apenas a memória fotográfica de Dan possuía a fórmula do soro mestre de Gideon Cahill.

Dan conhecia os inúmeros argumentos contra o soro. Era perigoso demais; ninguém deveria ter tanto poder assim. O simples fato de uma fórmula dessas existir e, portanto, provocar disputas poderia reacender as hostilidades e traições da caça às pistas.

Esses argumentos faziam sentido... ou pelo menos tinham feito até ontem. O tiro dado em Nellie mudara tudo. Agora os riscos eram ainda mais altos – eram gigantescos.

Outra diferença: Dan estava tendo dificuldade em continuar se importando.

Se coisas ruins acontecem toda hora, o que é ruim vira algo normal. Riscos não são exatamente riscos quando as consequências deles não são piores que a sua vida normal.

Dan tinha apenas 4 anos quando seus pais morreram. Ele era tão pequeno quando aconteceu, que hoje não sabia ao certo se o que lembrava era a dor real da perda ou a dor que sentia quando, já mais velho, ouvia falar na morte dos pais. Mas ontem, por uns trinta segundos terríveis, Amy e Dan pensaram que Nellie tivesse morrido. Não havia dúvida alguma sobre aquela sensação: um coquetel venenoso de tristeza e raiva.

Dan tinha assistido ao vídeo da agressão inúmeras vezes, mesmo depois de saber que o tiro não fora fatal. Amy disse que ele estava obcecado com as imagens, que elas estavam nublando a mente dele. Mas para Dan as imagens deixavam tudo perfeitamente claro.

Ele recriaria o soro de Gideon e usaria esse poder para destruir o plano dos Vesper e libertar os reféns.

Era isso que ele estava fazendo ao sul do rio Arno, num bairro antigo, repleto de lojas e oficinas estranhas. Numa lojinha de máquinas ele já tinha encontrado solução de ferro e uma outra fórmula contendo íons de tungstênio; num herbanário chinês, encontrara a mirra. Ele sabia que levaria tempo para localizar alguns ingredientes raros, como a seda líquida crua da lagarta *Bambys mari*, natural apenas da Ásia. Mas, se Gideon Cahill tinha conseguido tudo aquilo quinhentos anos atrás, Dan Cahill daria conta do recado no século XXI com a ajuda de um celular e da Internet.

O próximo item da lista: âmbar.

Uma joalheria...

Capítulo 13

Curtiram nosso filminho, família Cahill? Espero que não tenham exagerado na pipoca.
Se não recebermos a Medusa verdadeira *em 96 horas, vocês vão assistir à continuação dessa história. E ela não terá um final igualmente feliz.*

Vesper Um

Amy estava sentada diante da mesa antiga de madeira no departamento de pesquisas da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, a maior da Itália. Entre as pilhas de livros que a cercavam, espalhavam-se fotocópias impressas de diversos documentos: arquivos criminais sobre ladrões de arte, assim como de conhecidos receptadores e vendedores de quadros roubados.

Em algum lugar no meio de todo aquele material de leitura estava a resposta que poderia conduzi-la à *Medusa* verdadeira.

Milhares de páginas para serem examinadas, mais da metade em outros idiomas, e tudo o que ela conseguia fazer era ficar olhando fixamente para a telinha do telefone dos Vesper.

Noventa e seis horas... Quatro dias. Não era muito tempo, considerando que havia vidas em jogo e que Vesper Um já tinha dado provas de que suas terríveis ameaçadas eram 100% genuínas.

Amy engasgou por um instante, pensando no rosto de Nellie contraído de dor.

E se não conseguirmos?

McIntyre tinha agido como se Amy e Dan assumirem a liderança nesta crise fosse a coisa mais natural do mundo. Mas aprender kung fu e transformar o sótão num centro de comunicações e comando não transforma ninguém em líder num passe de mágica. Amy mal conseguia manter em pé seu relacionamento com Evan. Como se podia esperar que ela carregasse o peso de sete vidas nos ombros? Isso *se* as sete vidas fossem tudo o que estivesse em jogo... Amy tinha a impressão desanimadora de que, para os Vesper, sequestros não passavam de um detalhe. Os planos deles podiam ser maiores e mais tenebrosos.

Mas planos para o quê?

Era apavorante não saber o que estava enfrentando... Como uma partida de xadrez em que o tabuleiro ou uma das peças poderia de repente se revelar uma bomba.

Onde estava Dan? Ele deveria encontrá-la ali. Seria bom ter outro par de olhos para ajudá-la a vasculhar todo aquele material. No momento, eram apenas Amy e Hamilton. Hamilton era leal, um trabalhador incansável, mas na biblioteca era tão útil quanto garfo para tomar sopa.

Ele entrou na sala cambaleando, equilibrando nos braços uma torre de volumes grandes e antigos.

— Aqui está o material que você pediu do departamento de livros raros.

Hamilton depositou a pilha em um espaço livre na mesa, levantando muito pó.

Amy olhou, achando graça da nuvem esbranquiçada que subiu e envolveu Hamilton como uma auréola.

— Você parece um anjo de poeira.

Hamilton riu e espirrou ao mesmo tempo.

— É, tipo aqueles Anjos da Lama... — Pela expressão de Amy, ele percebeu que ela não tinha entendido. — Sabe, desse livro sobre a Galeria Uffizi. Houve uma enchente enorme e muitas pinturas ficaram encharcadas. Então os Anjos da Lama restauraram tudo.

Amy se lançou sobre o volume para o qual Hamilton apontava e fez uma leitura dinâmica das páginas que falavam sobre a enchente de 1966. Hamilton tinha razão! Com milhões de obras de arte e livros raros em risco devido à pior inundação desde o século XVI, os *Angeli del Fango*, ou Anjos de Lama, transferiram o acervo inteiro para locais seguros, em vários edifícios públicos e igrejas espalhadas por Florença. Graças a seus esforços heroicos, muitas das obras atingidas foram salvas.

— Hamilton, você é um gênio! — exclamou Amy.

Hamilton ficou contente, sem saber exatamente por quê.

— Eu falei pra você.

— A enchente de 1966 foi o único momento em que a *Medusa* saiu da galeria — Amy raciocinou. — Mesmo que ela nunca tenha se molhado, deve ter sido transferida com todas as outras obras! Então, enquanto estava em uma igreja, alguém a trocou por uma pintura falsificada.

Hamilton concordou com a cabeça, impressionado.

— E como vamos descobrir onde ela está agora? Isso foi há quase cinquenta anos.

— Pelo menos temos algo por onde começar: os Anjos da Lama.

— Sim, mas só sabemos o que eles fizeram — refletiu Hamilton. — Não sabemos o nome deles, endereço, coisas assim.

Amy sorriu.

— Esses caras montaram o maior resgate em massa da história da arte. Aposto de os Janus sabem exatamente quem eles são — Amy pegou o celular no bolso. — Vamos ligar para Jonah.

* * *

A chave da cidade de Florença tinha meio metro de comprimento e era pintada de um dourado espalhafatoso.

Hamilton ficou fascinado.

— Uau, de que tamanho é a fechadura?

Jonah gargalhou.

— Não existe fechadura, primo. É um lance honorário, uma homenagem. Na minha casa em Los Angeles, tenho um galpão cheio de chaves de cidades. E sabe o que mais? Não consigo ir lá vê-las. O jardineiro perdeu a chave do galpão...

Eles iam na limusine, a caminho do aeroporto de Peretola, onde o avião de Jonah estava estacionado. Os contatos Janus do astro tinham sido úteis mais uma vez. O aparelho seguro de fax a bordo do jatinho já havia recebido 127 páginas de informações altamente sigilosas: o arquivo completo dos Janus sobre os Anjos da Lama.

Jonah bateu de leve no vidro que separava o motorista dos passageiros.

— Leve a gente direto para a pista de pouso — pediu. — Telefonamos antes e a polícia do aeroporto já autorizou a nossa entrada.

O carro passou por um portão de segurança e foi admitido numa pista de pouso particular. A limusine os levou até o pequeno prédio do terminal, onde uma visão assustadora os aguardava.

O jato de Jonah estava cercado por uma massa de centenas de pessoas, aglomeradas em volta do avião desde o nariz até a cauda.

— Dê marcha ré! — ordenou Jonah rapidamente.

O motorista deu marcha ré com a limusine e eles recuaram para a cobertura do prédio.

— Quem são todas aquelas pessoas?

Jonah pôs as mãos na cabeça.

— Cara, eu devia ter imaginado que seria um erro dizer que eu ia deixar a cidade em pouco tempo. Por que os meus fãs precisam entender tudo ao pé da letra?

— Será que vamos conseguir buscar os papéis? — indagou Hamilton.

Jonah olhou para ele, espantado.

— Você está brincando, né?

— O que vamos fazer?

— Para começar — disse Jonah, pensativo — vamos colocar um lenço nesse seu cabelo loiro.

* * *

No momento em que a limusine voltou à pista e se dirigiu ao avião de Jonah, a multidão saiu correndo em massa.

— Jonah! *Ti amo!*

— Fique em Florença!

— Gangsta *mio*!

— Jonah!

Não houve resposta da limusine. Tudo o que os fãs puderam ver de seu ídolo foi um pedacinho de bandana vermelha através de uma fresta aberta da janela.

Quando a multidão chegou mais perto, o motorista pisou fundo no acelerador. O grande automóvel se afastou do jato, deu uma volta em torno dele e retornou ao prédio terminal. A multidão o seguiu como uma ameba gigantesca.

Do outro lado da pista, uma figura solitária esgueirou-se pela saída dos faxineiros e olhou furtivamente em volta. Usava calça de moletom e uma malha combinando. As duas peças eram pelo menos três tamanhos maiores que o dele.

Jonah observou a limusine atrair a multidão para longe e então correu até seu avião. Um pouco antes de entrar discretamente na aeronave, teve um vislumbre do carro, agora parado e totalmente cercado por fãs aos gritos. Com alguma dificuldade, viu Hamilton, espremido nos jeans de Jonah, sendo puxado através da janela pelos pés.

Bem, Hamilton era um Tomas, e os Tomas eram conhecidos por serem fortes e resistentes. Jonah torceu para que também fossem velozes corredores.

Capítulo 14

127 páginas de documentos Janus sobre os Anjos da Lama.

68 páginas de arquivos criminais de ladrões de arte e conhecidos receptores e conhecedores de arte roubada.

1 mesa grande.

4 primos Cahill.

— Ok — disse Amy — vamos ler estes arquivos e ninguém vai se levantar desta mesa, nem mesmo para ir ao banheiro, enquanto não tivermos decifrado quem levou a *Medusa*, quem está com ela agora e aonde precisamos ir para obtê-la.

— Não consigo ler — Hamilton se queixou. — Meus olhos incharam tanto que fecharam.

— Às vezes é preciso apanhar pelo bem da equipe, cara — disse Jonah.

— Não apanhei pelo bem da equipe — disse Hamilton, serrando os dentes. — Apanhei pelo *seu* bem. E se meu velho ficar sabendo que um Holt levou uma surra de um bando de meninas de 10 anos, vou ter que mudar de família!

— Parem com isso — disse Dan, impaciente. Sua expressão era sofrida. — Coisas ruins acontecem com todos nós por causa da família em que nascemos. — O soro não saía da sua cabeça. Sete ingredientes já estavam na sua mão, faltam 32. — Vamos fazer isto e pronto. Pense na sua irmã, Hamilton. Ou Phoenix. Ou em Nellie.

Os quatro mergulharam na leitura dos dossiês e a suíte do hotel caiu em silêncio. O mundo dos quatro primos se transformou em uma tempestade de informações: nomes, endereços, datas de nascimento, destaques profissionais, registros carcerários. Cada fato aleatório, cada nota rotineira de rodapé deviam merecer concentração total. Não haveria como saber qual detalhe fortuito seria aquele que conduziria à *Medusa*. Isso iria ocorrer logo ou levaria horas... ou dias? Será que chegariam a encontrar algo?

Uma hora depois, os quatro estavam com uma dor de cabeça de rachar. Três horas depois, a proibição de ir ao banheiro imposta por Amy teve que ser revogada.

Dan voltava de uma dessas pausas quando bateu o olho num perfil que Jonah acabará de jogar sobre a pilha crescente de materiais descartados.

— Ei, esse cara apareceu duas vezes.

Isso chamou a atenção de Amy.

— Há outro arquivo com nome dele?

Dan negou com a cabeça.

— Não com o nome, com o rosto.

— As fotos foram mandadas por fax — observou Hamilton. — Não dá para ver grande coisa.

— Se Dan reconheceu o cara, é pra valer — Amy pegou os materiais descartados — vamos encontrá-lo.

O segundo arquivo apareceu mais ou menos na metade da pilha. Apesar da pouca nitidez do fax, os quatro pesquisadores foram obrigados a admitir que os dois rostos eram o mesmo.

O primeiro arquivo era de uma lista de suspeitos da Arma de Carabinieri, a polícia nacional italiana. Continha informações sobre Alberto Sudem, suspeito de ser receptor de obras de arte.

De acordo com as anotações, Sudem tinha sumido de vista nos anos 1980 é era dado como morto. O segundo documento, um dos arquivos secretos dos Janus sobre os Anjos de Lama, falava sobre o colecionador de arte Gregor Tobin, nascido em 1937, que era riquíssimo e atualmente residia em uma enorme mansão as margens do lago de Como.

Os olhos de Amy brilharam de excitação.

— Só pode ser ele! Ele foi um Anjo da Lama. Portanto teve acesso à *Medusa*. E a polícia italiana tem o nome dele numa lista de suspeitos de roubo de obras de arte.

— O arquivo também diz que a polícia acha que ele está morto — lembrou Hamilton.

— Você vai acreditar em quem, cara? — contestou Jonah. — Nos Janus ou num bando de policiais? É o mesmo rosto, a mesma pessoa. É Gregor Tobin! Alberto Sudem deve ser um pseudônimo ou algo assim.

— Esperem um pouco — disse Dan.

Começou a virar o arquivo do avesso e a rabiscar o verso do papel.

ALBERTO SUDEM
A. SUDEM

Dan olhou para os três.

— É *Medusa* escrito de trás para frente.

Amy assentiu devagar com a cabeça.

— Ele criou um pseudônimo inspirado na obra roubada favorita dele — disse — ou quem sabe na primeira delas. Onde fica o lago de Como?

— Perto de Milão — informou Jonah. — Fiz um show ao ar livre uma vez lá, faz algum tempo. O cenário é fora de série: montanhas, água, coisas de guia turístico.

Dan se manifestou.

— Vocês não estão esquecendo uma coisa? Não podemos simplesmente bater na porta dele é acusá-lo de ter roubado a *Medusa*. Mesmo que ele admita, não vai nos entregar a obra.

Amy travou o maxilar.

— Se roubamos um dos museus mais famosos do mundo, podemos roubar Gregor Tobin. Só precisamos arranjar um jeito de entrar na casa dele.

— Outro trabalho de limpador de janelas não! — gemeu Hamilton.
— Desta vez, nós vamos ser convidados — prometeu Amy.

Capítulo 15

— Três mil anos de idade e ainda bonita.

Dan estava curvado sobre o laptop na suíte do hotel à beira do lago de Como, acompanhando o download das imagens enviadas pelo centro de comunicação em Attleboro. Uma a uma, fotos em alta resolução da estátua de Sakhet foram aparecendo na tela. Ele e Amy tinham conseguido a escultura antiga há dois anos, quando a caça as pistas os levou para uma viagem insana para o Egito.

Amy estava no telefone com Ian, que fazia as vezes de fotógrafo profissional.

— Tire fotos de todos os ângulos — ela aconselhou. — Queremos que Tobin tenha uma visão de 360 graus.

— Ahã — chegou a voz de Ian a 6.500 quilômetros de distância de distância. — E se ele não se interessar?

— Ele vai se interessar. O arquivo dos Janus diz que ele é louco por arte egípcia.

Ian suspirou desanimado.

— Teve uma época em que eu tinha recursos para ser louco por arte... Antes de vir para um país em que o padrão de beleza são waffles com formato personagens de desenho animado.

Dan fez sinal para Amy. As 12 fotos tinham sido recebidas.

— Obrigado Ian, a gente vai se falando. — Ela desligou o telefone e foi se juntar ao irmão na frente do computador. — Aqui está o e-mail de Tobin.

Dan abriu a mensagem em branco e anexou as fotos.

— O que vamos dizer ao cara? Que encontramos essa escultura egípcia antiga no lixo? Que jogamos um dardo no mapa e voamos até o outro lado do mundo para pensando se tinha alguém ali interessado em comprá-la?

— Deixe que eu escrevo.

Amy começou a digitar:

Sr. Tobin,

Eu e meu irmão mais novo adquirimos a antiga estátua egípcia que o senhor vê nas fotos anexas. Acreditamos que seja um exemplar excepcionalmente conservado de uma escultura do Novo Império datada de aproximadamente 1.400 a.C. Ficaríamos muito gratos por sua opinião de especialista. Vamos passar mais um dia no lago de Como.

Amy Cahill.

Ela olhou para Dan.

— O que você acha?

— Uma estupidez — foi opinião dele. — Para que uma opinião de especialista? Já sabemos que é uma estátua de Sakhet.

Amy abanou a cabeça impaciente.

— A estátua não tem importância. O que precisamos é de um jeito de entrar na casa, para tentarmos encontrar a *Medusa*. — Ela clicou em ENVIAR. — Agora é só esperar o convite.

Eles deixaram o hotel e foram caminhar no calçadão à beira do lago. Até mesmo Dan, que nunca notara a paisagem, foi obrigado a reconhecer que a beleza do lugar era espantosa: água azul, plana e calma, cercada por montanhas altas, penhascos rochosos e as construções históricas da cidade de Como.

Amy apontou para uma mansão moderna de vidro e cromo no alto do penhasco.

— É a casa de Tobin — disse ao irmão.

— Bem bacana. — O olhar de Dan percorreu o rochedo, até um ancoradouro de barcos logo abaixo da casa. — Deve ser o ancoradouro particular dele. Aposto que tem elevador, ricaços não curtem escadas.

— Será por onde sairemos depois de pegarmos a *Medusa* — concluiu Amy. — Jonah e Hamilton podem alugar um barco e nos pegar lá.

Seguindo pela amurada ao longo da margem do lago, eles chegaram a uma parede contenção com um pequeno nicho. Ali havia uma faixa decorativa onde estava esculpida uma figura sentada, trajando vestes romanas. Uma placa de bronze dizia: GAIUS PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS.

Dan fez uma careta.

— Olha cara desse sujeito com nome engraçado.

— Acho que é Plínio, o jovem, famoso escritor romano — Amy arriscou. Inclinou-se para baixo para ver a parte da placa com informações em inglês. — Isso mesmo. No ano 70 d.C. Plínio narrou a destruição de Pompeia pela erupção do vulcão Vesúvio. É um dos primeiros relatos de um grande desastre feito por uma testemunha ocular.

Dan bocejou.

— Isso não lembra a caça às pistas? Você me contando várias coisas entediantes e eu não dando a mínima. — Quando Amy não deu a resposta irritada que Dan esperava, ele se virou para olhá-la. Amy estava parada com uma expressão pensativa e distante. — O que foi?

A irmã puxou do bolso um caderninho chamuscado que tinha sido salvo do incêndio da casa da Grace há dois anos. Tirou do saco plástico e folheou-o cuidadosamente até chegar à anotações que chamara a atenção deles antes:

VSP 79 – PUNIO DESCREVEU PRIMEIRO TESTE

— Dan isso não é “Punio”! Apenas parece um “U” porque o “L” e o “I” estão tão borrados que grudaram! É “PLÍNIO”! 79 foi o ano que o Vesúvio entrou em erupção, e “VSP” quer dizer que isso teve alguma a ver com os Vesper!

Dan deu um assobio.

— Cobrir uma cidade inteira com lava e cinzas ferventes é bem a cara dos Vesper. — Então ele balançou a cabeça em sinal negativo. — Espera, mas ninguém pode “testar” um vulcão. Os vulcões entram em erupção quando bem entendem.

Amy concordou e acrescentou:

— Além disso, ainda não havia nem um Vesper no ano 70 d.C. Eles surgiram na mesma época que os Cahill.

Seu irmão franziu o cenho.

— E a Grace sabia disso, com certeza. Por que chegaria a uma conclusão que não faz sentido?

Amy tentou ser lógica.

— Os Vesper não sequestraram sete pessoas só para ganhar uma pintura de graça. Eles têm planos grandiosos. E até agora não obtivemos sucesso em descobrir que planos podem ser esses.

— Se o que você quer é me animar — Dan disse —, então é melhor não dizer que a gente tá fazendo um péssimo trabalho.

— Você não entende? — Amy fez um gesto em direção ao monumento no nicho. — Esta é a peça que faltava para sabermos mais sobre os Vesper!

— Um sujeito que escreveu sobre um vulcão?

— A conexão entre um desastre da antiguidade e uma organização que surgiria um milênio e meio depois — ela ergueu o caderninho. — Foi isso que Grace entendeu e nós precisamos descobrir.

— Há outra possibilidade — Dan sugeriu. — E se Grace se enganou? Ela estava bem doente perto do fim. Talvez não estivesse raciocinando direito.

Amy não se convenceu. Para a caça às pistas, a avó tinha plantado ideias na cabeça deles anos antes de ela e Dan tivessem ouvido falar da importância da família deles para a História. Em alguns casos, tinha feito trabalho de base para eles décadas antes dos irmãos nascerem.

Quando o assunto era os Cahill, Grace nunca se enganava.

Capítulo 16

A carta tinha sido enfiada sob a porta da suíte deles no hotel em algum momento durante a noite.

Senhorita Cahill,
Ficarei honrado em recebê-la e a seu irmão às 14h em minha residência. E terei prazer em lhes oferecer minha opinião sobre sua escultura.
Até mais tarde,
Gregor Tobin.

Dan ficou desconfiado.
— Como ele descobriu onde estamos hospedados?
Amy franziu o cenho.
— Acho que essa é a mensagem da mensagem. Ele quer que a gente saiba que ele é capaz de muita coisa, que ele é rico e poderoso.
— Como se depois de ver aquela mansão gigantesca a gente fosse achar que trabalhava em uma lanchonete — ironizou Dan.
Passaram a manhã fazendo as malas, para que tudo pudesse seguir antes para o avião de Jonah. O ideal seria agarrar a *Medusa* e levá-la diretamente do barco para um carro e dali para o avião, sem demora.
O homem que eles se preparavam roubar não era alguém com quem se podia vacilar.

* * *

Gregor Tobin podia atuar como Drácula em qualquer filme de Hollywood. Só precisava acrescentar as presas, porque o resto já estava ali: cabelos brilhantes tingidos de preto, corpo magérrimo, faces encovadas e pele pálida.
— Sejam bem-vindos, meus novos amigos. — A voz era profundamente inexpressiva. — Mandei meu *chef* preparar um lanche leve. Por favor, me acompanhem.
Amy e Dan aceitaram educadamente o convite e o acompanharam até uma salinha ensolarada, onde uma mesa pequena estava posta com três lugares.
Dan pegou a ponta de uma torrada que estava coberta por uma misteriosa pasta. Cauteloso, cheirou-a (era de fígado) e em seguida recolocou a torrada na bandeja.
— Posso perguntar o que trouxe vocês até a minha pessoa? — indagou Tobin, mordiscando um delicado sanduíche. — Há tantos especialistas de arte na Itália...
Amy fez uma expressão tímida.
— Queríamos conhecer o senhor. Ouvimos dizer que o senhor foi um dos Anjos da Lama em 1960.
Tobin pareceu satisfeito.
— É verdade. Eu não sabia que alguém ainda se lembrava disso. Foi uma época terrível. Tantas obras-primas se perderam!

Aposto que sim, pensou Amy cinismo. *Algumas estragaram por causa da água. E pelo menos uma caiu em suas mãos nojentas*.

— Vocês foram tipo heróis! — exclamou Dan.

— Todos os cidadãos de Florença foram heroicos — respondeu Tobin, distraído.

Em momento algum ele afastou os olhos da grande mochila de Amy, encostada na cadeira dela.

— Desculpem meu atrevimento, por favor. Mas confesso que estou ansioso para ver o que me trouxeram. Me surpreende que eu não tenha ouvido falar desse objeto até agora. E como ele foi parar na mão de pessoas tão jovens?

— O senhor está perguntando se foi roubado — Amy afirmou. — Isso o tornaria mais ou menos atraente a seus olhos?

Tobin olhou para ela.

— Que garota interessante. Mas vocês ainda não responderam à minha pergunta. Onde obtiveram a escultura?

— Ela não é roubada — respondeu Amy. — Nós herdamos de nossa avó, Grace Cahill.

— Grace Cahill! — Tobin ergueu uma espessa sobrancelha inteiriça. — Esse não é um nome muito conhecido no ramo das artes. — Seus olhos se estreitaram. — Como herdeiros dela, vocês devem conhecer a qualidade e o valor de sua coleção. Qual é o real motivo desta visita?

Amy se lançou na explicação que ela e Dan tinham arquitetado.

— De acordo com o testamento, não podemos tocar em um centavo da herança enquanto nós dois não tivermos 25 anos.

Tobin sorriu.

— Então a peça é roubada.

Dan se irritou.

— Ela acabou de dizer que não é.

— Mas é. Vocês roubaram de vocês mesmo no futuro. Chá?

Amy estendeu a sua xícara, aceitando a bebida.

— Senhor Tobin, o advogado de nossa avó nós deixou sem um centavo, quando somos donos de milhões. Não queremos vender a nossa herança, mas não temos outra escolha.

— Muito bem. Me mostrem a estátua. Vamos se podemos negociar.

Amy estendeu a mão para o zíper da mochila.

— Talvez seja melhor não vendermos — Dan interveio, nervoso. — Se McIntyre der por falta da estátua, pode mandar prender a gente.

Amy parecia prestes a chorar.

— O senhor poderia nos dar um tempo para pensar?

— É claro. Talvez vocês queiram conhecer minha galeria e ver como sua estátua ficará em boa companhia.

Amy pôs a mochila nos ombros e os Cahill seguiram Tobin por uma ampla escadaria vazada que os levou até o piso superior da mansão, um cômodo imenso com uma magnífica janela que ia do chão ao teto, com vista para o lago de Como.

— Casa legal — Dan aprovou.

— Obrigado — Tobin sorriu. — A arquitetura tradicional tem sua grandeza, mas nada como o design moderno, que permite a recepção de luz. É o que faz a arte ganhar vida.

A coleção de Tobin poderia não ser tão grande quanto a Galeria Uffizi, mas era tão impressionante quanto. Havia obras de todos os períodos e de todos os cantos do mundo. Desenhos pré-históricos de cavernas e telas de Jackson Pollock recobriam paredes inteiras. E ainda havia tapeçarias medievais, urnas gregas, bustos romanos sobre pedestais, arte africana e esquimó, cuneiformes da Mesopotâmia. Havia até mesmo artefatos famosos: uma carruagem romana original, completamente intacta e repleta de detalhes gravados e folheados a ouro, e um brasão saído direito da corte do Rei Ricardo Coração de Leão.

Só quem não estava ali era a *Medusa* de Caravaggio.

Quando o colecionador foi falar com um segurança musculoso postado ao lado de retábulo de Gotto, Dan se aproximou da irmã.

— Cadê a velha feiosa?

— Deve haver aqui alguma sala secreta — cochichou Amy — uma galeria oculta onde ficam os itens roubados. Fique de olho em portas e painéis escondidos... qualquer coisa suspeita.

Dan deu um giro rápido.

— Você quer dizer uma sala com dois termostatos, por exemplo?

Amy se esforçou para não olhar diretamente. Seu irmão tinha razão. Havia um termostato ao lado da porta, que deveria controlar a temperatura da geladeira. Então qual e a finalidade do outro termostato, aquele na parede leste? Com certeza controlava as condições de temperatura de *outro lugar*.

Então ela soube. Bem ao lado do segundo termostato, estava pendurado um grande Renoir: uma cena luminosa em um café, pintada em uma tela de pelo menos dois metros de altura por um de largura. A moldura era maciça e adornada.

Ela inclinou a cabeça quase imperceptivelmente em direção à tela enorme.

— Dan, isso lembra você do quê? Não o quadro, mas o tamanho e o formato dele?

Dan assentiu devagar.

— Uma porta. A galeria secreta está atrás do quadro.

A conversa deles se encerrou se encerrou de repente com o retorno de Gregor Tobin.

— E o que deixou vocês dois tão interessados e excitados?

— Tomamos uma decisão — Amy disse. — Vamos vender a estátua ao senhor.

Ela tirou a mochila das costas e procurou algo em seu interior.

A ansiedade do colecionador se transformou em perplexidade quando ela mostrou algo parecido com um pirulito.

— Isto é uma brincadeira?

Amy quebrou o detonador da bomba de fumaça de Sinead e atirou os dois pedaços no chão. A névoa foi densa e instantânea.

Tobin deu um grito assustado. Amy agarrou Dan pelos ombros e o empurrou para deitarem no mármore frio.

Os Cahill puxaram as máscaras de respiração de seus bolsos e cobriram o nariz. Tobin respirou o gás incapacitante apenas uma vez e desabou ao lado deles. Um barulho do outro lado da sala indicou que o guarda também tinha desmaiado.

— Fique abaixado! — Amy sussurrou. — Não sei até que ponto dá para confiar nessas máscaras!

Os dois engatinharam até a grande tela Renoir e começaram a puxar a moldura pesada. Ela não cedeu. Amy sentiu uma pontada de medo. E se eles estivessem errados?

Dan tirou um canivete do bolso e se aproximou da tela.

Amy arrancou o canivete da sua mão.

— Não se atreva! É um *Renoir*!

— Deixe que Tobin o restaure, já que é um Anjo da Lama tão sensacional!

Desesperada, Amy esticou a mão atrás da pintura para segurar a moldura com mais força. Seus dedos encontraram uma pequena saliência dura. Um botão? Ela o pressionou. Ouviu-se um clique eletrônico e o Renoir se afastou da parede. Atrás dele havia uma segunda galeria de arte, esta mal iluminada.

Era menor que a coleção principal, mas as obras pareciam ser da mesma qualidade. Por um instante, Amy desejou que Jonah estivesse com eles. Um Janus teria uma noção melhor do que estavam vendo.

Então algo conhecido chamou sua atenção. Era uma imagem de três pessoas sentadas em volta de um piano de cauda.

— Dan, esse é *O concerto*, de Vermeer! Foi roubado do Museu Gardner, de Boston, em 1990! É considerada a pintura roubada mais valiosa do mundo!

— Chega de turismo, Amy — Dan se irritou. — Só existe uma pintura roubada que me interessa.

Eles revistaram a sala, passando por múmias contrabandeadas do Egito, mármores gregos removidos ilegalmente do frontão do Partenon e telas roubadas de Gainsborough, Van Eyek e Monet.

Dan foi o primeiro a vê-la. A *Medusa* de Caravaggio estava num nicho, com um único *spot* iluminando seus traços e sua expressão de horror.

— Olha ela lá. Não sei por que eu esperava que essa fosse mais bonita.

Os dois desperdiçaram segundos preciosos apreciando os detalhes medonhos da obra-prima de Caravaggio. Depois de terem criado três falsificações para colocarem as mãos na pintura da Galeria Uffizi, que revelara ser, ela própria, uma falsificação, com certeza aquela era a obra verdadeira, a que satisfaria Vesper Um e o faria soltar os reféns.

Dan arrancou o escudo da parede e os dois conseguiram enfiá-lo na grande mochila de Amy. As bordas arredondadas esticaram o tecido de vinil até o limite.

— Parece que roubamos uma tampa de bueiro — comentou Dan enquanto Amy recolocava a mochila nas costas.

Na galeria principal, alguém gemeu.

— Vamos sair daqui! — exclamou Dan. — Cadê o elevador que vai para o ancoradouro?

— Com certeza ele não sai daqui de cima — respondeu Amy. — Deve ficar no andar de baixo.

Segurando a máscara sobre o rosto, eles passaram pela porta de Renoir e voltaram à galeria principal. A fumaça começava a se dissipar. O guarda ainda estava desmaiado, mas Tobin já se mexia.

O colecionador piscou várias vezes, espantando a tontura o suficiente para ver Amy e Dan saindo da galeria secreta.

— Ladrões! — ele acusou.

— Chame a polícia! — Dan gritou enquanto ele e Amy se dirigiam para a escada. — Ela fará a festa aqui.

Amy pôs os pés no degrau superior da escada e congelou. Do andar térreo vinham vibrações. Passos apressados. Mais de uma pessoa. Ao olhar para baixo, ela vislumbrou dois outros seguranças correndo para investigar o grito do chefe.

Amy agarrou a mão de Dan e o puxou para direção contrária, voltando para a galeria principal.

— Mudança de plano! Precisamos encontrar outro jeito de sair!

— Não existe outro jeito! — sussurrou Dan.

Eles correram por toda a extensão da galeria, torcendo para que outra escadaria surgisse magicamente. Por fim, viram-se diante de uma janela com vista para o lago. Os dois olharam para baixo. Na base do penhasco, a uma grande distância, uma lancha balançava na água azul brilhante: Jonah e Hamilton no barco de fuga. Entre os quatro Cahill se interpunham 25 metros verticais de um terreno íngreme e acidentado.

Só havia uma maneira de os quatro se reunirem.

— Você sabe escalar rochedos? — Amy perguntou com a voz trêmula.

Em vez de responder, Dan começou a chutar o vidro. A janela tremeu, mas não quebrou.

Os dois seguranças chegaram ao topo da escada.

— Peguem os dois! — berrou Tobin.

Os Cahill se jogaram ao mesmo tempo contra a janela, tentando quebrá-la. Mas apenas foram rebatidos para longe, machucando-se.

— Precisamos de alguma coisa mais pesada! — Dan estava ofegante.

Desanimados, olharam em volta. A galeria estava cheia de obras de arte, e não tijolos! O que eles poderiam usar para sair pela janela?

Dois pares de olhos se fixaram ao mesmo tempo na carruagem romana.

Capítulo 17

Nenhum dos dois disse uma palavra. Não deu tempo. A decisão foi transmitida de um para outro como que por um radar. Amy e Dan se posicionaram atrás da carruagem dourada e se prepararam para empurrar.

Será que rodas de dois mil anos se mexeriam? Eles iam descobrir.

Tobin tinha parado de gritar e corria na direção deles com os dois seguranças logo atrás.

Amy e Dan empurraram com toda a força. Com um gemido, as rodas antigas começaram a girar.

— Mais rápido, Dan! — Amy pediu, sem fôlego.

Eles podiam sentir o bater de pés se aproximando pelo piso de mármore.

A carruagem era pesada e ganhava velocidade com uma lentidão aflitiva. Mas, depois que começou a se mover, fazê-la frear teria sido impossível.

Crás!

A janela enorme se espatifou em um milhão de cacos de vidro brilhante que caíram como uma chuva de luz. A carruagem avançou para a encosta da montanha, tombou para o lado e ficou pendurada em uma afloração rochosa. Mais alguns centímetros e teria mergulhado no abismo e caído sobre Jonah, Hamilton e o barco deles.

Amy e Dan saltaram pela janela e começaram a descer o terreno acidentado do penhasco, segurando-se em rochedos e arbustos e em qualquer coisa que parecesse capaz de suportar o peso deles.

Ainda não tinham descido muito quando Amy viu uma perna passar pela beirada da janela. Um dos seguranças. Um segundo homem o seguiu depressa.

Ela olhou para baixo e imediatamente se arrependeu. O lago de Como ainda estava a vinte metros de distância. Um escorregão e ela viraria uma mancha no convés do barco de fuga, destroçando a *Medusa* em sua mochila e destruindo sete outras vidas além da sua.

Dan era mais rápido que ela e descia a encosta como um macaco. Amy sentiu uma pontinha de despeito, além de medo. A vantagem do tonto do seu irmão era ser deligado demais para pensar no que aconteceria se ele caísse.

— Rápido, Amy! Pensei que Sinead tivesse ensinado você a escalar!

— Falei que ela estava me ensinando, não que eu tinha aprendido! — retrucou Amy.

De repente, assustadoramente, o tronco de pinheiro no qual apoiava o pé direito cedeu, e ela começou a deslizar, cada vez mais rápido, tentando se agarrar às pedras e ao mato que passava à sua frente. Amy ouviu o próprio grito como se ele tivesse vindo de outra pessoa.

Quando uma raiz exposta prendeu seu tornozelo, no primeiro instante ela pensou que a gravidade a deixaria pendurada de cabeça para baixo.

Recorreu a cada gota de força que ainda lhe restava para cravar a ponta dos dedos em uma porção de terra do penhasco.

Amy conseguiu parar, mas ainda estava uns bons oito metros acima da embarcação. Olhou para baixo mais uma vez e viu Jonah e Hamilton ajudando Dan a entrar no barco. Então, uma visão mais alarmante: Gregor Tobin surgiu em seu ancoradouro e subiu numa poderosa lancha.

O primeiro segurança estava um metro acima dela. Ele desferiu um chute, e sua bota passou a centímetros do cabelo de Amy, bagunçado pelo vento.

A voz de Dan chegou até ela.

— Pule, Amy!

— É alto demais!

— Eu pego você! — gritou Hamilton. — Prometo!

Quem estava lá embaixo não era o bobão e inconsequente Hamilton Holt, mas toda a força e o poder do clã Tomas.

Ela ouviu um grunhido de seu perseguidor, muito próximo. Mais um segundo e ele a agarraria.

Amy se soltou. A queda livre foi como estar num brinquedo de parque de diversões. Durou mais tempo do que esperava, o suficiente para ela se indagar se tinha errado o alvo. Abriu os olhos e viu as pedras de aproximando a uma velocidade fulminante.

Em pânico, Amy se preparou para o impacto.

E então Hamilton a agarrou, exatamente como tinha dito que faria. O peso dela o derrubou. Os dois acabaram estatelados de costas no convés.

A gratidão gaguejada de Amy sumiu sob o estrondo do motor externo da lancha. Eles se afastaram da costa, com a proa elevada, espirrando água.

— Segurem-se aí, galera! — Jonah gritou atrás do volante.

Uma forma branca e reluzente surgiu atrás deles, em velocidade similar. Era a lancha de Tobin. O próprio colecionador comandava a embarcação.

Eles os observaram erguer um objeto comprido e escuro e posicioná-lo sobre o para-brisa na direção deles.

— Ele tem uma espingarda! — gritou Dan.

Bam!

A bala passou zunindo ao lado do cotovelo de Jonah e espatifou sua garrafa de Perrier, derramando água sobre o console.

— Cara, o Wiz aqui *não vai* ser apagado por um palhaço que nem conseguiu passar num teste para ator!

— Todo mundo atrás de mim! — Amy abriu a mochila, tirou a *Medusa* e a ergueu bem alto diante deles. — Ele não vai correr o risco de atirar na pintura!

Tobin guardou a espingarda, mas não desistiu da perseguição.

— Como vamos nos livrar desse sujeito? — gritou Hamilton. — Não vamos poder desembarcar com ele na nossa cola!

Dan se adiantou e tomou o lugar de Jonah na direção.

— Tenho um plano.

— Você é dos meus!

Mas o sorriso famoso desapareceu quando Jonah observou a determinação ferrenha no rosto de Dan. A expressão dele estava tão destituída de emoção quanto um crânio cenográfico.

Dan voltou o barco diretamente para a costa rochosa.

— Amy, segure firme o quadro!

— Isso não é um plano! — berrou Jonah. — É suicídio!

Ele tentou retornar a direção, mas seu primo o empurrou para o lado rispidamente.

Com velocidade máxima, Dan apontou a proa para uma área plana entre dois grandes rochedos. A lancha passou no espaço estreito e saiu da água como um foguete, subindo por um aterro gramado. Por um instante, eles se viram no ar, esmagando pequenas árvores na descida. O casco de fibra de vidro rachou como se fosse um ovo e os ejetou em alta velocidade. O conteúdo da mochila aberta de Amy se espalhou em todas as direções. Passaportes mergulharam na lama. Hamilton agarrou o telefone dos Vesper no ar, no momento em que ele ia se chocar com uma árvore.

Amy caiu de costas numa área forrada de musgo, segurando a *Medusa* no alto, intacta.

Na água, Tobin se desviou com força, mal conseguindo acreditar no que via. Os quatro jovens com certeza estavam mortos. E o Caravaggio também. Nada nem ninguém conseguiria sobreviver a uma batida daquela.

Uma perda lamentável para o mundo da arte.

Capítulo 18

Hamilton limpou o corte debaixo do olho com um lenço de papel.

— Tirando quando conheci o Grande Khali, essa foi a coisa mais irada que já fiz na vida!

Os quatro, apenas um pouco desgrenhados, estavam na pista do pequeno aeroporto nos arredores de Milão, transferindo as bagagens da limusine para o jato de Jonah, para voarem de volta a Florença.

— Você não fez nada, mano! — Jonah se irritou. — Quem fez foi esse maluco que um dia reclamou que os clãs da família eram violentos demais!

— Mas a gente conseguiu, não conseguiu? — questionou Dan com calma.

Amy passou a mão sobre sua mochila surrada onde a *Medusa* estava escondida mais uma vez.

— O importante é que conquistamos o nosso objetivo. Isso é o que interessa — ela disse.

Ela espiou o irmão, atrás de Hamilton. Dan olhava fixamente para frente, focando o infinito. Seus olhos quase pareciam os de uma serpente. Ele mal tinha proferido uma palavra na limusine durante o trajeto de uma hora.

Ele está recuando para dentro de si mesmo outra vez, mergulhando nas profundezas de sua mente.

A audácia de Dan no lago de Como tinha garantido a fuga deles, mas também poderia ter provocado a morte dos quatro. Teria o antigo Dan ousado agir de maneira tão insensata e autodestrutiva?

Amy duvidava. Seu recém-descoberto lado sombrio assumira o comando outra vez.

Ela não parava de se lembrar do semblante do irmão quando ele direcionara o barco para o rochedo. A expressão de Dan não demonstrara a frieza de quem calculara riscos, mas sim a indiferença de quem sentia não ter nada a perder.

O toque do telefone dos Vesper a trouxe de volta à realidade. Amy tirou o celular da mochila e leu a nova mensagem enviada pelo inimigo.

72 horas. Tique-taque... Tique-taque...

Não me deem o prazer de castigar outro Cahill. Estou tentando me controlar.

Vesper Um

Hamilton leu por cima do ombro de Amy.

— Esse sujeito é assustador.

Amy negou com a cabeça.

— Ele precisaria passar anos numa escola de etiqueta para chegar a ser apenas assustador.

O telefone emitiu um ruído. Uma nova mensagem apareceu na tela.

BATERIA FRACA
20% de energia restante

— Vocês tem um carregador, certo? — indagou Jonah.

Amy sentiu um tremor de preocupação. O smartphone tinha sido mandado com um cabo de energia. Ela havia trazido o cabo para a Itália. Tinha tomado o cuidado de colocá-lo na mala quando saíram de Florença. Naquela manhã, quando deixaram o hotel no lago de Como, o cabo estava em sua mochila.

Mas a busca cuidadosa não revelou carregador nenhum.

— Onde ele está? — quis saber Dan.

Amy repassou a cena na cabeça: os destroços da lancha alugada, os quatro Cahill recolhendo os objetos da mochila dela espalhados pela queda. Ela se lembrou da carteira, do caderninho, do celular, das passagens de avião, dos passaportes, do chaveiro com lanterna.

Mas não do carregador.

— A gente deve ter perdido quando o barco bateu.

Hamilton ficou preocupado.

— Se Vesper Um enviar instruções para a entrega do quadro e a gente não receber porque o telefone está sem bateria...

— Precisamos do carregador! — exclamou Dan, inquieto.

— Fica frio, primo! — Jonah o tranquilizou. — Também existem lojas de celulares na Itália. Vamos comprar um carregador novo. Eu pago.

Porém o medo começou a crescer quando loja após loja ao longo da rua Vitruvio, em Milão, informava-os de que não tinha um cabo que se encaixasse na incomum entrada de conexão do telefone dos Vesper.

Hamilton fez uma tentativa: ele retornara com a limusine ao lago de Como para fazer uma busca entre os destroços da lancha. Nem sinal do carregador desaparecido.

— Deve estar no fundo do lago — disse, tristonho.

— Quando a bateria do telefone acabar, não vamos mais poder seguir as ordens de Vesper Um! — Dan se enfureceu. — Se achar que o estamos ignorando, na próxima vez que der um tiro num dos reféns, vai ser bem no meio da testa!

— Ainda não tentamos tudo — disse Amy, resoluta.

— Você pirou! — Jonah estava fora de si. — Não encontramos o original e não temos como comprar um novo. O que falta a gente fazer?

— Nós podemos inventar nosso próprio carregador — foi a resposta.

Dan arregalou os olhos.

— Inventar nosso próprio...?

— Bem, não *nós* — Amy se corrigiu. — Mas Sinead é uma Ekat. Talvez ela consiga pensar em algo.

* * *

— Nunca vou entender a obsessão americana por dirigir o próprio automóvel — observou Ian. — Como se você se tornasse uma pessoa melhor por colocar vidas e patrimônios em risco ao se posicionar atrás do volante de um monstro mecânico de duas toneladas.

— Não estamos em Londres — disse McIntyre, sorrindo, no banco do motorista de seu sedã. — Se você tivesse chamado um táxi, ainda estaria esperando por ele. E o problema que estamos tentando resolver é bastante urgente. Você tem uma lista dos equipamentos de que Sinead precisa?

— Aqui mesmo, na minha mão — respondeu Ian, irritado.

Não gostava da ideia de ser o garoto de recados de uma Ekaterina. Houve um tempo em que os Kabra tinham empregados para cuidar de assuntos triviais como este. Mas agora ele era pobre.

Ian sentiu uma pontada de culpa por estar reclamando enquanto sua irmãzinha se encontrava em uma situação bem pior. Sentiu um aperto no coração.

O advogado o deixou no Attleboro Circuits, um lugar que era uma verdadeira pocilga, com janelas sujas manchadas por moscas. A última loja de eletrônicos em que Ian tinha feito compras exibia acima da porta um brasão com os dizeres FORNECEDORA DE PEÇAS ELETRÔNICAS PEQUENAS COM AUTORIZAÇÃO DE SUA ALTEZA REAL O PRÍNCIPE DE GALES.

Esta exibia um cartaz gasto de cartolina que dizia SEM CAMISA OU SEM SAPATO, SEM ATENDIMENTO.

Não era um lugar adequado para um Kabra, nem mesmo para um Kabra pobre que estava vivendo no exílio com um gato psicopata.

Ian se aproximou do balcão e tocou a campainha com autoridade. O balconista se virou.

Era Evan Tolliver.

— Você é o primo de Amy!

— Sou, sim — confirmou Ian. — Tenho aqui uma lista de itens...

— Você tem noticias dela? — Evan o interrompeu. — Ela está bem?

— A saúde dela está excelente.

— Não, eu quis dizer...

Ian suspirou.

— Por que você se importa com isso? Ela promete telefonar para você e não telefona. Você quase foi preso por culpa dela. Há uma mensagem implícita nisso tudo, não acha?

Evan concordou com a cabeça, triste.

— É, acho que sim... Mas é que nós dois éramos ótimos juntos. Amy é inteligente, uma companhia divertida, e não é imatura como a maioria das garotas da escola. É como se ela tivesse um botão de seriedade; às vezes ela consegue parecer mais velha do que é. Onde é que se aprende uma coisa dessas?

— Não faço a menor ideia — mentiu Ian. Ele empurrou a lista sobre o balcão. — Voltando ao que interessa...

Evan não se mexeu para pegar a lista. Seus olhos estavam em outro papel, aquele ainda na mão de Ian. Era uma foto do telefone dos Vesper e seu designer incomum.

— Ei, onde você arrumou essa foto de um smartphone DeOssie?

Ian franziu o cenho.

— De um o quê?

Evan indicou a foto que Amy havia enviado do lago de Como.

— Um DeOssie. Essa empresa fabrica telefones ultrasseguros, principalmente para gente da CIA e de outras agências governamentais. Pessoas comuns não podem comprar esses aparelhos. — Evan estreitou os olhos. — Isso tem alguma coisa a ver com Amy?

Os pensamentos de Ian corriam a mil por hora. Nenhuma pessoa comum podia comprar um telefone DeOssie. Mas Vesper Um tinha conseguido. Como? A resposta à pergunta poderia muito bem conduzi-los ao próprio Vesper Um. E, quando eles tivessem Vesper Um, poderiam forçá-lo a soltar Natalie e os outros.

Evan era a chave da questão. Havia reconhecido o telefone DeOssie, coisa que nem mesmo Sinead, uma Ekaterina, tinha feito. Seu conhecimento de tecnologia e computadores poderia ser muito útil.

— Tire uma folga hoje — propôs Ian. — Tenho uma história para contar. Uma história bem longa.

Evan sacudiu a cabeça.

— Meu turno começou agora.

— Arrume alguém para ficar no seu lugar — disse Ian. — Amy precisa de você.

Capítulo 19

Um jato particular não era um lugar ruim para matar o tempo por algumas horas, porém os quatro primos Cahill mal notavam o ambiente suntuoso em que se encontravam.

Enquanto esperavam o fim da tempestade que tinha provocado o fechamento do aeroporto de Peretola, Amy não conseguia desgrudar os olhos do indicador de bateria do telefone Vesper. Era como se acreditasse que pudesse impedir as barrinhas de diminuir com o simples poder da mente.

Jonah mergulhou numa pilha de roteiros que estava avaliando para escolher seu próximo papel no cinema, embora passasse a maior parte do tempo diante do iPad, olhando, tristonho, para uma foto do seu primo Phoenix. Hamilton levantava pesos tão intensa e distraída que fez três amassados em uma das divisórias do avião.

Dan passou o tempo analisando a mais recente e, esperavam eles, a legítima *Medusa*. Ela parecia idêntica à falsificação da Galeria Uffizi: o mesmo rosto repulsivo com expressão horrorizada, as mesmas serpentes no lugar do cabelo, o mesmo sangue esguichando. Quase se podia ouvir seu grito.

— Se esta é a tela verdadeira — ele perguntou — como Vesper Um soube que a outra era falsificada? São exatamente iguais.

— Talvez ele seja um especialista em arte — Amy respondeu. — Só porque você acha que os videogames são a forma mais elevada de expressão humana...

Ela estava brincando com Dan para tentar fazê-lo rir, mas era cada vez mais difícil se comunicar com o irmão de outros tempos.

— Você sabe que eu me lembro das coisas — ele a interrompeu com um tom magoado na voz — As cópias dos Janus ficaram um pouco diferentes, porque foram feitas em pouco tempo. Mas esta é igualzinha àquela que entregamos. Eu apostaria todas as minhas coleções nisso.

— Há outras maneiras de descobrir se uma obra é genuína — refletiu Amy. — Radiografias e exames de laboratório para determinar a idade e a composição química da tinta... Coisas deste tipo.

— Sim, mas testes demoram — insistiu Dan — Os Vesper souberam na hora. Fizemos a entrega e antes mesmo de terminarmos de almoçar...

Sua voz fraquejou quando se lembrou do vídeo, do medo quando o corpo de Nellie se retraiu quando a bala a atingiu. *Mais ingredientes para encontrar, uma fórmula para recriar. A* Medusa *legítima não muda isso.*

— Alguma coisa deve ter revelado a verdade aos Vesper.

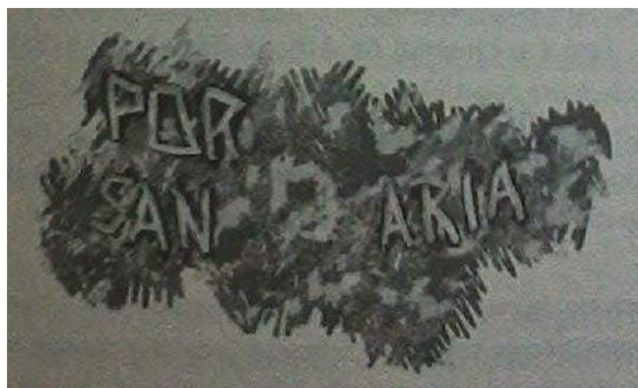
Quando a resposta ocorreu a Amy, pareceu tão evidente que ela mal conseguia acreditar que não tivesse pensado nisso antes.

Ela virou o escudo no colo de Dan, e os dois examinaram a parte de trás. Era escura, e onde teria estado a braçadeira havia um pedaço retangular de madeira nua, irregular nas extremidades. Os cravos que tinham segurado a braçadeira no lugar ainda estavam ali, atestando o trabalho artesanal do século XVI.

Em um primeiro momento, eles não viram nada digno de nota. Mas, quando seus olhos focaram a madeira e se acostumaram com suas tonalidades, ficou claro que alguma espécie de mensagem tinha sido gravada ali. Os caracteres estavam bem fracos, muitos já haviam desaparecido.

Amy foi buscar um lápis e uma folha de papel. Depois de colocar a folha sobre a madeira, começou a esfregar com o lado macio do grafite,

esperando recriar o que havia escrito ali. Ela e Dan observaram, fascinados, enquanto as letras começavam a surgir.



— *Isto* é o que os Vesper estão procurando! — exclamou Amy. Mas seu tom triunfal enfraqueceu. — O que quer dizer?

— É italiano? — perguntou Dan.

— Talvez. Também pode ser latim. Não dá pra ter certeza sem vermos todas as letras.

Dan procurou o celular.

— Vou mandar uma mensagem para Atticus.

Amy o olhou espantada.

— Seu amigo da Internet? Aquele garotinho? O que ele pode saber sobre isso?

— Você fala como se ele ainda usasse fraldas. Ele tem onze anos e o tanto de coisas que ele já esqueceu é mais do que você e eu jamais vamos saber. Ele fala tipo dez idiomas, inclusive italiano *e* latim. Se alguém pode entender isso aqui, é Atticus!

— Ok — Amy concordou a contragosto. — Mas cuidado com o que vai dizer. Se esse garoto tem metade da inteligência que você diz, ele pode desconfiar do que estamos enfrentando e querer chamar a polícia para nos ajudar.

Dan riu em voz alta.

— Este é o charme de Atticus. Para as coisas do colégio, ele é um prodígio, é genial. Mas quando se trata de qualquer outra coisa, ele não entende nada de nada.

Dan digitou as letras enigmáticas no verso do escudo e acrescentou uma mensagem:

preciso do seu fantástico cérebro emprestado. isto aqui veio numa lição de casa, você consegue preencher os espaços vazios? acho que pode ser italiano ou latim. deve ser bem a sua praia. tudo é! dan.

Ele pressionou ENVIAR.

Amy estava nervosa.

— Espero que você saiba o que está fazendo. A última coisa que a gente precisa é que alguém de fora saiba no que estamos metidos.

O celular de Amy tocou e ela olhou a telinha.

— É de Attleboro. Vamos torcer para que tenham uma boa notícia sobre o carregador.

Mas, quando ela atendeu a chamada, a voz do outro lado da linha era de...

— Oi, Ames, sou eu. Adivinhe onde estou agora?

Não. Impossível.

O que Evan estaria fazendo no centro de comando?

— Sei que você está na minha casa, Evan — ela respondeu com cuidado. — Ahn... que parte da casa, exatamente? Estou tentando imaginar.

— Estou no sótão. Neste centro de comunicação incrível! Vocês têm seu próprio *satélite*?

Não... Não... Não!

— Só um pequenininho — Amy conseguiu articular. — Não é bem um centro de comunicação. É mais como uma sala de TV. Para relaxar, assistir filmes...

O sotaque britânico de classe alta de Ian substituiu a voz de Evan na linha.

— Amy, ele sabe.

— Sabe o quê?

Amy ainda esperava poder controlar os prejuízos. Tirar Evan de lá rapidamente e nunca mais levá-lo ao andar superior da casa. Com o tempo talvez conseguisse convencê-lo de que o que tinha visto era algum tipo de *home theater* sofisticado...

— Ele sabe de tudo — explicou Ian. — Foi informado sobre tudo dos Cahill. Está tudo bem...

— Tudo bem pra você talvez! — Amy o interrompeu. — Dei instruções muito claras para deixarem minha vida pessoal fora disso! E o que vocês fazem? *Exatamente o contrário!*

— Aqui é William McIntyre, Amy — anunciou uma voz mais velha, cheia de dignidade. — Sinead também está conosco. Você está ao vivo no centro de comando.

— Maravilha — disse Amy, sarcástica. — Qual a graça de ter um ataque histérico se amigos e familiares não puderem testemunhar, não é mesmo?

— Tínhamos toda a intenção de respeitar suas orientações sobre Evan — desculpou-se o advogado — mas isso foi antes de ele reconhecer o telefone dos Vesper — McIntyre explicou que os sistemas de smartphones ultrasseguros da DeOssie eram vendidos apenas para militares e agências de

espionagem. — Ian concluiu, e todos nós concordamos, que o conhecimento de Evan sobre essa tecnologia e essa empresa pode nos ajudar a descobrir a identidade de Vesper Um.

— É a melhor pista que conseguimos até agora — disse Sinead.

— E a etiqueta do casaco do sujeito? — Amy quis saber.

— Estamos atrás disso também — assegurou Ian — Mas o telefone é mais importante. Se esse celular é tão restrito que é preciso ser o secretario da Defesa para ter um, como Vesper Um o conseguiu? Será que ele é um ex-militar ou um espião? No mínimo existe um Vesper na lista de clientes da DeOssie. É possível também que toda a companhia seja controlada pelos Vesper e que o cativeiro do nosso pessoal esteja localizado em algum lugar da fabrica da DeOssie, no interior do estado de Nova York.

— Talvez vocês consigam informações sobre os clientes da empresa ou endereços para onde os produtos são enviados — sugeriu Amy. — Poderiam procurar alguns contatos Cahill no governo e nas Forças Armadas.

— Seu namorado tem razão quando se refere à nuvem de sigilo que cerca essa organização — observou McIntyre, abatido. — Nossos contatos no Departamento de Estado não conseguiram identificar um único cliente da DeOssie. Os amigos Lucian de Ian na CIA ficaram igualmente perplexos. Os Tomas têm um general de divisão, e nem ele possui a liberação de segurança necessária para ter esse telefone. É possível que, com tempo, possamos obter a informação...

— Mas tempo é a única coisa que *não* temos — lembrou Amy, contrariada. — Vou ligar pra vocês pelo programa do laptop do Dan para conversarmos.

— Você parece bem, Amy — ela ouviu Evan dizer em voz baixa quando o centro de comando apareceu na tela do computador.

— Você também.

Amy se surpreendeu com a emoção que sentiu. A vídeo-chamada pareceu ressaltar os milhares de quilômetros que a separavam de sua vida normal. Nunca se sentira tão longe de casa.

Mas não era hora de desconcentrar. Entre Attleboro e o jato particular, um plano foi montado. Jonah e Hamilton retornariam aos Estados Unidos para se unir a Ian e a Sinead numa expedição noturna à fábrica da DeOssie. Seria uma missão de espionagem, para buscar listas de clientes, pedidos, contratos de serviço – qualquer coisa que pudesse conduzi-los à identidade dos Vesper e aonde poderiam ser encontrados. Entretanto, ao primeiro sinal do cativeiro dos reféns, a operação se transformaria numa tentativa de resgate.

— Deveríamos ir com eles, Amy. Isto é mais importante do que agradar Vesper Um — argumentou Dan.

Amy olhou para o irmão.

— Enquanto não tivermos os reféns sãos e salvos, nada é mais importante do que agradar Vesper Um. Não podemos estar a um oceano de distância quando recebermos a mensagem para entregar a *Medusa*.

— Se é que o telefone dos Vesper não estará sem bateria até lá — lembrou Hamilton. — Como está a procura por um carregador novo?

Evan se manifestou.

— Sinead e eu estamos indo atrás disso. Ela tem o laboratório de eletrônica mais incrível do mundo na casa de hóspedes...

— Não há nada de incrível no que estamos fazendo, Evan — Amy o interrompeu. — É uma coisa mortalmente séria e eu estou falando da forma literal. Nellie não levou um tiro de revólver de pressão.

— Amy — disse McIntyre com voz suave — Evan tem sido tremendamente prestativo. Ele merece a nossa gratidão.

Amy cedeu.

— Eu estava tentando manter os negócios dos Cahill longe de nós, Evan. Fico triste que você tenha se envolvido nesta confusão.

— Eu *quero* me envolver nesta confusão.

— Você não quer. Não mesmo.

— Ames, se isto faz parte da sua vida, então eu preciso participar — Evan falou com sinceridade. — Todo esse seu lado é tão diferente. Não exatamente melhor, mas sabe... impressionante.

Amy suspirou. *A caça às pistas também tinha sido impressionante. Até que os defuntos começaram a se amontoar.*

Assim que ela encerrou a vídeo-chamada, ouviu-se um novo toque de celular.

— É o meu — avisou Dan.

Na tela, surgiu a identificação da pessoa que estava ligando: Rosenbloom, A.

Dan pegou o telefone.

— Atticus?

— Dan, recebi a sua mensagem! — Embora Atticus tivesse só dois anos a menos que Dan, havia uma excitação infantil em sua voz que o fazia parecer ainda mais novo — Você não vai acreditar. Estou pertinho da sua lição de casa!

— Do que você está falando?

— Do enigma — explicou Atticus. — Na realidade, é Porta Sanavivaria.

— Que fica... ? — Dan quis saber.

— No Coliseu. Sabe o Coliseu de *Roma?* Meu irmão vai estudar aqui em Roma por seis meses. Como papai está dando um tempo na Índia, eu vim com o Jake. A gente passa pelo Coliseu todos os dias.

— Então o Porto San... — Dan enrolou a língua.

Ouviram-se gargalhadas histéricas do outro lado da linha.

— Uma Portosan é uma privada portátil. A Porta Sanavivaria era a saída por onde as pessoas poupadas pelo imperador deixavam o Coliseu. Significa “Portal da Vida” em latim.

— Coliseu de Roma, Portal da Vida — repetiu Dan, lançando um olhar significativo para Amy — Ei, se o seu irmão está estudando aí, o que você fica fazendo o dia inteiro?

— Eu também estou estudando — respondeu Atticus — não queria me sentir entediado aqui na Itália, então eu terminei o ensino médio a distância. E também estou dando aulas de línguas mortas. Mas meus alunos não estão muito motivados — concluiu Atticus com um tom de desapontamento na voz.

— Essa juventude de hoje em dia está mudada... — Dan se solidarizou com ele. — Obrigado pelas informações Atticus. A gente se vê quando você voltar para Boston. — Desligou e se voltou para Amy. — Agora já sabemos: o que está escrito atrás da *Medusa* é um nome de uma Portosan romana. O que os Vesper têm a ver com isso?

— Não sei — admitiu Amy — mas nós vamos descobrir. Mudança de planos — ela disse a Jonah. — Você pode nos deixar em Roma?

— Espera aí, eu sou um astro de cinema ou taxista aéreo? — Jonah reclamou, mergulhado em sua pilha de roteiros.

— Tecnicamente falando, você não é uma coisa nem outra — disse Hamilton, ofegante, levantando pesos outra vez. — Quer dizer, você é astro e já fez alguns filmes...

Dan estava preocupado com uma coisa.

— E se quando recebermos a mensagem para entregar o quadro a gente estiver em Roma e não em Florença? Nós não vamos mais estar com o avião depois que Jonah e Hamilton voltarem para os Estados Unidos.

— Vesper Um nos deu 96 horas — refletiu Amy. — Amanhã é quinta-feira. Se chegarmos ao Coliseu de manhã, ainda vamos ter tempo de sobra para voltar a Florença à noite e fazermos a entrega na sexta-feira. São menos de três horas de trem ou de carro.

— A não ser que o cara mude de ideia — acrescentou Dan nervoso.

— Ele pode ser um psicopata mas até agora ele não mentiu para nós — respondeu Amy, racional.

Dan assentiu com a cabeça, sombrio. De fato, Vesper Um não mentira. Prometera consequências, e veja o que tinha feito com Nellie.

Capítulo 20

A febre tinha voltado.

Estivera moderada no dia anterior, mas Nellie agora tremia de frio. Estava deitada na cama estreita, com arrepios pelo corpo, o rosto pálido e os lábios secos e rachados. Ao afastar um pouco o macacão de seu ombro, ela tocou a ferida inflamada, arroxeada e quente.

Ela sabia que estava mal porque desde o dia anterior perdera o apetite. Quando não sentia fome, é porque a situação era preocupante. E mesmo que ela própria não entendesse a gravidade do problema, podia vê-la refletida no rosto dos colegas de cativeiro. Especialmente no de Phoenix, pobrezinho.

Fiske e Alistair se consultavam aos cochichos, para que a doente não os ouvisse.

— A situação é seriíssima — admitiu Fiske. — Receio que a ferida esteja profundamente infeccionada. Se a bala não for removida logo, é bem possível que Nellie não resista.

Alistair estava desesperado de tanta preocupação.

— Poderíamos apelar para a humanidade dos nossos carcereiros, mas, para ser sincero, acho que eles não têm nenhuma. — A mão com que normalmente segurava a bengala se mexia de maneira tão incontrolável que era raro tirá-la do bolso do macacão. — Será que isso é alguma diversão para ele? Provocar um ferimento pequeno e ficar observando ele inflamar e se transformar em algo mortal?

— Não podemos permitir que isso aconteça — disse Fiske com firmeza. — Precisamos encontrar uma maneira de nos comunicar com nossos captores. — Seus olhos se fixaram nas sobras da refeição mais recente deles, em cima da mesa. O frasco de ketchup chamou sua atenção. Fiske alisou um guardanapo de papel e, aplicando nele linhas finas de ketchup, escreveu:

ELA ESTÁ MORRENDO
AJUDEM, POR FAVOR

Ele interceptou um olhar arregalado de horror de Phoenix e lamentou não ter tomado mais cuidado com a mensagem. O garoto tinha se apegado bastante a Nellie, e a condição dela o aterrorizava.

Aterrorizava todos.

Fiske colocou o guardanapo no elevador de comida e fechou a portinhola. Um instante depois, todos ouviram o aparelho ranger diabolicamente, saindo da cela.

A voz enfraquecida de Nellie veio do quarto.

— Alguém poderia aumentar a temperatura deste frigorífico?

Não havia mais cobertores. Reagan arrancou uma braçada de macacões do cabideiro. Ela e Phoenix foram correndo empilhar os macacões sobre a doente.

Após quase vinte minutos de agonia, Fiske ouviu o elevador de comida descendo. Ele chamou a atenção de Alistair, e os dois trocaram olhares ansiosos. Em alguns segundos teriam sua resposta, e ela seria literalmente uma questão de vida ou morte.

Abriram a porta e olharam, perplexos, para uma bandeja cirúrgica de aço inoxidável, onde havia um bisturi, uma pinça, um vidro de álcool e uma gaze esterilizada.

— Sim, mas cadê o médico? — exclamou Alistair, impaciente.

Fiske respirou fundo.

— Não haverá médico.

— Então por que diabos... — Alistair de repente entendeu. — Não, de jeito nenhum! Se eles querem de divertir às nossas custas, eu não vou participar de nada.

Fiske olhou para ele com ar grave. Se quisessem salvar Nellie, eles mesmos iam ter que retirar a bala.

* * *

Era um estádio com capacidade para cinquenta mil pessoas no centro de Roma. Embora aquele estádio, o Coliseu, tivesse quase dois mil anos, a maior parte dele ainda estava de pé. Era a construção mais impressionante do Império Romano e uma das maiores atrações turísticas do mundo, como se comprovava pela longa e serpenteante fila de visitantes contida por cordões de veludo que se entendia quase até o Arco de Constantino.

No meio da fila estavam Atticus Rosenbloom e seu meio-irmão de 18 anos, Jake.

Jake não estava de bom humor.

— Conheço você, Atticus. Você não está nem um pouco interessado em ver o Coliseu *de novo*. Só está procurando uma desculpa para ligar para Dan Cahill e lhe dizer onde está.

Atticus ficou na defensiva.

— Você está torcendo o nariz para uma das grandes maravilhas do mundo?

— Não — retrucou Jake. — Estou torcendo o nariz é para a ideia de passar uma hora numa fila para ver uma coisa que eu já conheço centímetro por centímetro. Fala sério, Att, o que acontece com você e o garoto Cahill? Como alguém como você pode ter alguma coisa em comum com uma pessoa como ele? O cara é um mané comparado a você.

— Dan é bem mais inteligente.

— Sei. E a coleção dele de xérox de bundas? — disse Jake. — Espero que você não tenha mandado a sua para ele.

Atticus sorriu, se divertindo com a lembrança.

— Existem tipos diferentes de inteligência. É preciso ser inteligente para ser divertido, algo de que você não entende nada. Dan é meu amigo. Ele é *legal*.

— Garotos da sua idade acham qualquer pessoa mais velha legal.

Atticus olhou fixo para Jake.

— Não necessariamente.

Seu irmão bufou.

— Você está obcecado pelo cara.

Atticus não discutiu. Ele era obcecado por Dan, *sim*, mas por uma razão que o irmão desconhecia. Não tinha nada a ver com ser engraçado. Na realidade, era por causa de uma lembrança 100% sem graça: a morte de sua mãe.

A última palavra de Astrid Rosenbloom, que ela mal conseguira sussurrar para Atticus quando os dois estavam a sós, em meio a uma febre que a deixara confusa, tinha sido *Cahill*.

Houve mais, mas ela estava tão fraca que tinha dedicado seu último fôlego torturado àquele nome.

Não podia ser coincidência. Dan era importante de alguma maneira.

Tinha sido a mãe de Atticus que o encaminhara à sala de bate-papo de jogadores de videogame onde ele encontrou Dan pela primeira vez. Os dois se tornaram amigos íntimos, apesar de Atticus estar lá como enxadrista e Dan, jogador de videogame, não saber diferenciar jogadas básicas de xadrez. Não havia dúvida: sua mãe foi quem lançou as sementes da amizade deles. Mas por quê? Impossível saber. Pouco depois disso ela adoecera misteriosamente e suas frases deixaram de fazer muito sentido.

Por isso Atticus havia decidido ser paciente e se apegar à esperança de que, com o tempo, o objetivo de sua mãe se revelaria. Além disso, Dan era demais. O geniozinho de 11 anos não era socialmente tão popular que pudesse se dar ao luxo de dispensar amigos. Na realidade, Dan era seu único amigo.

Talvez o plano grandioso de sua mãe não fosse mais que isto: garantir que seu filho não passasse a vida como um ermitão genial, isolado do resto da humanidade por sua inteligência singular.

— Estamos quase na entrada — Atticus disse ao irmão. — Vou ligar para Dan. Ele vai achar o máximo quando souber onde estamos.

— Você está maluco? — exclamou Jake. — São cinco da manhã em Boston!

— Preciso encontrá-lo antes de ir para a escola — Atticus teclou o número de Dan programando na discagem rápida.

Então uma coisa estranha aconteceu. O celular de Dan chamou umas poucas vezes e ele logo atendeu, dizendo um “oi” que vinha de dois lugares: do telefone de Atticus e de algum lugar bem perto, mais atrás da fila. Perplexo, Atticus se virou. E bem ali, a uns cinco metros, onde a fila dava a volta no ponto em que os cordões estavam presos, ele viu ninguém mais, ninguém menos que o próprio Dan, ao vivo e em cores!

— Dan! Dan! — A voz aguda de Atticus se elevou no meio da multidão. — Aqui! — Ele passou por baixo do cordão e correu até o amigo. — Por que você não me contou que estava em Roma?

— Acabamos de chegar — explicou Dan, constrangido.

Eles trocaram um “toca aqui”.

— Tá, mas por que você não falou que vinha pra cá?

Dan deu de ombros.

— É meio que uma coisa de família. Esta é minha irmã, Amy. Amy, este é Atticus.

— Venham, estamos mais ali na frente da fila — Atticus convidou. — Vocês vão conhecer meu irmão, o Jake.

* * *

Faltando cada vez menos tempo para a hora da entrega da *Medusa*, Amy ficou grata por ido mais a frente da fila, mesmo que isso significasse ter que passar o dia com o amigo esquisitinho que Dan tinha conhecido na Internet. Agora cada minuto era precioso.

Os dois irmãos Rosenbloom não poderiam ser mais diferentes. Atticus era magro e moreno, com olhos de coruja esbugalhados por trás de grandes óculos redondos. Os cabelos enrolados herdados da mãe negra estavam penteados em *dreads* que lhe chegavam aos seus ombros. E li estava Jake. Amy tinha um Coliseu para explorar, uma entrega a ser feita em outra cidade e sete reféns com quem se preocupar, sem falar em um namorado em casa, nos Estados Unidos. Mas tudo isso desapareceu por alguns instantes quando ela parou para apreciar a esplendor que era Jake. Ele tinha pelo menos 1,85 metros de altura, era mais claro que Atticus, com olhos argutos e um rosto que parecia esculpido.

— Você está cheio de surpresas hoje, Att — Jake repreendeu o irmão, percebendo algo estranho no ar, que não conseguiu identificar.

Amy reparou na falta de entusiasmo dele.

— Assim que a gente entrar, nos separamos. Não queremos atrapalhar o dia de vocês.

— Você está brincando? — retrucou Atticus. — Vamos fazer a excursão juntos! Conheço o Coliseu como a palma da minha mão. Vou ser o guia de vocês!

Dan lançou a Amy um olhar sugestivo. Se Atticus pudesse encurtar a busca deles...

Amy concordou com a cabeça.

— Juntos, então.

Se Jake não gostasse, azar dele.

— Vejam as colunas dóricas do térreo — disse Atticus, apontando para a fachada redonda da maciça estrutura de pedra. — No segundo nível, as colunas são jônicas e, no terceiro, coríntias. Esses são os três principais estilos arquitetônicos utilizados durante o Império Romano.

Amy viu os olhos de Dan assumirem uma expressão entediada. Ele não era muito chegado a tours de museu, mesmo com o amigo que tanto valorizava.

— As origens são gregas, é claro — prosseguiu Atticus. — Quase toda a arquitetura romana tem inspiração grega...

— Quando vamos chegar na parte em que as pessoas eram devoradas por leões? — interveio Dan.

Jake lançou um olhar de superioridade para Dan.

— Essas histórias foram grosseiramente exageradas ao longo dos séculos. Hoje sabemos que isso de cristãos sendo atirados para carnívoros selvagens não passa de lenda.

— Mas o Coliseu era um lugar de esportes sanguinários — disse Atticus, retomando a narrativa. — Gladiadores combatiam animais exóticos e guerreavam uns com os outros, feras lutavam contra feras. Naquela época, o chão da arena era coberto com areia para absorver o sangue.

— Irado! — comentou Dan, interessado outra vez.

Tendo por fim chegado a vez deles na fila, os quatro compraram seus ingressos e entraram no estádio mais famoso que já existiu. Atticus os conduziu por um corredor comprido semelhante a um túnel, e eles emergiram na arena.

— Uau! — Dan perdeu o fôlego. — Isto aqui é como o estádio de Foxboro, onde New England Patriots joga! Quer dizer, se Foxboro estivesse desmoronando.

Amy concordou com a cabeça, maravilhada. O Coliseu tinha quase dois milênios de vida; era uma imensa casca vazia de pedra, arruinada por séculos de tempestades, terremotos e roubos. Mas suas dimensões, sua capacidade e seu design básico não perdiam nada para um estado de futebol americano capaz de sediar um campeonato do século XXI. O fato de que povos da antiguidade tivessem criado aquela maravilha era espantoso.

— Na realidade — Atticus disse a Dan — o Coliseu foi superior a Foxboro sob muitos aspectos. Por exemplo, era uma arena fechada. Uma enorme cobertura chamada *velarium* protegia os espectadores do sol.

— Uau! — exclamou Dan. — Era a abóbada de Roma.

Atticus concordou.

— E, quando estava lotado, a multidão podia entrar e sair em muito menos tempo do que acontece hoje em um estádio moderno. Há aproximadamente oitenta saídas no térreo, acessadas pelos *vomitoria* do Coliseu.

Dan deu um pulo que o ergueu alguns centímetros do chão.

— *Vomitoria*? O que é isso, um lugar para vomitar?

Atticus riu tanto que começou a engasgar. Amy chegou à conclusão de que, para um supergênio, ele tinha um senso de humor igual... bem, igual ao de Dan.

Talvez seja por isso que os dois se dão tão bem.

Atticus enxugou lágrimas de riso.

— Um *vomitorium* não tem nada a ver com isso. É um túnel de saída que começa em uma arquibancada. Hoje a maioria dos assentos desapareceu, mas ainda dá para ver onde ficavam os *vomitoria*.

— Mesmo assim tem alguma coisa a ver com vômito — argumentou Dan. — É o estádio vomitando as pessoas.

Atticus voltou a atenção para o centro da arena.

— O chão do Coliseu sumiu, então o que estamos vendo são os corredores e as celas que ficavam embaixo dele. Os romanos tinham um alçapão na arena. Animais eram içados e soltos bem no meio da ação. E *aqui*...

Dan seguiu o amigo pelo perímetro da arena, devorando cada detalhe sangrento da violenta história do Coliseu. Amy ficou mais para trás com Jake, caminhando devagar. Para sua surpresa, na última meia hora ele tinha visto mais do Dan de antigamente do que nos dois anos passados desde a caça às pistas. Atticus parecia estimular esse lado dele.

Jake, por sua vez, não estava gostando nada daquilo. Enquanto observava os meninos, sua expressão foi azedando. Ou quem sabe a má impressão tivesse se intensificado.

— Agora sabemos o que nossos irmãos têm em comum — disse Amy, para quebrar o silêncio. — O gosto por piadinhas idiotas e por sangue.

— Atticus tem uma inteligência rara, do tipo que só uma em cada dez milhões de pessoas tem — respondeu Jake em tom sério. — Mas ele é muito imaturo. Por isso nosso pai o mandou vir ficar em Roma comigo. Precisamos tomar cuidado com suas companhias.

Amy se irritou.

— A mente de Dan não é uma coisinha insignificante. A memória dele é impressionante. Não se preocupe, ele não vai contaminar o intelecto do seu irmão.

Jake olhou para ela como se a avaliasse.

— Em que tipo colégio vocês estudam que permite uma viagem para a Europa em pleno semestre letivo?

— É uma escola alternativa — Amy mentiu sem dor na consciência. — E, como Dan e eu vivemos sozinhos, nós mesmos decidimos quando queremos viajar.

— Mas vocês são menores de idade — observou Jake. — Vocês devem ter um tutor legal, então.

Amy engoliu o nó que se formou em sua garganta ao pensar em Nellie e Fiske.

— Temos tutores alternativos também.

Alternativos. Ótima palavra para descrever os Cahill.

— Eles estão com vocês aqui em Roma?

Para Amy, essa pergunta ultrapassou os limites. Jake Rosenbloom era excessivamente curioso. Mesmo que ele não fosse mais que um bonitão esnobe, ela não podia correr o risco de falar demais. E se Jake ficasse sabendo dos sequestros e, com a melhor das intenções, chamasse a polícia?

Ela apertou o passo deixando Jake para trás.

— Atticus! — chamou. — Para que lado fica a Porta Sanavivaria?

Atticus fez um sinal com a mão.

— Sigam-me!

Esta era outra coisa curiosa em Atticus: ele jamais andava; só corria. Dan o seguiu de perto, com Amy e Jake na retaguarda. Ele os conduziu até o enorme arco de pedra que formava a entrada leste do Coliseu.

— Quando os jogos começavam, a procissão inteira entrava pelo Portal da Vida. Os gladiadores ficavam diante do imperador e gritavam “Nós que estamos prestes a morrer o saudamos!”.

— Incrível — comentou Dan, admirado. — Quer dizer, eu é que não ia querer dizer uma coisa dessas. Mas a fala é bem estilosa!

Atticus estava apenas começando.

— Na batalha, quando um gladiador dominava o adversário, ele se virava para a multidão para que ela fizesse sinal com o polegar para cima ou para baixo. Se o perdedor fosse poupado, ele saía pelo Portal da Vida. Se o veredito fosse polegares para baixo...

— Deixe eu adivinhar — disse Amy. — Existe um Portal da Morte também?

— Isso mesmo. — O menino gênio apontou para a extremidade oposta da arena, onde um portal semelhante conduzia para fora. — A porta Libitinensis. A entrada oeste. Agora, quando o imperador estava presente, era ele quem decidia se o sujeito ia morrer ou não...

Amy olhou disfarçadamente para Dan. Ele não ouvia mais nada. Toda sua atenção estava voltada para um diagrama afixado logo depois do Portal da Vida. Amy reconheceu aquela expressão, um olhar intenso de concentração. Ele começava a entender alguma coisa, ou pelo menos acreditava que sim.

Ela se aproximou do irmão.

— O que foi?

— Este é um mapa dos túneis sob o Coliseu, bem aqui embaixo de onde estamos — murmurou Dan. — Você não notou nada conhecido?

Amy deu de ombros.

— Não...

— Está vendo como os corredores vão fazendo curvas um em volta do outro? São os cabelos de serpente da *Medusa*. E não são mais ou menos parecidos. São exatamente iguais.

Amy ficou estarrecida.

— Você está dizendo o que eu acho que está dizendo?

Dan assentiu com a cabeça.

— A *Medusa* de Caravaggio é um mapa.

Capítulo 21

O rosto bonito de Jake se insinuou entre os irmãos Cahill.

— O que vocês estão olhando?

— Os túneis são abertos ao público? — perguntou Amy.

— Alguns são — ele respondeu. — Outros ainda não foram escorados.

— Tem como ir até lá?

— A gente mostra para vocês — propôs Atticus.

Os irmãos Rosenbloom começaram a descer uma rampa de pedra em direção ao subsolo, que agora estava aberto. Paredes antigas davam uma ideia dos espaços em que, no passado, animais perigosos deviam ser mantidos de prontidão. Amy não conseguia deixar de imaginar os cercados repletos de leões, ursos e outras feras. Um a um, eles deviam ser içados na plataforma elevatória e conduzidos até a arena, onde os maiores gladiadores de Roma os enfrentavam em combates para entreter o publico. Ela quase podia ouvir os rosnados selvagens amplificados pela parte inferior do ringue, que ficava diretamente acima de onde eles estavam agora. E do outro lado daquele piso de madeira, o som do choque de armas de aço, o estalido de ossos e os gritos lancinantes de combates e de morte.

Dan sentia a mesma coisa.

— Este talvez seja o lugar mais incrível em que já estive na vida.

— Eu sei — Atticus deu uma risadinha. — Os túneis foram criados originalmente para que se pudesse ir do Coliseu a outros edifícios: ao Spoliarium, para onde os mortos eram levados, ao Armamentarium, onde as armas eram guardados, e à Ludus Magnum, a grande escola de gladiadores.

Dan concordou com a cabeça.

— Faz sentido. Se você perde uma batalha, é mandado de volta à escola de gladiadores.

Amy suspirou exasperada. Mas quando flagrou Jake revirando os olhos, tomou as dores do irmão. Como aquele idiota arrogante se atrevia a fazer pouco caso de Dan, que contrariando todas as previsões tinha roubado a *Medusa* de Caravaggio? *E duas vezes!*

Atticus prosseguiu.

— Os túneis se estendem para muito além dos muros do Coliseu, passando por baixo de toda essa parte da cidade. E nem todos foram explorados.

Com Atticus na frente, eles passaram pelo labirinto de celas para animais e sob um dos muitos arcos que se alinhavam em volta do subsolo. Agora não estavam exatamente *no* Coliseu, mas *debaixo* dele, nas fundações de uma construção que tinha sido palco de inúmeras barbáries.

A única iluminação vinha de lâmpadas nuas penduradas a grandes intervalos, oferecendo luz lúgubre, mas muito menos do que devia ter sido no tempo dos imperadores flavianos, quando esses túneis eram iluminados

por tochas. À medida que avançavam, o caminho descia mais fundo sob a terra e um frio úmido emanava das pedras. Os turistas que exploravam a área começaram a rarear; preferiam pisar onde os gladiadores haviam lutado. Mas o Coliseu, com seu ar fresco e luz do sol, já tinha ficado muito para trás. O lugar onde estavam agora não lembrava um sítio histórico, e sim as entranhas da terra.

O ambiente parecia estar afetando Jake também.

— Vamos voltar? — ele sugeriu. — Acho que não há mais nada adiante.

— Vocês não precisam vir com a gente — disse Amy em tom despreocupado. — Podemos nos encontrar depois no Coliseu.

— Quero continuar — Atticus disse ao irmão. — Nunca vim tão longe.

— Não veio porque não há mais nada para ver aqui — resmungou Jake.

Porém, ele os seguiu, arrastando os pés, o último do grupo.

Quando chegaram à primeira bifurcação no corredor, Atticus hesitou, mas Dan imediatamente escolheu o caminho da esquerda.

— Espere — protestou Jake. — Não queremos nos perder aqui embaixo.

— Não vamos nos perder — disse Amy com um tom exagerado de paciência na voz. — Dan tem uma memória incrível. Ele decorou o mapa dos túneis na volta, ele vai saber fazer o caminho inverso direitinho, seguindo por cada curva e entrada.

— Essa é uma habilidade que eu não tenho — comentou Atticus, impressionado.

— Deve ser a única — Dan garantiu ao amigo, com um sorriso maroto.

Mas ele estava sério e atento enquanto se orientavam em meio ao labirinto, passando por mais duas interseções.

— É a *Medusa*? — Amy sussurrou quando os Rosenbloom ficaram um pouco para trás. — Os túneis seguem o desenho do cabelo de serpente dela?

— Afirmativo — confirmou Dan. — A pintura é mesmo um mapa.

— Só falta um detalhe importante — acrescentou Amy. — Não há nenhum X marcando a localização do tesouro.

— Tenho uma teoria sobre isso — murmurou Dan. — No quadro, há um emaranhado enorme de serpentes, e elas se enrolam umas nas outras um milhão de vezes. Mas há apenas um lugar em que uma serpente morde outra. Acho que é o nosso X.

— Falta muito para chegar lá?

— Só mais algumas voltas — assegurou Dan, apertando o passo. — Estou vendo perfeitamente na minha cabeça.

Eles entraram à direita na bifurcação seguinte, acompanhando a curva que o muro de pedra fazia. De repente Amy tropeçou e caiu com uma cambalhota sobre uma barreira de madeira na qual havia um aviso em vários idiomas que dizia:

ÁREA NÃO ESCAVADA. NÃO ENTRE.

Os Rosenbloom os alcançaram quando Dan ajudava a irmã a se levantar.

— Bem, acabou — Jake anunciou com cara de “eu bem que avisei”.

— Acabou nada — retrucou Amy, tocando um corte nos lábios. — Nós vamos continuar.

— Mas o túnel está fechado! — protestou Jake.

— Não está — retrucou Dan, ponderado. — Estou olhando diretamente para ele. Está tão aberto quanto a parte pela qual acabamos de passar.

Jake se irritou.

— “Área não escavada” quer dizer que esta parte do túnel não é segura. Que não foi escorada, não foi testada. Pode desmoronar em cima de vocês.

— Este túnel está aqui há dois mil anos — Dan rebateu. — Por que desabaria justo hoje?

Amy tentou ser pacificadora.

— Voltem vocês dois. Dan e eu precisamos explorar um pouco mais.

Os olhos de Jake se estreitaram.

— Vocês *precisam?*

— É um hobby nosso, só isso — Dan respondeu rápido. — Em vez de colecionar selos, gostamos de vasculhar lugares antigos e assustadores.

Essa última parte nem era mentira. A caça às pistas os tinha levado a túmulos, catacumbas e a todo tipo de câmara subterrânea e secreta.

— A gente sabe que nem todo mundo gosta disso — Amy acrescentou suavemente.

Atticus se manifestou.

— Quero ir com Dan.

— De jeito nenhum, Att.

— Passei a vida inteira lendo sobre coisas nunca chego a ver ou fazer! — Atticus argumentou.

— Você não liga para isso. Apenas não suporta a ideia de se afastar do seu herói! — acusou Jake.

— Ele é meu *amigo!*

— Esqueça!

Amy e Dan assistiram, assombrados, aos dois irmãos mergulharem numa discussão acalorada. Os Cahill deram de ombros ao mesmo tempo e, deixando os dois para trás, aventuraram-se na parte proibida do túnel. Depois de virar a primeira esquina, perderam os Rosenbloom de vista, embora continuassem ouvindo Jake dando ordens e Atticus protestando.

— Ainda estamos seguindo as serpentes, certo? — Amy quis saber.

— Certo. Caravaggio tinha um péssimo gosto para modelos, mas era um cartógrafo incrível. Tá vendo? O corredor desvia para a esquerda e... Ah, não.

Ao passarem pela curva, eles depararam com a escuridão. Daquele ponto em diante, não havia mais luz.

— E agora? — perguntou Dan.

Amy procurou nos bolsos e encontrou seu chaveiro com lanterna. O feixe de luz era tênue naquele negrume sufocante, mas o suficiente para permitir que seguissem em frente. Eles diminuíram o passo, tropeçando nas pedras soltas do piso do túnel.

O túnel continuou por aproximadamente mais cem metros e terminou de repente em um T.

— É aqui — anunciou Dan.

Amy girou a lanterna e iluminou paredes de pedra sem nenhuma marca que as distinguisse.

— Aqui? Tem certeza?

— Exatamente aqui — afirmou Dan. — O fim deste caminho é a serpente fincando os dentes na outra, e o caminho perpendicular é a cobra que ela está mordendo.

Os dois examinaram cada centímetro da interseção. Se a *Medusa* era mesmo um mapa, ele não parecia conduzir a tesouro algum.

— Eles nunca facilitam — resmungou Dan.

Ele pegou uma pedra e começou a batê-la nas paredes, buscando algum ponto com som oco.

— Boa ideia.

Amy esticou a mão para pegar uma pedra de tamanho semelhante à de Dan que estava perto de seus pés. A pedra não se moveu. Ela puxou com mais força, usando as duas mãos. Alguma coisa além da pedra se mexeu: o movimento vinha também do chão sob os pés dela.

— Me ajude aqui, Dan.

Os dois se ajoelharam e puxaram com toda a força. Ouviu-se o barulho de algo raspando e um pedaço grande de piso de pedra se ergueu. Amy e Dan o empurraram para um lado e olharam com atenção para a abertura que surgia.

Dentro do buraco, eles encontraram um embrulho envolto em um tecido antigo que estava quase se desintegrando em fios. O tecido se partiu sob as mãos de Amy, revelando um pedaço de madeira seca e rachada. Ao notarem seu formato convexo, os dois se entreolharam, assombrados.

— É um escudo — sussurrou Dan. — Exatamente como...

— Espere aí! — Amy o interrompeu. — Você se lembra da lenda? A *Medusa* de Caravaggio foi supostamente baseada em um escudo anterior criado por Leonardo da Vinci. Esse escudo nunca foi encontrado, e eis aqui o porquê.

Ela direcionou o estreito feixe de luz sobre o objeto. Tudo o que restava da imagem pintada no passado eram sombras tênues na madeira.

— Sumiu — observou Dan.

— Muitas obras de Da Vinci não perduraram — acrescentou Amy.

Ela demorou um instante para se dar conta. O escudo que tinha nas mãos havia contido, muito tempo antes, uma imagem criada pelo maior artista de todos os tempos.

Amy pôs o escudo no chão e os dois irmãos voltaram a atenção para o outro objeto acondicionado no embrulho esfarrapado.

— Um livro? — indagou Dan.

Era um manuscrito grande, composto por folhas costuradas com fios espessos e encadernado em pesada capa de couro. Amy o abriu. Estava escrito com uma caligrafia elegante, a tinta já desbotada. Mas em que língua? Francês? Amy reconheceu a palavra *monde*, ou *mundo*. Mas ela tinha estudado francês, e o idioma do livro não era esse.

Sons de pés correndo ecoaram no túnel. Ao erguerem os olhos, os Cahill viram uma figura pequena vindo na direção deles. Amy ergueu o feixe de luz do chaveiro. Era Atticus.

O menino estava sem fôlego.

— Seja lá o que estão fazendo, andem logo! Jake foi dedurar vocês para os seguranças!

Amy fechou o manuscrito, mas não antes de o menino prodígio ler o título na página inicial.

— Onde vocês conseguiram isso?

— O quê? Isto daqui? — balbuciou Dan, vasculhando a mente em busca de uma explicação, mas sem encontrar nenhuma.

— É um exemplar de *As viagens de Marco Polo* — disse Atticus em voz baixa, carregada de reverência.

— Não é, não — Amy negou. — Está numa língua estranha, parecida com francês.

O menino prodígio se ajoelhou ao lado deles.

— Está em francês... francês antigo. O título original era O *livro das maravilhas*. Em italiano, recebeu o título de *Il milione*, ou *O milhão*. — Ele acariciou algumas páginas com delicadeza. — É uma descoberta maravilhosa! Como vocês sabiam que ele estava aqui?

Os Cahill se entreolharam. Não podiam contar a Atticus. De jeito nenhum.

— É uma história muito longa, e prometo explicar tudo a você um dia — disse Dan. — Mas não agora.

Atticus estava tão fascinado com o livro que não se chateou.

— Tem um epílogo! — exclamou em um sussurro maravilhado. — Nunca vi uma coisa dessas, e já li *Il milione* pelo menos dez vezes! Vocês sabem o que isso significa? Este não é um exemplar qualquer; é a edição original de *Marco Polo*, ditado a Rustichello de Pisa no final do século XIII!

Amy e Dan compartilharam um momento de perfeita compreensão. Aquele livro e seu epílogo eram o que Vesper Um procurara o tempo inteiro,

o verdadeiro motivo de ele os ter forçado a roubar a obra de Caravaggio! A *Medusa* era o mapa do tesouro, a mensagem do escudo indicava seu local e o manuscrito era o tesouro! Alguma coisa naquele epílogo perdido era tão valiosa que os Vesper se sentiram autorizados a praticar os sequestros e sabia-se lá mais o quê.

Naquele momento, o grito distante de Jake ecoou nos túneis.

— Att! Cadê você?

— Estou com Amy e Dan — o geniozinho gritou de volta. — E você não vai acreditar no que encontramos!

— Voltem para a parte escavada do túnel! — ordenou uma voz autoritária, profunda e com sotaque italiano. — Imediatamente!

Atticus se pôs em pé, ainda segurando o manuscrito de Marco Polo nos braços.

— Estou quase odiando ter que entregar isto aqui. Sei que o lugar certo dele é num museu, mas...

Para seu total espanto, Dan arrancou o volume encadernado em couro das mãos dele.

Ao ver a expressão séria e intensa de Dan, o sorriso de Atticus desapareceu.

— Você não pode ficar com o livro.

— Mas *você* ia ficar.

— Eu só estava brincando — disse Atticus. — Ele é um tesouro cultural. Pertence ao mundo.

Protegendo o manuscrito entre seus braços cruzados, Dan não respondeu.

Amy recolocou o escudo de Da Vinci no buraco no chão e, com os pés, empurrou o melhor que pôde a lajota de pedra para que ela cobrisse de novo o vão.

— Precisamos ir — ela disse com delicadeza.

Dan concordou com a cabeça, mas seus olhos estavam cheios de dor pela aflição que estava causando no amigo.

Atticus o encarou com os olhos arregalados e uma consternação crescente. Mesmo com seu QI fora de série, ele não conseguia apreender totalmente o fato de que Dan ia mesmo levar o manuscrito embora.

— Pensei que fôssemos amigos — sussurrou por fim.

— Nós *somos* amigos.

O jovem prodígio sacudiu a cabeça com tristeza.

— Eu nunca poderia ser amigo de alguém capaz de roubar uma coisa dessas.

Amy quase podia sentir a vergonha que emanava de seu irmão. *Ele fez tão poucos amigos desde a caça às pistas. A admiração deste nanico sabichão significa muito para ele. E agora acabou.*

Ela se solidarizava com Dan do fundo do coração. Mas nada tinha prioridade sobre o que precisava ser feito.

— Dan... — ela lembrou.

Eles ouviram o som dos pés correndo e avançando pelo túnel. Eram Jake e o segurança se aproximando.

— Desculpe, Atticus — balbuciou Dan.

Ele se voltou e saiu correndo com o manuscrito de Marco Polo debaixo do braço. Atrás dele, a voz aguda de Atticus ecoou pelos túneis.

— Jake! *Jake!* — O garoto parecia estar gritando e chorando ao mesmo tempo.

Amy seguia ao lado de Dan, segurando o chaveiro com lanterna à frente. Como o farol de um carro.

— Você não acha que, do jeito que ele está abalado, pode se perder aqui embaixo?

— Não se preocupe, o segurança vai encontra-lo — disse Dan, ofegante. — Vamos, rápido! Precisamos voltar ao Coliseu antes deles!

Eles podiam ver luz elétrica à distância, na parte “autorizada” do labirinto de túneis.

Então um homem enorme de uniforme surgiu na frente deles.

Dan freou tão rapidamente que Amy quase se chocou contra o irmão.

— Parados! — ordenou o segurança.

Os dois Cahill deram meia-volta e partiram na direção oposta. A caça às pistas tinha aprimorado o instinto de fuga deles, habilidade que lhes foi útil naquele momento. Correram rápido pelos túneis, virando à esquerda e à direita, deixando um rastro complexo pelo labirinto.

Por fim Dan desacelerou o passo. Foi um erro. Mãos fortes saídas de um túnel lateral o agarraram com firmeza. Dan lutou para se libertar, mas as mãos que o seguravam eram poderosas.

— *Guardia! Vieni aiuto!* — gritou Jake Rosenbloom.

Atticus estava com o irmão. Seu pequeno rosto estava riscado de lágrimas secas. O gênio mal conseguia falar com coerência.

— *Il milione*, Dan... *Il milione*...

Amy olhou fixamente para Jake.

— Solte-o — pediu com voz calma.

— Para quê? — ele quis saber. — Para vocês saquearem um Patrimônio Mundial?

— Vocês não tem ideia do que está em jogo.

— E *vocês* têm? — retrucou Jake. — Este é o manuscrito original de Marco Polo, com um epílogo que nunca foi visto. Por ninguém! Quem vocês pensam que são?

Amy ergueu o pé como um raio e atingiu Jake na lateral do abdome, logo embaixo da caixa torácica. Ele soltou uma arfada, expelindo todo o ar.

As mãos que agarravam Dan o soltaram, e Jake caiu no chão, tonto e sem fôlego.

Os irmãos Cahill fugiram.

Capítulo 22

Dan percebeu quando eles saíram do perímetro do "mapa da Medusa", mas não parou de andar, orientando-se pela luz tênue da lanterna do chaveiro de Amy. Entulhos soltos dificultavam o avanço deles, obrigando-os a prosseguir mais devagar. Ali, um tornozelo quebrado ou torcido seria mais que uma inconveniência dolorosa. Na melhor das hipóteses, eles seriam capturados pela polícia italiana. Na pior, ficariam perdidos para sempre naquele labirinto subterrâneo de um império passado.

Amy agarrou o pulso do irmão e os dois se detiveram.

— Ouça — ela sussurrou.

Silencio. Nenhum grito ameaçador, nenhum som de pés atrás deles. Apenas a própria respiração ansiosa dos dois.

— Acha que escapamos? — sussurrou Dan.

— Pode ser. Ou isso, ou eles não querem entrar na parte inexplorada dos túneis. E para que se arriscariam? Estão imaginando que cedo ou tarde vamos ser obrigados a voltar ao Coliseu. Só precisam ficar esperando para nos pegar.

Dan ficou alarmado.

— E a gente precisa *mesmo* voltar ao Coliseu cedo ou tarde, certo?

— O objetivo de se cavar um túnel é criar uma passagem secreta entre o ponto A e o ponto B — raciocinou Amy. — Tem que haver outra saída em algum lugar.

— Será que você não está esquecendo de uma coisa? — Dan falou com a voz alterada. — Este é o Império Romano. A maioria dos pontos B desmoronou e virou pó séculos atrás! Quem sabe o que existe aqui agora? Este túnel pode dar nos alicerces de concreto de um estacionamento de 11 andares!

— É um risco que vamos ter que correr — Amy apontou para o manuscrito de Marco Polo nas mãos do irmão. — Precisamos decifrar o significado do epílogo. Se formos presos, a polícia vai confiscar o livro.

— Esse é o menor dos nossos problemas — Dan disse a ela. — O que você acharia de perder a entrega da *Medusa* em Florença porque estamos presos na cadeia de Roma?

Amy engoliu em seco. No fim, estavam nessa por causa dos reféns. Nenhum esforço podia ser poupado, nada poderia deixar de ser feito enquanto ainda existisse uma chance de resgatá-los sãos e salvos. Isto é, mais ou menos sãos.

— O que pode existir em um manuscrito de Marco Polo que tenha alguma coisa a ver com os Vesper? — Dan se perguntou em voz alta. — Marco Polo viveu entre os séculos XIII e XIV, antes de existirem Vesper e Cahill.

— Não sei — admitiu Amy. — Estamos supondo que Damien Vesper estivesse interessado em algo *novo*, como o soro de Gideon. Mas e se ele estivesse envolvido em algo *antigo*, algo que datasse do tempo de Marco Polo? Talvez até mesmo do tempo de Plínio, o Jovem?

Naquele instante, a lanterninha de Amy tremulou e o circulo de luz que projetava enfraqueceu.

O coração de Dan parou.

— Você tem bateria extra para essa coisa?

Amy negou com a cabeça, desolada.

— O chaveiro foi apenas um brinde que distribuíram na lavanderia de Attleboro. Nunca imaginei que eu fosse usá-lo.

A abertura do túnel estava ficando cada vez menor. O tronco estreito de Dan começou a passar a poucos centímetros das rochas que havia de cada lado, e em alguns trechos ele era obrigado a abaixar a cabeça. Não era uma passagem para gladiadores; mal poderia ser usada por crianças do ensino infantil. Para onde esse túnel os estaria conduzindo?

O feixe de luz tremeu novamente e enfraqueceu mais, reduzindo-se a um marrom enferrujado. Eles seguiram adiante, conscientes de que, se a luz apagasse, não teriam escolha senão continuar às cegas, arrastando-se sobre entulhos pedregosos, buscando uma saída com suas mãos agitadas.

É minha culpa!, Dan se repreendeu. *Tive dois anos para recriar o soro. Com ele, poderíamos ter destruído os Vesper assim que soubemos dos sequestros. Os reféns estariam em segurança e Amy e eu não estaríamos perdidos no escuro em um túnel romano antigo!*

Nesse instante a luz da lanterna morreu por completo. Não havia mais luz nenhuma, nem mesmo um brilho pálido.

Pânico louco, incontrolável. *Vamos morrer aqui embaixo! Ninguém nunca vai nos encontrar...*

— Espere um instante... — disse Amy.

— O que foi?

— Nossa luz acabou. Então como...

Dan concluiu a frase dela:

— ... como é que eu estou vendo você e você está me vendo?

Ele piscou. Amy tinha razão! Estava escuro, sim, mas sem a luz da lanterna do chaveiro eles deveriam estar sufocados nas trevas. Havia luz vindo de algum lugar. E luz significava que talvez aquela jornada horrorosa estivesse chegando ao fim.

Dan se levantou e deu um passo trôpego para a frente.

— Por aqui!

Eles apertaram o passo, animados pela impressão de que a luz estava ficando um pouquinho mais forte. Ou seria apenas o efeito do que eles queriam que acontecesse?

De uma hora para outra, o túnel estreito se abriu em uma grande gruta subterrânea. A repentina ausência de paredes cercando seus movimentos devolveu a Dan a liberdade que ele nem tinha se dado conta de haver perdido. Ele olhou para cima. Uma cúpula ornamentada se erguia sobre os dois. Não era uma câmara subterrânea qualquer! Era um espaço bem-acabado e decorado... ou pelo menos tinha sido há um zilhão de anos.

Amy girou o corpo, observando tudo à sua volta com uma sensação crescente de deslumbramento e revelação.

— Dan... — a voz dela era reverente. — Você faz ideia de onde estamos?

Dan se mostrava impaciente.

— Seja onde for, como a gente faz para sair daqui?

— Já vi fotos deste lugar. É a Lupercal!

— Isso é algum remédio para emagrecer?

— De acordo com a mitologia, Roma foi fundada por dois irmãos, Rômulo e Remo, que foram criados por uma loba numa caverna. *Esta* era a caverna.

Dan estava cético.

— E quem colocou os azulejos no teto? A loba?

— Eu não falei que é *verdade*, falei que os romanos antigos acreditavam nessa história. Por isso eles transformaram este lugar num espécie de santuário. Fica sob as ruínas da casa do imperador Augusto, no monte Palatino, que é uma das sete colinas de Roma.

— Quem se importa? — retrucou Dan. — Cadê a porta?

Amy sacudiu a cabeça.

— Acho que não existe porta.

— Você falou que viu fotos daqui.

— Os arqueólogos baixaram uma câmera remota por um buraco no teto — explicou Amy. — A gruta Lupercal ainda não foi explorada. Somos as primeiras pessoas a pisar neste lugar em dois mil anos. É incrível ou não é?

Dan não se impressionou.

— Sabe o que seria ainda mais incrível? Uma placa indicando a saída.

Se havia uma saída, ela com certeza estava inacessível. Todo o outro lado da câmara estava bloqueado por um desabamento. Terra e pedras enormes formavam uma encosta íngreme que se elevava quase até o teto. Olhando para cima pela encosta, Amy e Dan puderam ver a fonte da luz: um vislumbre de céu azul no lugar onde a parede da caverna encontrava a cúpula.

Amy apontou.

— Deve ter sido por ali que desceram a câmera.

Ouviu-se um som distante de tilintar. Uma pedrinha caiu através da abertura e rolou pela pilha de entulhos, indo parar aos pés deles.

— Tem alguém lá em cima! — sussurrou Dan.

Ele cobriu o manuscrito de Marco Polo com o casaco, fechou o zíper e começou a subir a encosta. Amy o seguiu, mas era atingida pela terra que se soltava na escalada desajeitada do irmão. Em um trecho escorregadio três metros acima do chão, Dan começou a deslizar lentamente para baixo. Amy o segurou pelo braço, interrompendo sua descida, e os dois voltaram a subir, aproximando-se devagar do topo. O monte de terra era tão instável que a cada poucos metros um deles deslizava para baixo de novo. Eles permaneceram bem juntos, para que pudessem se escorar um no outro. Às vezes pareciam estar escalando, às vezes pareciam estar nadando. A transpiração deles se misturou à terra, cobrindo-os com uma lama viscosa.

Dan foi o primeiro a chegar quase lá em cima. A cúpula já estava ao alcance de sua mão, e ele notou que o mosaico na realidade tinha sido feito com conchas marinhas. Era bem legal, porém sua prioridade era sair dali. Dan tentou se enfiar pela abertura, estreita demais para seus ombros.

Não consigo passar!

— Ei! — ele gritou.

Seu chamamento quase matou do coração os dois cientistas que trabalhavam com martelo e cinzel para abrir uma entrada na Lupercal. Os dois se ergueram de um salto e começaram a recuar, boquiabertos suas pernas travaram e eles caíram

sentados no chão. Dan entendia o susto dos dois. Quando você está ali caprichando para desbravar uma gruta antiga que não vê a luz do dia há dois mil anos, a ultima coisa que espera é deparar com um garoto enlameado se espremendo para sair de um buraquinho.

Os cientistas discutiam agitadamente em italiano, Dan não entendeu uma única palavra. Ainda dentro do buraco, esticou o braço, agarrou o martelo que um dos homens tinha deixado cair e se pôs a desgastar a ponta do orifício que bloqueava sua saída. Em seguida se içou para fora, desabando sobre o gramado do monte Palatino.

— Como você está neste lugar lacrado desde os tempos de César Augusto? — indagou um dos arqueólogos, assombrado.

— Eu estava procurando minha irmã — brincou Dan.

— Sua *irmã?*

— Isso mesmo. Ah, aí está ela.

Dan passou as mãos pelo orifício e puxou Amy, igualmente enlameada, para fora.

— Vocês vão explicar imediatamente sua presença aqui!

— Ah, desculpe, mas temos que dar no pé — falou Amy com um tom jovial.

Perplexos, os cientistas observaram os dois jovens americanos imundos descerem correndo o monte Palatino, desviando-se de ruinas e casas da antiguidade. Amy e Dan chegaram à rua Di San Gregorio ainda correndo e desapareceram dentro de um ônibus urbano.

* * *

O taxista colocou a bagagem deles no porta-malas com expressão azeda no rosto. Amy podia ler seus pensamentos. Ele previa um trajeto interminável até o aeroporto, enfrentando o brutal trânsito de Roma.

Se ele soubesse..., ela pensou.

Com expressão solene, Dan entregou o celular à irmã.

— É melhor você ouvir isso.

Amy encostou o aparelho no ouvido bem no momento em que a mensagem de voz começou.

— *Oi, Dan, é Atticus. Tudo bem? Ãhn... Acho que essa é uma pergunta idiota, porque não deve estar tudo bem. Jake denunciou vocês à policia, então, quando ouvirem esta mensagem...*

— A mochila, não! — Amy exclamou de repente, arrancando das mãos do motorista sua mochila abarrotada. Ela continha uma *Medusa* de Caravaggio e um manuscrito original de Marco Polo, respectivamente a peça mais procurada no mundo e um tesouro do qual o mundo ainda nem tinha conhecimento. Não era uma mochila para se perder de vista. — Ela vai ficar comigo.

— Você é que sabe — o homem fechou o porta-malas e abriu a porta traseira.

Quando eles entraram, Amy tentou devolver o celular ao irmão, mas ele o deixou com ela.

— Há mais. Ele deixou 11 mensagens enquanto estávamos nos túneis.

— *Sou eu de novo, Atticus. Estou me sentindo mal com isso tudo. Bem, na realidade não, porque você roubou o* Il milione*. Ainda estamos na delegacia. Dois agentes da Interpol estão vindo nos interrogar. Interpol, Dan... é a policia internacional...*

O motorista se acomodou atrás do volante.

— Para onde?

— Florença — respondeu Amy.

— Firenze? — repetiu o taxista, estarrecido. — Não se vai até Firenze de táxi. São trezentos quilômetros!

Amy puxou um punhado de notas de 100 euros da mochila e as deixou cair no assento.

O motorista deu partida e o carro começou a se afastar do hotel.

— *Os caras da Interpol não acreditaram no que dissemos sobre o* Il milione*, mas espere até ouvir isto: eles suspeitam que você e Amy possam ter sido responsáveis por aquele grande roubo de um Caravaggio na Galeria Uffizi! Disseram que vocês estavam em Florença! Uma loucura, certo? Mas, se vocês não se entregarem, vai parecer que estão escondendo alguma coisa, quando na verdade são inocentes.*

Amy devolveu o telefone a Dan.

— Inocentes — disse em voz alta. — Nem sei o que essa palavra significa.

Dan pegou o aparelho com expressão abatida.

— Agora o garoto me odeia. Mas acho que não posso culpá-lo.

— Se ele te odiasse, não estaria tentando convencê-lo a limpar seu nome — refletiu Amy. — Simplesmente atiraria você aos tubarões. Quando tudo isso tiver acabado e voltarmos aos Estados Unidos, você poderá explicar a ele. Atticus é inteligente. Vai entender.

— Você está delirando — disse o irmão. — Com a nossa família, não existe "quando tudo isto tiver acabado". Depois de toda a caça às pistas, vieram os Vesper. Quando resgatarmos os reféns, virá outra coisa. Acredite em mim, quinhentos anos de traições foram apenas o aquecimento. Vou conseguir explicar tudo a Atticus quando for capaz de esquecer... — Ele se calou, pensando nos sete ingredientes do soro mestre que estavam em sua bagagem no porta-malas.

Amy olhou para o irmão com tristeza. O abismo entre eles parecia aumentar a cada dia. Não era que apenas discordassem; eles viam o mundo com olhos completamente diferentes.

No entanto, apesar de tudo o que tinha acontecido, Amy acreditava do fundo do coração que o futuro podia ser diferente.

— *Nós* somos os Cahill agora: nós dois, Sinead, Ian, Hamilton, Jonah. Não somos perfeitos, mas pelos menos não estamos presos ao jeito antigo de pensar. Foi isso que tornou Grace uma pessoa singular: ela foi a única, naquela época, que conseguiu enxergar para *além* da caça às pistas. Morreu antes de conseguir levar a família a esse ponto, portanto, cabe a nós tentarmos viver à altura da visão dela.

Um boletim de notícias interrompeu de repente a música pop europeia que tocava no rádio do taxi. Amy e Dan não entenderam o que foi dito, mas era impossível não perceber a urgência na voz do locutor. Amy desanimou quando reconheceu as palavras *Colosseu, Caravaggio, Uffizi, americano e Cahill*. Viu os

ombros do motorista ficarem rígidos e seus olhos se voltarem para o espelho retrovisor.

Amy tirou mais algumas notas de 100 euros da mochila e as jogou no banco da frente.

— Um bônus por mais velocidade — disse.

Com um esmerado dar de ombros europeu, o homem pisou fundo no acelerador.

Capítulo 23

O teste foi feito na sala maior do cativeiro montado pelos Vesper. Fiske, Alistair, Reagan, Natalie e Phoenix manejaram um talher de plástico para determinar quem tinha a mão mais firme.

— Parece que o jovem Phoenix é o nosso "vencedor" — decretou Fiske.

O garoto ficou branco como uma folha de papel.

— Eu? Não posso cortar a Nellie! E se eu fizer alguma coisa errada?

— E se não fizermos nada? — retrucou Fiske.

— Deixa eu fazer! — exclamou Reagan. — Minha mão é tão firme quanto a de qualquer um.

Alistair sacudiu a cabeça.

— Admiro sua coragem, minha jovem, mas Phoenix tem o toque necessário.

— Contanto que *eu* não tenha que fazer — comentou Natalie com a voz trêmula, abraçando o próprio corpo. — Isso tudo é tão... tão medieval!

A voz fraca de Nellie se fez ouvir do quarto.

— Levei um tiro, mas não estou surda.

Ela vinha desmaiando e acordando sucessivamente, conforme a febre aumentava e diminuía.

— Está bem, eu faço a cirurgia — concordou Phoenix. — Mas alguém vai ter que me explicar cada passo.

— Você tem a minha palavra — prometeu Fiske, não se preocupando em mencionar que a primeira vez em que tocara em um bisturi na vida tinha sido quando tirou o instrumento do elevador de comida.

Eles rasgaram lençóis para fazer bandanas que funcionariam como máscaras cirúrgicas. A cama seria a mesa de cirurgia, simplesmente porque ninguém tinha coragem de mudar a paciente de lugar. Phoenix entrou no quarto com as mãos tão lavadas e esterilizadas quanto possível.

Tinha chegado a hora.

Nellie se esforçou para sorrir para Phoenix.

— Você vai conseguir, garoto. — Viu os olhos dele se encherem de lágrimas. — E nada de chorar. Você precisa enxergar o que estiver fazendo.

Phoenix tirou o bisturi da bandeja e Nellie mordeu com força a mordaça que tinha na boca. Era o único conforto que teria. A operação seria feita sem anestesia.

Phoenix se surpreendeu com a facilidade com que o bisturi cortou a carne. A mordaça amorteceu o grito de dor de Nellie. Ela tentou recuar, mas Reagan a pressionou contra o colchão, imobilizando-a com firmeza. A incisão se cobriu de sangue, que Fiske enxugou com um punhado de tecido rasgado de lençol.

— Faça outro corte — sugeriu Alistair, observando a um passo de distância para que seu braço com tique nervoso não esbarrasse em Phoenix.

— Forme um X. A abertura será maior, permitindo que você mexa no interior.

Embora nem tivesse a certeza de que conseguiria continuar segurando o bisturi, Phoenix fez o que lhe foi dito. Mais sangue. Sua cabeça recuou instintivamente e ele se esforçou para trazê-la para à frente outra vez.

É claro que há sangue! Quando você corta uma pessoa, ela sangra!

Ele precisava se manter calmo. Todo mundo contava com ele.

— Pinça — instruiu Fiske, ele próprio nada calmo.

Quase em câmera lenta, Phoenix deixou o bisturi ensanguentado de lado e pegou a pinça. Ouviu o gemido queixoso de Nellie quando cutucou dentro do ombro rasgado dela.

— Não estou sentindo a bala — disse, à beira da histeria.

— Mexa o instrumento de um lado para o outro — orientou Fiske. — Com suavidade.

Phoenix transpirava. Podia sentir o suor escorrer por seu rosto, fazendo arder seus olhos. Do outro lado da cama, Ted se levantara da cadeira e caminhava pelo quarto se apoiando na parede. Natalie, encolhida em um canto, choramingava baixinho. Até mesmo Reagan tinha abandonado seu ar destemido de Holt e assistia a tudo com medo.

De repente Phoenix percebeu algo pequeno e duro entrando em contato com uma das hastes da pinça.

— Está aqui!

— Excelente — aprovou Fiske. — Agora puxe para fora devagar.

Phoenix moveu o pulso e os dedos.

— Não consigo pegar.

— Continue tentando — Alistair o incentivou.

Phoenix tentou desesperadamente manobrar as duas hastes do instrumento para segurar a bala. Sabia que cada movimento causava uma dor inimaginável em Nellie, mas não conseguia pegar o projétil.

— Não adianta — disse, chorando. — E minha mão está ficando adormecida.

Meio delirante, Nellie gritou alguma coisa, mas por causa da mordaça ninguém a entendeu.

— O que foi, querida? — perguntou Alistair.

Nellie cuspiu o pano da boca e falou rispidamente:

— Chamem a garota Kabra!

— Natalie? — exclamou Fiske. — Ela está um caco.

— Ela mesma! — exigiu Nellie. — Uma pessoa com um design de sobrancelhas daquele sabe usar uma pinça!

Reagan atravessou o quarto de um salto e voltou com Natalie tremendo e choramingando.

— Não posso fazer isso! — ela protestou, ofegante.

Fiske despejou álcool nos dedos perfeitamente manicurados da garota.

— É preciso.

Ainda protestando e de olhos fechados, Natalie recebeu o instrumento das mãos de Phoenix.

— Não consigo. Vocês não podem me obrigar. Ah... — ela disse de repente, espantada. — É isto aqui?

Quando puxou a pinça para fora do ferimento, o instrumento segurava com firmeza uma bala achatada, escorregadia e ensanguentada.

Nellie riu... e desmaiou.

Capítulo 24

Os faróis da grande caminhonete de luxo iluminavam o terreno rochoso e as infinitas árvores. A serra Sentinel das montanhas Adirondack, no interior do estado de Nova York, era um paraíso para esquiadores no inverno e praticantes de canoagem e caminhada no verão, mas um pesadelo para quem buscava se orientar pelas estradas estreitas, cheias de curvas e com pouca sinalização.

Ian Kabra fechou sua janela.

— Que cheiro é este, meu Deus?

Sinead, que dirigia o veículo, riu.

— Chama-se ar puro. Você cresceu em Londres, provavelmente nunca respirou algo assim.

— E espero não respirar de novo — disse Ian com sinceridade. — Quem é que constrói uma fábrica de celulares num lugar onde o indício mais próximo de civilização é um posto de gasolina a cinquenta quilômetros de distância?

— Alguém que deseja manter sua fábrica em segredo — disse a voz de Willian McIntye pelo *bluetooth* do veículo. Do sótão da casa de Grace, ele e Evan Tolliver monitoravam a movimentação do quarteto. — Quer as Indústrias DeOssie entejam ligadas aos Vesper, quer Vesper Um seja apenas um cliente, pouca visibilidade convém à empresa e a seus conhecimentos.

Jonah bocejou alto.

— Já chegamos?

— Estamos entediando você, Jonah? — Sinead se irritou. — Desculpa se resgatar os reféns não é bacana o suficiente para você aparecer num programa de TV sobre celebridades.

O astro se endireitou.

— O que quero dizer é que estou pronto para me jogar nessa parada. Chega de enrolação! Vamos encontrar o nosso pessoal e acabar com isso *hoje mesmo!*

Hamilton se inclinou para frente e mexeu no GPS com seu dedo roliço como uma salsicha.

— Este negócio deve estar quebrado. Ou então estamos indo para um lugar que não existe.

— Impossível — disse Sinead, confiante. — Estamos recebendo o posicionamento do satélite *Gideon*. Às vezes sofremos interferência da aurora boreal, mas faz algumas semanas que isso não acontece.

Ao chegarem ao topo de um aclive, lá estava: na depressão entre colinas ondulares, avistaram um prédio baixo e quadrado, de um cinza fantasmagórico, sob a luz do luar.

— É aquilo ali? — indagou Hamilton.

— Um teatro de ópera é que não vai ser — Ian comentou, desanimado.

— Por que está tão vazio? — Jonah perguntou, surpreso.

— Já passa da meia-noite — observou Sinead.

— É estranho — comentou Evan, do centro de comando. — Um lugar como esse não deveria estar assim deserto. Deveria haver seguranças.

— O estacionamento parece uma cidade-fantasma — informou Hamilton. — E a fábrica está totalmente apagada.

— Isso é bom — lembrou Sinead. — Afinal, vamos arrombar o lugar.

Eles deixaram a caminhonete num espaço entre as árvores e cuidadosamente se aproximaram do portão principal a pé. Enquanto Sinead examinava com atenção o teclado de segurança, Hamilton se encostou na grade, que se abriu sob o peso dele.

— Aê — Jonah refletiu — vocês comprariam tecnologia de segurança de um idiota que nem se lembra de trancar o próprio portão?

— Isso é bastante irregular — a voz de McIntyre chegou a eles pelos celulares. — Prossigam com cautela.

Caminhar por um estacionamento imenso à luz de lanternas e sem um veículo à vista era sinistro.

Jonah pôs em palavras o que todos estavam pensando:

— Não seria bizarro se a porta também estivesse aberta?

Hamilton girou a maçaneta. Ela não se mexeu.

Ian deu um passo à frente e examinou a fechadura.

— Até o diário de Natalie é mais seguro que isto.

Ele tirou um cartão de crédito do bolso e deslizou entre o trinco e o batente. Ouviu-se um clique e a porta se abriu.

Os quatro ficaram tensos, esperando um alarme uivar. Mas não aconteceu.

Correram os olhos pelas paredes e pelo teto em busca de detectores de movimento e câmeras de vigilância. Nada. Sinead tirou do bolso um spray e soltou uma nuvem de vapor de água no espaço vazio. Não apareceu nenhuma linha vermelha de laser. Na verdade, não parecia haver segurança alguma naquele edifício.

Hamilton ergueu o celular para enviar ao centro de comando uma imagem do escritório.

— Vocês aí estão vendo alguma coisa que nós não estamos?

Os feixes de luz de quatro lanternas percorreram a sala. Havia cubículos idênticos para os funcionários, uma estação de café, um bebedouro e uma máquina de salgadinhos. Gráficos de produtividade e murais com divisão de tarefas cobriam as paredes.

— Parece um escritório bem sem graça — comentou Evan.

— É isso aí — disse Jonah. — Se eu tivesse que trabalhar das nove da manhã às cinco da tarde num lugar como este, eu me mataria.

— Nem todo mundo vive no luxo, Jonah — McIntyre o repreendeu com delicadeza.

— Eu vivia — lembrou Ian, saudoso. — Bons tempos aqueles.

— Vamos nos concentrar no que precisamos fazer — sugeriu Sinead. — Olhem para este lugar: ainda há trabalho em cima das mesas, fotos dos filhos dos funcionários...

— Aqui tem um resto de sanduíche — observou Hamilton. — Será que ainda está bom?

— A máquina de salgadinhos está bem cheia e o mural de tarefas está atualizado — prosseguiu Sinead. — O que será que aconteceu com este lugar?

— Talvez nada — refletiu Ian. — Pode ser que amanhã de manhã eles estejam todos de volta a seus empreguinhos patéticos.

— Sem chances — interveio Evan, de Attleboro. — Vocês deveriam ter encontrado uma equipe de faxina e pelo menos um guarda noturno. Esse pessoal fornece telefones para a CIA! Não faz sentindo deixarem o lugar abandonado desse jeito.

— Você acha que estão armando para nós? — perguntou Jonah.

— Não necessariamente — raciocinou Ian. — Telefones celulares futuristas, segurança futurista... Só porque não a estamos vendo que ela não esteja aqui.

— Não importa — concluiu Sinead. — Com ou sem segurança, seja isto uma armadilha ou não, os reféns podem estar aqui, até mesmo num compartimento secreto, quem sabe até debaixo dos nossos pés. Precisamos revistar tudo, e estou falando em examinar centímetro por centímetro.

Os quatro iniciaram uma revista metódica do prédio: cada gaveta, cada estante, cada armário de arquivos. Do escritório foram para fábrica, passando por estações de trabalho, correias transmissoras e enormes estantes com matérias-primas. Trabalharam na maior parte do tempo em silêncio, segurando detectores de som ultrassensíveis, na esperança de captar um indício de fala ou movimento vindo de algum canto remoto ou oculto do edifício.

— Não se mexam! — Evan exclamou de repente. — Um de vocês... Hamilton, acho... dê um passo para trás! Ali, naquela lata da prateleira do meio.

Hamilton levou o telefone celular para mais perto, para proporcionar a Evan uma visão melhor.

— Esta?

— Essa mesma! Sinead, dê uma olhada. Acho que é o carregador que procuramos.

Em menos de um minuto Sinead estava ao lado de Hamilton. Olhou fixamente dentro da lata.

— Maravilha. Vou pegar alguns, para termos carregadores extras.

— Ótimo — disse Hamilton sem muito entusiasmo.

Ele tinha vindo para salvar Reagan e os outros reféns; um carregador de celular lhe parecia um péssimo substituto. Estava começando a duvidar que houvesse alguém para ser salvo naquele prédio.

Durante meia hora eles vasculharam o local, sem resultado. Era preciso encarar a amarga realidade: os reféns não estavam ali, nem havia nenhuma pista que ligasse aquela fábrica abandonada aos Vesper. O palpite tinha sido bom, mas equivocado.

Deprimidos e derrotados, eles se reuniram novamente no escritório.

Até mesmo Ian se surpreendeu com o tamanho de sua decepção.

— Só há uma coisa pior do que vir a um lugar abandonado como este: é vir aqui para nada.

— Pelo menos pegamos os carregadores — disse Sinead, soltando um suspiro. — De manhã poderemos mandar dois para Amy e Dan. Vamos voltar ao carro.

Hamilton se aproximou da máquina de salgadinhos.

— Vou pegar uns salgadinhos pra gente comer na volta. Meu pai me ensinou este truque. Vejam.

Hamilton agarrou a máquina com seus braços maciços e a ergueu um pouco. Em seguida, pressionou com o cotovelo o botão do produto que queria e bateu a cabeça do orifício das moedas. Saquinhos de batatas fritas começaram a chorar da máquina.

— Habilidades sinistras, primo — aplaudiu Jonah. — Pega um chocolate pra mim...

Uma explosão enorme sacudiu o prédio.

— Para o chão! — gritou Sinead.

Os quatro se jogaram no chão no instante em que uma onda de chamas passou acima deles, chamuscando-os com o calor. Houve uma segunda explosão, e os armários de arquivos encostados na parede mais distante desapareceram numa bola de fogo.

— A porta! — grasnou Ian.

Estavam a meio caminho dela quando explosões em série pipocaram à frente, bloqueando a saída. Mais explosões estouraram em volta deles. Em seguida ouviram um som ainda mais assustador: o rugido de um incêndio ardendo descontroladamente.

— A fábrica! — urrou Sinead, liderando a fuga do escritório em chamas e descendo quatro degraus até a fábrica.

Mas, assim que seus pés tocaram o piso de concreto, uma forte explosão destruiu as prateleiras de armazenagem, fazendo uma enxurrada de componentes eletrônicos em chamas cair sobre eles. As vozes frenéticas de McIntyre e de Evan os chamavam pelos quatro celulares.

— O que está acontecendo?

— Não conseguimos ouvir vocês!

Enquanto o bombardeio de explosões inundava a fábrica, ninguém conseguia ouvir as palavras vindas de Attleboro.

Um por um, os celulares pararam de funcionar.

— Isto não é *nada bom* — gemeu Jonah, com uma voz que nenhum fã dele teria reconhecido.

Um pedaço de teto caiu sobre o ombro de Ian, que foi obrigado a arrancar o casaco para abafar as chamas.

As labaredas se erguiam altas sobre eles, chegando cada vez mais perto e sugando o oxigênio do ar. A respiração se tornou difícil, enquanto fumaça e escombros em brasas se acumulavam em volta deles.

— Como vamos sair daqui? — Hamilton falou com dificuldade.

Eles ficaram paralisados pelo choque... Todos menos Sinead Starlling. A inteligente Ekat correu até uma grande empilhadeira estacionada nas proximidades. Pulou para o volante do equipamento no exato memento em que um grande pedaço de uma estante metálica despencou bem onde ela tinha estado meio segundo antes. Um giro na chave e o motor ligou.

Sinead avançou em direção aos outros, gritando:

— *Subam aqui, já!*

Ian, Hamilton e Johan se espremeram na cabine, quase esmagando Sinead. A empilhadeira ganhou velocidade, avançando em meio àquele inferno.

— Você está louca? — gritou Ian com voz esganiçada. — Não há saída!

— Não podemos ficar aqui!

Sinead continuou dirigindo, os ombros curvados sobre os controles. Os quatro se apertaram mais e mais, juntos, num esforço para escapar das chamas que os ameaçavam de todos os lados.

Finalmente ficou claro para Sinead que rumo tomar: a porta metálica superior da plataforma de carregamento da fábrica.

— Você enlouqueceu! — Johan gritou com voz estridente. — Não vamos conseguir atravessar aquilo!

A velocidade máxima da empilhadeira não devia ultrapassar os 15 quilômetros por hora, mas, em meio ao caos e fumaça e fogo, a sensação era de estarem avançando a uma velocidade descontrolada.

— Segurem-se! — ordenou Sinead.

Um instante antes do impacto, uma explosão final arrancou por completo a pesada porta metálica, que caiu, formando assim uma rampa desde a plataforma de carregamento até o lado de fora. A empilhadeira desceu pela porta quebrada até atingir novamente o chão e tombou de lado. Seus quatro componentes se esgueiraram para fora e saíram correndo.

* * *

No centro de comando em Attleboro, Evan arrancou o celular do bolso e discou para o número de emergência.

— Preciso da polícia e dos bombeiros! — balbuciou. — No interior do estado de Nova York! A cidade mais próxima é...

Rapidamente, William McIntyre arrancou o aparelho das mãos de Evan, jogou-o no chão e pisou nele, esmagando-o em pedaços.

O rapaz ficou horrorizado.

— Por que você fez isso? Agora os policiais não vão saber para onde ir!

— Exatamente — disse o advogado com calma.

— Mas o nosso pessoal precisa de ajuda! — disse Evan, quase chorando. — Eles podem morrer!

— Amy tinha razão — disse McIntyre. — Você não é um Cahill. Se fosse, saberia que os negócios dos Cahill não são assuntos de polícia, de bombeiros ou de qualquer outra organização externa. Precisamos pensar nos reféns; se as autoridades começarem a investigar, eles poderão correr ainda mais perigo.

Evan o olhou espantado. Seu coração batia forte no peito. Em que ele tinha se metido quando se envolveu com Amy Cahill?

* * *

No estacionamento deserto, os quatro primos desgrenhados assistiram a fábrica da DeOssie queimar.

— Você deu uma de James Bond ali dentro — Jonah disse a Sinead, elogiando-a com voz trêmula, apesar dos anos de treinamento vocal. — Como soube que aquela porta ia explodir?

Sinead sorriu envergonhada.

— Eu não sabia. Apenas achei que seria melhor arriscar isso do que morrer queimados — ela arrancou do bolso uma porção de carregadores de celulares. — Ainda bem que pegamos estes. Acho que por um bom tempo não vamos poder encomendar outros carregadores.

Hamilton abriu o saco de salgadinhos que ainda estava em suas mãos trêmulas e colocou um na boca.

— Ei, esses são sabor churrasco? — ele perguntou.

— Agora são — disse Ian.

— A gente teria virado churrasco se não fosse por Sinead — observou Jonah. — Esta é a última vez em que subestimo Vesper Um. Quando o sujeito prepara uma armadilha, ele não brinca em serviço.

Houve um som alto de explosão e uma janela estourou, provocando uma chuva de cacos de vidro que caiu desagradavelmente perto deles. Os quatro correram em direção ao portão e à caminhonete.

Mancando levemente, Ian ficou um pouco atrás. Um pedacinho de papel chamuscado chegou voando dos escombros e foi parar a seus pés.

Ian o teria ignorado, não fosse pelo que viu em um canto da folha rasgada, uma insígnia inconfundível para ele: duas cabeças de serpente em um brasão vermelho. O símbolo do clã Lucian da família Cahill.

O clã de Ian.

Ele pegou o papel e enfiou no bolso.

Capítulo 25

O hotel anterior em Florença, o Ilario, era cinco estrelas e considerado o melhor da cidade. O alojamento atual deles não era citado no guia de turismo; nem se quer tinha nome.

A placa dizia CAMERE, que simplesmente significativa *quartos*. Espremido entre uma loja de penhores e uma usina de tratamento de esgotos, não tinha serviço de camareira e nem elevador que funcionasse. O que oferecia, além de baratas descomunais, era anonimato. Não se exigiam passaportes para fazer check-in. Poucas perguntas eram feitas à jovem americana que viajava com um garoto americano mais novo. Nomes falsos eram inteiramente aceitáveis. Amy e Dan Cahill eram procurados pela Interpol, porém Caroline e Mark Farley receberam a chave do quarto 6 sem maiores perguntas.

O Ilario poderia ter oferecido luxo, com certeza, mas para dois fugitivos não havia luxo maior que a invisibilidade.

— Pronto.

Dan saiu do banheiro com uma expressão desconsolada no rosto. Óculos de aros grossos no estilo tartaruga (com lentes sem grau) tomavam seu rosto. Um boné do New York Yankees cobria sua cabeça até o meio da testa. Dan enxergou de relance seu reflexo no espelho sujo.

— Virei um bobão. Não, pior ainda, virei torcedor dos Yankess! Será que não vendem bonés dos Red Sox na Itália?

— E você que estou adorando tudo isso? — retrucou Amy. Também ela tinha mudado de aparência, com uma farta peruca loira platinada. — Pareço mais uma foragida dos anos 80 do que da Interpol. — Ela ergueu um tubo de spray bronzeador. — Podemos deixar nossa pele mais morena com isso. Cada detalhe ajuda.

— Não seria mais fácil se a gente, sei lá, se entregasse logo á polícia? — Dan captou a expressão furiosa do rosto dela. — É brincadeira!

— Esta quase acabando — Amy disse. — A entrega da pintura deve acontecer hoje. Assim que os reféns estiverem em segurança, a gente começa a decifrar o manuscrito de Marco Polo.

— Se é o negócio de Marco Polo que Vesper Um realmente quer, talvez devêssemos entregar isso a ele também — avaliou Dan.

— De jeito nenhum — retrucou Amy, calma. — Não enquanto não entendermos a importância daquele epílogo.

— Mas está em uma língua estranha e morta — lamentou Dan.

— Atticus não deve ser a única pessoa que entende essa língua, vamos contratar um tradutor.

Dan estava inquieto.

— Se Vesper Um descobrir que estamos escondendo isso dele...

— É um risco que vamos ter que correr — insistiu Amy. — Esse manuscrito contém a chave daquilo que os Vesper estão tramando. Eu apostaria minha vida nisso.

Dan não respondeu. Não estava interessado nos outros Vesper, mas tinha declarado guerra ao Vesper Um no instante em que viu Nellie levando um tiro. Assim que os reféns estivessem em liberdade, ele iria se dedicaria s encontrar o restante dos 39 ingredientes que compunham o soro mestre de Gideon Cahill. Essa seria a única arma que ele precisaria.

A atenção deles estava voltada para as barrinhas da bateria do telefone dos Vesper, que diminuía rapidamente, por isso levaram um susto quando ouviram o telefone de Amy tocando.

Dan olhou para a telinha do aparelho.

— A casa da Grace? Não são quatro da manhã em Attleboro?

Amy pegou o telefone.

— O que aconteceu?

— Houve um incidente — eles ouviram o sotaque britânico de Ian.

— Na fábrica da DeOssie? — Amy perguntou ansiosa. — Os reféns estavam lá?

— Não. E agora nem a fábrica da DeOssie está. Tudo por causa dos Tomas e dos salgadinhos deles...

Uma voz prática interrompeu Ian.

— Amy, é a Sinead. Deixe eu explicar o que aconteceu.

Amy pôs o celular no viva-voz, e ela e Dan ouviram a história da invasão da fábrica no interior de Nova York.

— Uma armadilha! — sussurrou Dan.

— Sem dúvida — concluiu Sinead. — Portanto, por favor, digam a Hamilton que se acalme. Não foram os salgadinhos. Aquelas bombas incendiárias teriam explodido mesmo se fossem sanduíches ou chocolates. O lugar inteiro estava programado para explodir. Qualquer coisa iria detonar as bombas.

— A boa notícia é que recuperamos o carregador do celular — interveio Jonah. — Estou mandando meu piloto para aí com montes deles.

— Vou torcer para que isso seja um desperdício do seu dinheiro — Amy disse com franqueza. — Só estamos esperando Vesper Um nos dizer como faremos para entregar a *Medusa*. Se tivermos sorte, tudo isso terá acabado antes do seu avião aterrissar.

— Ames — interveio a voz tímida de Evan. — Você está bem?

Amy sorriu, mesmo sem querer. Ser a prioridade de alguém era uma sensação gostosa. Talvez fosse egoísmo, com sete reféns correndo perigo, mas naquele momento Amy estava exausta demais para se importar com isso.

— Estou ótima, Evan. Apenas um pouco... loira. Como a Lady Gaga. Não se preocupe, não é para sempre. Ah, sim, a Interpol está nos procurando. Vou ter que explicar isso depois, o telefone do Vesper Um começou a tocar.

Ela encerrou a conexão e se juntou a Dan diante do aparelho da DeOssie. Eles aguardaram a mensagem aparecer, tremulando de modo preocupante na tela agora pouco iluminada.

Ir ao circo é divertido... especialmente quando você está sentado na seção 5, fileira W, cadeira 11. Todo mundo adora um palhaço.

O tempo de vocês se esgotou. Tragam a mercadoria. Está e sua última chance.

Algodão-doce é opcional.

Vesper Um.

Em seguida apareceu um anúncio do Circo di Milano, que naquela noite faria uma apresentação na praça Dei Cinque Fratelli às oito horas.

Dan pareceu preocupado.

— Se os Vesper não se incomodaram de incendiarem uma fábrica inteira, o que podem fazer com um circo?

— Se eles atearam fogo a nós, vão também atearem fogo na *Medusa* — raciocinou Amy. — Seja como for, não temos escolha.

* * *

A praça Dei Cinque Fratelli era um enorme espaço aberto, bem ao sul do rio Arno. No centro dela, erguia-se uma grande lona do Circo di Milano, cercada por tendas menores com atrações secundárias, barracas de comida e lojas de quermesse.

— Sabe — disse Dan quando eles entravam na fila atrás de um grupo de crianças agitadas e acompanhadas pelos pais. — Isto quase parece uma vida normal. Estamos indo ao circo!

— Só que dessa vez levamos uma obra-prima roubada em um saco de lixo verde — lembrou Amy.

— E somos procurados pela polícia — acrescentou Dan, inclinando a cabeça na direção de um policial que guardava a entrada principal.

Os Cahill mantiveram o rosto abaixado ao se aproximarem da bilheteria. Sim, a aparência deles estava diferente. Mas era bem possível que suas fotos estivessem circulando o mundo todo. Eles eram um garoto e uma garota da exatamente idade e nacionalidade dos procurados. E algumas pessoas eram observadoras o suficiente para olharem mais fundo, para além de cabelos loiros, óculos falsos e spray bronzeador.

Com o coração apertado, Amy percebeu que trairia seu sotaque americano quando comprasse os ingressos. Será que o policial estava perto o suficiente para ouvi-los?

Dan se adiantou a ela, colocou uma nota de 50 euros no balcão e ergueu dois dedos. Sorriu para o policial enquanto recebia o troco. O policial lhe sorriu de volta.

Já dentro da tenda grande, eles viveram outro momento tenso: e se o assento que Vesper Um tinha indicado não estivesse livre? Eles não precisavam ter se preocupado. A fileira W era uma das últimas, e a maior parte do público queria ficar perto do picadeiro, Amy se acomodou na cadeira 11, segurando no colo, com firmeza a *Medusa* embrulhada.

— Como você acha que vai ser a entrega? — indagou Dan. — Não dá para uma gangue de motoqueiros subir estes degraus.

Amy deu os ombros, nervosa.

— Não estou gostando do que está para acontecer — disse. Sabia que daqui a instantes ficaria cara a cara com o inimigo: um agente dos Vesper, que poderia muito bem tirar o pacote dela com uma mão e, com a outra, mergulhar um punhal no seu peito. — Só espero que tudo ocorra com tranquilidade e que os reféns estejam bem.

— Especialmente Nellie — acrescentou Dan.

A hora do espetáculo se aproximava. As arquibancadas começaram a lotar e as vozes animadas se elevavam por toda a enorme tenda. Enfim o espetáculo teve início com um truque de palhaços, como na maioria dos circos.

Amy se debruçou para a frente.

— Todo mundo adora um palhaço — citou.

— Eu não — disse Dan. — Minha parte favorita é quando cara da roupa branca toda brilhante pisa no cocô do elefante.

— Não, estou falando da mensagem do Vesper Um! Aposto que um dos palhaços vai vir aqui receber o pacote.

Eles observaram atentamente os rostos dos palhaços, tentando perceber se algum deles estava olhando para a seção 5, fileira W, cadeira 11. Mas em pouco tempo a equipe seguiu para os bastidores e foi substituída pela primeira atração, uma equilibrista que andava na corda bamba.

Depois dela veio um show de cavalos, um domador de leões, trapezistas e um motociclista que realizou manobras audaciosas. Entre um número e outro, os palhaços entravam e perambulavam pelo picadeiro. Fazendo malabarismo e truques cômicos. De quando em quando, iam às arquibancadas, mas nunca em direção aos Cahill.

— Será que estamos sentados no lugar certo? — Amy se perguntou. — E se a gente não entendeu certo as instruções?

— Não sou do tipo esquecido — Dan a lembrou.

A atração seguinte foi o homem-bala. Amy e Dan perceberam que ele era um dos maiores astros do circo. Foi ovacionado em pé, e o espetáculo sofreu uma interrupção quando ele parou para dar autógrafos a algumas crianças pequenas das primeiras filas. Finalmente ele vestiu o capacete, acenou para a multidão e se posicionou na boca do canhão sob a luz forte dos holofotes. Do lado oposto da arena outro holofote iluminou a rede onde o corajoso artista deveria cair.

O estrondo do canhão foi ensurdecedor. Em uma explosão de chamas, o homem foi projetado até o outro lado da grande tenda, aterrissando em segurança na rede. Naquele exato instante uma das trapezistas se balançou para baixo, acima de Amy, pendurada pelos pés. Durante um instante ficou diante deles, iluminada pela explosão de luz do canhão: jovem, cabelos escuros, resplandecente com sua fantasia azul com lantejoulas. Meio segundo depois, ela arrebatou o *Medusa* das mãos de Amy, e vou para o teto com o quadro nos braços.

Capítulo 26

Amy e Dan olharam para cima, mas a trapezista era apenas uma entre dezenas de figuras envolta de um emaranhado de cordas e escadas muito acima do picadeiro. Quanto ao saco verde contendo o Caravaggio, nem sinal dele.

— A entrega! — disse Amy irritada.

— Enquanto assistíamos o homem-bala! — acrescentou Dan, assombrado.

E então, em meio a aplausos dirigidos à última atração, todas as luzes da grande tenda se apagaram. Foi diferente dos outros efeitos luminosos usados no espetáculo. Era um blecaute, uma escuridão sufocante. Passaram-se alguns segundos até que as crianças menores começarem a entrar em pânico. Quando elas começaram a correr de um lado para outro, o perigo ganhou contornos reais. Em pouco tempo os adultos começaram a procurar seus filhos e se ouviu o som de corpos caindo. Gritos ecoavam em meio ao caos crescente.

— Vamos sair daqui! — pediu Dan.

— Certo!

Dan tinha a nítida lembrança do trajeto que havia percorrido para chegar aos seus assentos. Mesmo assim, foi um percurso difícil, com pessoas alarmadas, tropeçando em crianças e pais que corriam de um lado para o outro. Em algum lugar no picadeiro, o diretor do circo gritava instruções. Porém, sem seu microfone ninguém conseguia ouvi-lo.

Eles chegaram à parte inferior das arquibancadas, onde o empurra-empurra estava pior. Dan levou uma cotovela no maxilar e, puxando a irmã, curvou-se até ficar abaixo de todos aqueles braços agitados. Eles se arrastaram sobre assentos em direção a entrada principal, livre da multidão descontrolada. Foi Amy que viu a saída de emergência: na realidade, uma simples abertura na lona do circo, presas com cordas e grampos no chão. Esgueirando-se pelo buraco, os dois saíram em uma viela mal iluminada no entorno da praça Del Cinque Fratelli.

Os Cahill se puseram em pé e limparam a poeira das roupas.

— Cara — Dan comentou, admirado. — Vesper Um pode ser um canalha, mas uma coisa agente tem de admitir: ele sabe realizar uma entrega sem deixar rastros.

— Não tenho que admitir nada — resmungou Amy.

Um gemido doloroso chegou aos ouvidos deles, vindo praticamente dos seus pés. Amy e Dan olharam para baixo e viram uma morena esbelta de traje azul de lantejoulas, entendida no calçamento.

Dan a reconheceu de imediato.

— A trapezista!

Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. A moça não se moveu. Parecia confusa; seus olhos estavam arregalados e os lábios, entreabertos. Tentou falar, mas não conseguiu.

— Está tudo bem — Amy tentou tranquiliza-la. — Sabemos porque pegou o pacote. A gente entende.

— Amy! — Dan exclamou, horrorizado.

Ela olhou para onde o dedo dele apontava; uma seringa quebrada na calçada ao lado da trapezista. Uma pequena marca de sangramento no seu pescoço, explicava tudo.

Minutos atrás ela tinha prestado serviço para Vesper Um. E ali estava sua recompensa.

— Quem fez isso a você? — Amy perguntou rápido.

Já quase inconsciente, a garota tentou se levantar, mas teve força. Seus lábios se moveram, sem porém emitir som.

Amy e Dan se debruçaram sobre ela.

Com muito esforço, a acrobata moribunda passou a mão pelo seu braço nu.

— *Bru... bru... ciato* — sussurrou muito baixinho.

— *Bruciato?* — repetiu Amy tensa. — Conheço essa palavra. *Bruciato* significa queimado ou chamuscado.

— Queimado? — Dan perguntou. — Está falando do cara que fez isso? Ele tinha uma queimadura no braço?

— Ela precisa de um médico!

Amy se pôs em pé em um salto e começou a correr até a entrada da viela. Mas, antes que pudesse gritar por socorro, a trapezista estremeceu levemente.

Em seguida a jovem pareceu desabar sobre seu corpo minúsculo. Os olhos continuaram abertos, mas de repente sem vida.

Dan, aterrorizado, sentiu-se sufocar.

— Ela está...?

— Alguém chame uma ambulância! *Ambulanza*! — Amy tinha consciência de estar gritando, mas não se conteve. Podia sentir a histeria dentro dela. Mais um inocente morto por causa dos Cahill! Quando aquilo ia acabar? — Socorro! Alguém nos ajudem!

Dan agarrou Amy e a puxou para fora da viela.

— Pare com isso! A última coisa que precisamos é sermos presos e interrogados por policiais! Se alguém jogar nossos nomes no computador, vai encontrar um mandado de prisão da Interpol.

— Precisamos levar essa mulher ao hospital! — gritou Amy.

— Nenhum hospital vai poder ajudá-la, Amy! Ela está morta.

Embora Amy já soubesse disso, levou um choque.

— Nós a matamos! Meu Deus, Dan, o que essa pobre garota nos fez?

— Não fomos nós que a matamos — Dan contrapôs, firme. — Foram os Vesper. Eles matam um monte de gente. Se aquela bala tivesse pegado alguns centímetros à esquerda, teriam matado Nellie também.

— Pelo menos Nellie sabe no que está metida! — Amy soluçava forte. — Essa garota não era ninguém! Ela só aceitou alguns euros de um sujeito com uma queimadura no braço, para arrancar um pacote do colo de alguém! Não merecia morrer por causa disso!

Pessoas começaram a sair da lateral tenda e a se aproximar da cena; o apito do policial soou nas proximidades, trazendo Amy de volta a realidade. Perder a cabeça não traria a trapezista de volta. Nada traria.

A entrega tinha sido feita. Próximo item da lista: a libertação dos reféns. Agora a bola estava com Vesper Um.

Amy e Dan deixaram a Praça Del Cinque Fratelli e atravessaram várias ruas, a fim de distanciarem-se bastante do circo. Amy tinha erguido um braço para chamar um táxi quando o telefone Vesper tocou, apagando qualquer outro pensamento da cabeça deles.

Amy puxou o aparelho do bolso e eles olharam a telinha.

Pacote recebido. Quanta gentileza.

— Só isso! — explodiu Dan. — E o nosso pessoal, seu psicótico assassino?

Como que em resposta, uma segunda mensagem chegou. Uma foto dos reféns em cativeiro dos Vesper.



Sete reféns, Amy contou. *Todos os sete ali.*

Sentada no chão, Nellie tinha um pano ensanguentado amarrado no ombro ferido. Parecia pálida e fraca; sua maquiagem estava manchada e as raízes castanhas do seu cabelo tingido de preto e laranja era visíveis.

Mas ela está viva...

Amy deixou o alívio de lado e continuo a ler:

Talvez tenham notado que seus entes queridos ainda contam com nossa hospitalidade. Isso se deve à traição anterior de vocês. Eles continuarão nossos hóspedes até vocês completarem mais algumas tarefas. A primeira será em Lucerna na Suíça. Dirijam-se para lá imediatamente, se não quiserem que nosso grupinho seja menor.

É um prazer continuar trabalhando com jovens tão talentosos. Se bem, Amy, que eu prefiro você de cabelo castanho.

Vesper Um.

— Tínhamos um trato! — Dan estava vermelho e tremia de raiva. — Me dê esse telefone!

Ele pegou o aparelho e começou a digitar uma resposta furiosa no pequeno teclado.

Enquanto o irmão falava alto, Amy estava silenciosa.

— Não adianta. Não temos como enviar mensagens, lembra?

— Talvez eu consiga enviar esta — insistiu Dan, irritado.

Enquanto digitava a telinha piscou pela última vez e ficou escura. A bateria do telefone Vesper tinha acabado.

Amy tentou ser otimista:

— Em breve teremos um novo carregador.

— E se chegar outra mensagem agora? — Dan estava furioso. — Tipo *"Brincadeirinha!".*

— Não sabemos muito sobre Vesper Um, mas uma coisa é ele não é de brincar. O sujeito e 100% sério — Amy olhou envolta, inquieta. — Ele me viu. Está por aqui, em algum lugar. Aposto que ele mesmo matou aquela pobre garota, só por diversão.

— Vamos pegá-lo! — Dan gritou, virando o corpo e examinando as ruas.

— Não podemos.

— Ele tem uma queimadura no braço e está levando a *Medusa* em um saco de lixo! Será que é tão difícil localizá-lo?

Amy pôs a mão sobre o ombro de Dan, tentando acalmá-lo. Por dentro, estava tão agitada e nervosa quanto o irmão, mas precisava raciocinar pelos dois. Ações irrefletidas jamais teriam êxito contra um adversário frio e calculista como Vesper Um. A única Cahill que tinha chegado mais perto de entender os Vesper era Grace.

Ótimo, ela precisava pensar como Grace.

O que Grace faria agora?

— Vesper Um planejou tudo isto, desde os sequestros até os menores detalhes desta noite — raciocinou. — De maneira alguma iria se arriscar a ser atacado na rua. E mesmo que pudéssemos pegá-lo, ele ainda está com nossos reféns.

— Porque trapaceou! — Dan borbulhava de ódio.

— Deveríamos ter previsto isso — admitiu Amy. — Ele não vai soltá-los enquanto não tivermos algo de que ele precisa para oferecer em troca.

— Esse algo deveria ser a *Medusa*! — argumentou Dan. — Ele nos enganou. E essas novas tarefas? Ele simplesmente vai nos enganar de novo! Por que temos que arriscar nossos pescoços seguindo as ordens dele?

— É o que mantém nossos reféns vivos — explicou Amy. — E é o que faz o Vesper Um acreditar que continuamos dançando a música dele.

— Mas nós continuamos *mesmo* dançando a música dele, se é ele quem manda!

— Pode ser — ponderou Amy — mas os Vesper não estão fazendo isso por serem amantes das artes. Eles têm um plano mestre, e a página adicional do manuscrito de Marco Polo faz parte desse plano. Qual a ligação entre uma coisa e outra? Todas essas cabeças dos Cahill estão pesquisando sobre os Vesper 24 horas por dia, todos os dias. Só quando entendermos realmente o que estão fazendo vamos saber o que trocar pelo nosso pessoal. E então nós mandaremos neles.

Dan ouvia as palavras da irmã, mas uma parte dele não estava prestando atenção. Aquele Dan tinha deixado as ruas de Florença e estava mergulhado em uma lugar escuro da sua mente.

Um lugar que ele frequentava muito... Um espaço em sua memória onde 39 ingredientes estavam em ebulição.

A fórmula de que antes ele rezava para esquecer.

A fórmula que agora ele entendia fazer parte do seu destino.

Amy era inteligente, e o raciocínio dela fazia sentido. Mas Dan tinha um plano B, uma arma secreta.

O soro de Gideon Cahill.

Capítulo 27

O taxista soltou um suspiro de alívio quando Amy Cahill abaixou o braço e voltou sua atenção para o smartphone em seu bolso. Ele não estava procurando passageiros naquela noite. Estava muito mais preocupado em levar para um lugar seguro o pacote precioso que descansava ao seu lado, no banco do passageiro.

Passou a mão na manga da camisa, e sentiu a cicatriz que ia ombro ao pulso. Ela ainda coçava às vezes, mesmo depois de tantos anos depois do infeliz acidente em que se queimara. Um acidente que podia ser atribuído à odiada família Cahill.

O taxista ignorou o aceno de uma outra possível passageira. Não era um taxista de verdade, afinal. Aquilo não passava de uma fachada. Já tinha usado disfarces antes, assim como dezenas de codinomes... mas nenhum era mais importante quanto este que tinha adotado para este que era o maior projeto de sua vida.

Ele era Vesper Um.